

ANDRÉ VITOR BRANDÃO KFURI BORBA

**“DRAGÕES DE ESPORA E PENACHO”:
representações da identidade do brasileiro nas crônicas
futebolísticas de Nelson Rodrigues**

**ASSIS
2017**

ANDRÉ VITOR BRANDÃO KFURI BORBA

**“DRAGÕES DE ESPORA E PENACHO”:
representações da identidade do brasileiro nas crônicas
futebolísticas de Nelson Rodrigues**

Dissertação apresentada à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, para a obtenção do título de Mestre em Letras.

(Área de Conhecimento: Literatura e Vida Social)

Orientador: Prof. Dr. Francisco Cláudio Alves Marques.

ASSIS
2017

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca da F.C.L. – Assis – Unesp

B726d Borba, André Vitor Brandão Kfuri
“Dragões de espora e penacho”: representações da identidade do brasileiro nas crônicas futebolísticas de Nelson Rodrigues / André Vitor Brandão Kfuri Borba. Assis, 2017.
147 f. : il.

Dissertação de Mestrado – Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis
Orientador: Dr. Francisco Cláudio Alves Marques.

1. Rodrigues, Nelson, 1912-1980. 2. Brasil - Questão racial. 3. Heróis. 4. Crônicas brasileiras. 5. Identidade social - Brasil. I. Título.

CDD 301.447

ANDRE VITOR BRANDÃO KFURI BORBA

“DRAGÕES DE ESPORA E PENACHO”: representações da
identidade do brasileiro nas crônicas futebolísticas de
Nelson Rodrigues

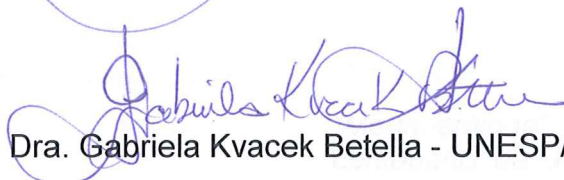
Dissertação apresentada à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, para a obtenção do título de Mestrado Acadêmico em Letras (Área de Conhecimento: Literatura e Vida Social)

Data da Aprovação: 09/10/2017

COMISSÃO EXAMINADORA



Presidente: Prof. Dr. Francisco Claudio Alves Marques - UNESP/ASSIS



Membros: Profa. Dra. Gabriela Kvacek Betella - UNESP/ASSIS



Prof. Dr. Sandro de Cássio Dutra - ASSIS-SP

In memoriam

“Meus amigos”, impossível não mencionar o centenário de João Saldanha, neste ano de 2017. Num momento tão delicado de nossa história, nossos combativos heróis seriam imprescindíveis na trincheira. Obrigado pela sua luta “João Sem Medo”, hoje sentimos sua falta. Mas, “vida que segue”...

A todos nós, que ainda resistimos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que contribuíram com meu crescimento, seja indicando, discordando, discutindo ou apoiando. Sem tudo isso eu seria menos.

Ao meu filho, a delicada fortaleza que me conduz.

À minha esposa, pela paciência e companheirismo.

Ao meu orientador, um resiliente apoiador das minhas viagens e que “comprou” essa ideia.

Aos meus pais.

À bateria, instrumento magnífico, por arejar minha mente.

Ao Botafogo.

Nessa ordem.

“Todos os torcedores de futebol se parecem entre si como soldadinhos de chumbo. Têm o mesmo comportamento e xingam, com a mesma exuberância e os mesmos nomes feios, o juiz, os bandeirinhas, os adversários e os jogadores do próprio time. Há, porém, um torcedor, entre tantos, entre todos, que não se parece com ninguém e que apresenta uma forte, crespada e irresistível personalidade. Ponham uma barba postiça num torcedor do Botafogo, deem-lhe óculos escuros, raspem-lhe as impressões digitais e, ainda assim, ele será inconfundível.” - Nelson Rodrigues

BORBA, André Vitor Brandão Kfuri. “**Dragões de Espora e Penacho**”: representações da identidade do brasileiro nas crônicas futebolísticas de Nelson Rodrigues. 2017. 133 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Letras). Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letra, Assis, 2017.

RESUMO

Nesta peleja serão analisadas trinta e três crônicas futebolísticas de Nelson Rodrigues publicadas no *Manchete Esportiva* e *n´O Globo*, nas décadas de 1950 e 1960, nas quais o cronista elabora um modelo de identidade para o “homem brasileiro” calcado na figura de ídolos negros cujas imagens evoluem em espaços e contextos onde as glórias são efêmeras e tudo ocorre de maneira muito transitória: o futebol e o carnaval. Tais imagens, em constante transformação e, portanto, inacabadas, constituem-se uma espécie de síntese da discussão em torno da indefinida questão racial brasileira. Ao construir uma imagem do negro transmudado em herói, autor de “feitos coletivos”, e por isso mesmo de fácil aceitação popular, o cronista compartilha estrategicamente com o leitor o mesmo “horizonte de expectativas” circunscrito numa época em que o mito da democracia racial de Gilberto Freyre começava a ser questionado. No plano literário, a exaltação do craque negro ajuda a desinstalar do imaginário coletivo o estigma que foi se formando em torno do mulato e do mestiço nas décadas anteriores, preparando, desse modo, sua “aceitação”, promovendo sua “apoteótica” ascensão social e viabilizando sua afirmação moral no imenso e indefinido amálgama de etnias e culturas que compõem o Brasil.

Palavras-chave: Nelson Rodrigues. Questão Racial. Heróis. Crônicas brasileiras. Identidade social.

BORBA, André Vitor Brandão Kfuri. “**Dragons wearing spurs and plumes**”: portraits of the Brazilian identity in Nelson Rodrigues soccer chronicles. 2017. 133 p. Dissertation (Masters in Languages). São Paulo State University (UNESP), School of Sciences, Humanities and Languages, Assis, 2017.

ABSTRACT

Throughout this journey, thirty three soccer chronicles by Nelson Rodrigues, which were published between the 1950s and 1960s in *Manchete Esportiva* and in *O Globo* will be analysed. In these papers, the writer elaborates an identity model for the Brazilian men, based on the the black idols' figures whose images wander in areas and contexts where the glories are transient and everything happens in a very transitional way: soccer and carnival. Such images, in a continuous change, and therefore, unfinished, represent a brief summary of the still indefinite Brazilian racial issue. When the author builds up an image of a black man, transmuted into a hero and able of collective achievements, this black man becomes easily accepted, and the writer strategically shares with his readers the same enclosed expectations of a time where the conceptual racial democracy defended by Gilberto Freyre started to be questioned. In literature, the exaltation of a black soccer star helps to remove the social stigma built around mulattos and mestizos in previous decades from the collective imaginary, preparing his acceptance, promoting his meteoric upward mobility, and facilitating his morale statement, in this huge ethnic and cultural featureless Brazil.

Key words: Nelson Rodrigues. Racial Issues. Heroes. Brazilian Chronicles. Social Identity.

BORBA, André Vitor Brandão Kfuri. “**Draghi con speroni e pennacchi**”: rappresentazioni dell’identità del brasiliano nelle cronache calcistiche di Nelson Rodrigues. 2017. 133 f. Dissertazione (Master in Lettere) Università Statale Paulista (UNESP), Facoltà di Scienze e Lettere, Assis, 2017.

RIASSUNTO

In questa dissertazione saranno analizzate trentatré cronache calcistiche di Nelson Rodrigues pubblicate su *Manchete Esportiva* e su *O Globo* tra gli anni '50 e '60 in cui si suggerisce un modello d’identità all “uomo brasiliano” fondato sulle figure di idoli neri del calcio le cui immagini sono sviluppate in luoghi e contesti in cui le glorie sono effimeri e tutto succede transitoriamente: il calcio e il Carnevale. Queste immagini, in continua evoluzione e quindi incompiute, costituiscono una sorta di sintesi dell’ indefinita discussione sul problema razziale brasiliano. Quando Nelson costruisce l’immagine del nero trasformato in eroe, protagonista di "eventi collettivi", e quindi di facile accettazione popolare, condivide strategicamente con il lettore lo stesso "orizzonte d’attesa", relativo all’epoca in cui il mito della democrazia razziale di Gilberto Freyre cominciava ad essere messo in discussione. Nella finzione, l’esaltazione della figura del nero aiuta a disinstallare dello immaginario collettivo lo stigma che si stava formando attorno alla figura del mulatto e del meticcio nei decenni precedenti, preparando così la loro "accettazione", promuovendo la loro “apoteotica” mobilità sociale e consentendo la loro affermazione morale nell’amalgama immenso e indefinito di etnie e culture che compongono il Brasile.

Parole Chiave: Nelson Rodrigues. Problema razziale. Eroi. Cronache brasiliane. Identità sociale.

BORBA, André Vitor Brandão Kfuri. “**Dragones de espuela y penacho**”: representaciones de la identidad del brasileño en las crónicas futbolísticas de Nelson Rodrigues. 2017. 133 p. Tesis de Maestría. (Maestría académica en letras). Universidad Estadual Paulista (UNESP). Facultad de Ciencias y Letras. Assis. 2017.

RESUMEN

En este debate serán analizadas treinta y tres crónicas futbolísticas de Nelson Rodrigues publicadas en la revista *Manchete Esportiva* y en *O Globo* en las décadas de 1950 y 1960, en las cuales el cronista elabora un modelo de identidad para el “hombre brasileño” diseñado sobre la figura de ídolos negros, cuyas imágenes se desarrollan en espacios y contextos donde las glorias son efímeras y todo pasa de manera transitoria: el fútbol y el carnaval. En estas imágenes en constante transformación y, por lo tanto, inacabadas, se constituye una especie de síntesis de la discusión en torno a la indefinida cuestión racial brasileña. Al construir una imagen del negro transformado en héroe, autor de “hechos colectivos”, y por eso mismo, de fácil aceptación popular, el cronista comparte estratégicamente con el lector el mismo “horizonte de expectativas”, circunscripto en una época en que el mito de la democracia racial de Gilberto Freyre comenzaba a ser cuestionado. En el plano literario, la exaltación del crack negro ayuda a retirar del imaginario colectivo el estigma que se fue formando sobre el mulato y el mestizo en las décadas anteriores, preparando de esta forma su “aceptación”, promoviendo su “apoteótico” ascenso social y canalizando su afirmación moral en la inmensa e indefinida mezcla de etnias y culturas que componen el Brasil.

Palabras Claves: Nelson Rodrigues. Cuestión Racial. Héroes. Crónicas brasileñas. Identidad social.

SUMÁRIO

RESUMO	7
ABSTRACT.....	8
RIASSUNTO.....	9
RESUMEN	10
FORMAÇÃO INICIAL E ESQUEMA TÁTICO.....	12
Formação inicial:	12
Esquema tático:.....	13
INTRODUÇÃO.....	13
AQUECENDO ANTES DE A BOLA ROLAR.....	27
I. Marcus Rashford	27
II. Gabriel Jesus.....	28
1 “Um Ataque Matador”: Futebol, Crônica e Nelson Rodrigues.....	30
1.1 <i>Pré-temporada I: (Um amistoso) – O futebol no imaginário brasileiro</i>	30
1.2 <i>Pré-Temporada II – a Crônica: Gênero Menor ?</i>	41
1.3 <i>Pré-Temporada III – Nelson Rodrigues: “nem santo nem canalha”</i>	44
2 A Ascensão Social e Moral do Negro.....	54
2.1 <i>– Primeiro tempo I (Pontapé inicial) - A derrota</i>	54
2.2 <i>– Primeiro tempo II - O Maracanazo e o debate sobre a democracia racial...</i>	55
2.3 <i>– Primeiro tempo III - A vitória na Suécia e a apoteose do brasileiro</i>	60
3 O Drible e o Herói Brasileiro	66
3.1 <i>Segundo tempo I – Um futebol de poesia, o drible e o gol: a afirmação do herói brasileiro e seus grandes feitos</i>	66
3.2 <i>– Segundo tempo II - A apoteose do craque brasileiro: o drible e a carnavalização fugaz</i>	76
3.3 <i>Segundo tempo III – Nelson Rodrigues ensaísta: representações da identidade brasileira a partir das crônicas de futebol</i>	87
PRORROGAÇÃO E PÊNALTIS - CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	96
PÓS-JOGO - EPÍLOGO	101
Carnaval na lua da cidade	101
FICHA TÉCNICA DO JOGO – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	103
SÚMULA DA PARTIDA – ANEXOS.....	112

FORMAÇÃO INICIAL E ESQUEMA TÁTICO

Formação inicial:

Serão analisadas trinta e três crônicas futebolísticas de Nelson Rodrigues¹ publicadas entre 1955 e 1970, nos jornais *Manchete Esportiva* e *O Globo*, com vistas a refletir e responder as questões levantadas no corpo deste trabalho. O esquema é um tradicional 4-3-3 e as crônicas são:



¹ As crônicas: 5. A realeza de Pelé; 7. Complexo de vira-latas; 11. É chato ser brasileiro; 20. Os que negam Garrincha; 28. O entendido, salvo pelo ridículo; 29. O mais belo futebol da Terra; podem ser encontradas no **Anexo I**.

Esquema tático:

No primeiro capítulo pretende-se estabelecer um panorama sobre três aspectos que constituem o alicerce deste trabalho: futebol, crônica e o autor proposto, buscando o gol pelos flancos com esse ataque matador. A apresentação de algumas representações do futebol na cultura brasileira, e também mundial, demonstra a importância do futebol como fenômeno cultural. Em seguida, alguns aspectos sobre a crônica são analisados e sua importância no caso brasileiro torna-se visível. E, ainda, a presença de Nelson Rodrigues em todo esse contexto e sua contribuição por meio das crônicas são debatidas. No segundo capítulo a peleja segue e a proposta é discutir a questão racial no Brasil, principalmente após o fracasso da Seleção brasileira na Copa de 50. Com isso, será narrada a trajetória desde esse fracasso até o primeiro sucesso brasileiro, no campo do futebol, na Copa de 58, com a presença das discussões acerca dos complexos e traumas brasileiros, notadamente no que diz respeito à democracia racial com a exaltação da figura do negro por Nelson Rodrigues. No terceiro capítulo, mantendo as triangulações envolventes e o esquema altamente ofensivo, o objetivo é apresentar a maneira pela qual se deu a afirmação do craque brasileiro: de fracassado a bem sucedido. Nesse sentido, serão analisadas algumas questões inerentes a essas construções como a presença e a importância do drible para a cultura brasileira, a carnavalização advinda das vitórias e desse drible, e as tentativas de se estabelecer uma identidade para o homem brasileiro, tudo a partir das crônicas de futebol de Nelson Rodrigues. Lembrando sempre que o objetivo é o gol mas, sobretudo, o drible desconcertante.

Boa leitura!

INTRODUÇÃO

Na passagem do século XIX para o século XX, a população mestiça brasileira era vista por suas elites como suscetível, propensa ao ócio e acometida por um forte complexo de inferioridade, enquanto o que se tinha em mente era alcançar o progresso e a civilização por meio do *branqueamento* da população. *A priori*, tais qualificativos negativos teriam sido usados com vistas a desvalorizar o elemento nacional em um momento marcado pela entrada maciça de imigrantes europeus no país. Nas primeiras décadas do século XX, cientistas e intelectuais, preocupados em construir uma imagem que melhor definisse o brasileiro, acabaram por elaborar representações que ajudariam a cristalizar uma imagem instituidora do brasileiro enquanto desqualificado, indolente, avesso ao progresso e à civilização, que permaneceu como uma pecha ou mito, o que acabou se generalizando e abrangendo, de certa forma, o povo brasileiro. (NAXARA, 1998, p. 19)

Irrefutavelmente, tais construções deixaram marcas profundas na psicologia coletiva brasileira passando a determinar o próprio modo como o nacional se auto definia e se colocava diante do estrangeiro, o que explica, pelo menos em parte, o latente complexo de inferioridade do brasileiro ainda muito discutido na década de 1950, e redimensionado por Nelson Rodrigues na expressão “complexo de vira-latas”, assim definido: “Por ‘complexo de vira-latas’ entendo eu a inferioridade em que o brasileiro se coloca, voluntariamente, em face do resto do mundo. Isto em todos os setores e, sobretudo, no futebol.” (RODRIGUES, 1993, p. 51).

Nos primeiros decênios da República, a imagem do brasileiro, fortemente atrelada à figura do caboclo e do mestiço, era representada de forma negativa até mesmo no âmbito da literatura popular em versos. No folheto de cordel *As cousas mudadas*, escrito entre 1910/1912, o poeta Leandro Gomes de Barros esboça uma caricatura do caboclo que, por comodismo ou exclusão social, fica em casa cuidando das panelas, à margem do ideal cosmopolita proposto pelos idealizadores da República: “Chega-se nesses sertões/ N’uma choupana daquela;/ Vê-se o barbado de cócoras/ Alcovitando as panelas;/ Um feixe de lenha junto,/ Atiçando fogo nelas.” (BARROS, s. d., p. 5-6).

Embora no início do século XX essa imagem obscura viesse sendo discursivamente construída em torno do nacional, uma das representações que mais influenciaram na cristalização de uma definição negativa do brasileiro foi, sem

dúvida, a do Jeca Tatu. A fisionomia acabrunhada, a imobilidade e o conformismo do sertanejo, em Leandro Gomes de Barros, antecipam, em muitos aspectos, a representação negativa do caboclo e, por extensão, do brasileiro, condensada na figura do Jeca Tatu. Em 1914 o jornal *O Estado de S. Paulo* publica dois artigos de Monteiro Lobato, “Velha Praga” e “Urupês”, nos quais o caboclo figura como um ser sombrio, parasita da sociedade, impermeável ao progresso e à civilização:

O caboclo é uma quantidade negativa. Tala cinquenta alqueires de terra para extrair deles o com que passar fome e frio durante o ano. Calcula as sementeiras pelo máximo da sua resistência às privações. Nem mais, nem menos. “Dando para passar fome”, sem virem a morrer disso, ele, a mulher e o cachorro – está tudo bem; assim fez o pai, o avô; assim fará a prole empanzinada que naquele momento brinca nua no terreiro. (LOBATO, 1955, p. 275-276).

Entre as décadas de 1920/1940, os modernistas retomam a discussão e o complexo de inferioridade do brasileiro passa a ser matéria literária numa época em que o pensamento brasileiro estava às voltas com a busca pela identidade nacional em contraposição ao estrangeiro e à ameaça que representava a entrada de grandes quantidades de povos considerados superiores – racial ou culturalmente – para um povo ainda em formação, imaturo, como era representado, na época, o brasileiro. Em uma crônica intitulada “Por que sou Jeca Tatu”, do escritor modernista Menotti del Picchia, publicada no *Correio Paulistano* em 1920, a associação do nacional com a figura do Jeca Tatu é reforçada nos seguintes termos:

Nasci sob um clima esplêndido. Só conheço a neve e o outono nos versos dos poetas da Avenida Central, que tomam sorvetes no Alvear, e dos de S. Paulo, que bebem refrescos com canudinhos de taquara. [...] Quando quero passar bem, do meu piquete dou uns tiros nas pombas-rolas ou nos nambus que vêm beber água no cocho. Se meu paladar exige caça, armo mundéus e tenho pacas e coelhos... Mal atiro a semente na roça, o milho grela; o feijão dá como cará. [...] Não preciso, pois, matar-me inutilmente no eito. [...] Por enquanto faço as três cousas que me ensinou Raimundo Correia: pito, durmo e toco viola. O resto fica para depois... (DEL PICCHIA, 1920, p. 3).

No auge das discussões sobre a questão racial brasileira, Menotti del Picchia afirma em uma crônica de 1920, intitulada “Da Estética. Seremos Plagiários?”, ser um falso nacionalismo o que reivindica para o indígena a representação etnológica do fundo racial brasileiro para em seguida, reivindicar o reconhecimento do imigrante europeu na definição do brasileiro, no fortalecimento da “raça”:

O espírito industrial moderno, a nova raça forte, oriunda do cruzamento das raças singenéticas em fermentação no xadrez etnográfico da nossa nacionalidade, absorvem esses túbios resquícios de uma minoria agonizante. Morreu Peri. Morre Jeca Tatu. Surge, afinal, o tipo definitivo do brasileiro vencedor. (DEL PICCHIA, 1920, p. 1).

Para Del Picchia, o tipo nacional só se definiria depois de cruzar-se com as “raças singenéticas” tidas como étnica e culturalmente superiores. Esse novo “Eneas da Roma americana” seria “um ser poligenético, múltiplo, forte, vivo, culto, inteligente, audaz, fruto de muitas raças em combate, resultante de muitos sangues e adaptado, pela força das leis mesológicas, no meio em que surge, temperado pelo clima, plasmado pela força da fatalidade histórica” (DEL PICCHIA, 1920, p. 1). O exemplo de Del Picchia, embora exíguo, é uma clara demonstração de que os parâmetros raça e meio fundamentam o solo epistemológico dos intelectuais brasileiros de fins do século XIX e início do século XX. O sentimento de inferioridade do brasileiro incomodava também outros intelectuais, como Ant3nio de Alcântara Machado que, pelo menos em duas de suas crônicas, publicadas em *Cavaquinho e Saxofone*, trata do assunto em tom de desabafo e ironia. Em “Relações Exteriores”, de 1929, o escritor modernista diz:

O brasileiro tem a suscetibilidade aguda de uma menina de quinze anos. Qualquer cousinha o fere. Por qualquer motivo fica de burro e fecha-se no quarto batendo a porta engolindo soluços. Suscetibilidade de povo adolescente. Falta de traquejo internacional. Caipirismo. Em tudo enxerga uma afronta. Vive desconfiado. De ouvidos bem atentos que é para saber se estão falando mal dele. Depois vaidoso como ele só. Mendiga o elogio estrangeiro (como se dele precisasse para viver). Dá um passo e olha logo para a Europa para ver se a Europa aplaude. Que nem artista de café-concerto. (MACHADO, 1940, p. 68).

Ainda na mesma crônica, A. A. Machado esboça a imagem de um Brasil ainda em formação, entre primitivo e paradisíaco, mas procurando valorizá-lo em relação à Europa, continente às voltas com o “peso morto do passado”:

Entre nós se caçoa muito dos brasileiros que descobrem o Brasil na Europa. [...] Só lá fora mesmo é que se pode fazer uma ideia justa do colosso que isto é. Vendo aqueles homens esgotados. Aquelas campos chupados. Aquelas tradições asfixiantes. Os milhões de vagabundos à força. Aquele desânimo. O cerebralismo doentio dos mentores. A tremenda revolta dos dirigidos. A luta carniceira pela vida. A indecisão do presente. O receio do amanhã. E a fome. O desespero. A esterilidade. Então a gente se lembra de que deixou um país onde tudo está por fazer. E avalia bem a felicidade que isso representa. País virgem à espera de fecundação. Sem o peso morto

do passado. Até sem presente. Vivendo todo para o futuro. País delicioso pelas suas possibilidades ignoradas. País delicioso pelos seus defeitos visíveis. Tão forte e tão pitoresco. Tão grande e tão ingênuo. Tão bonito e tão engraçado. País pixote. Pixote prodígio. De pés no chão e fura-bolos no nariz. (MACHADO, 1940, p. 75).

Para A. A. Machado, embora o brasileiro fosse “um pouco palerma”, “encalistrado”, “macambúzio”, precisava se “desembaraçar”, “virar esperto”, “não se deixar roubar no joguinho de parede”, sugerindo, para tanto, uma identidade para o brasileiro entre o malandro e o anárquico, de modo que, para afirmar-se frente o estrangeiro, o nacional precisava transgredir aquelas normas e modelos de conduta que lhe foram historicamente impostos: “E principalmente quebrar as janelas dos vizinhos com pedra. Todos os dias. E também aprender a vaiar. Bem forte. Com dois dedos na boca. Fazer fiau ao resto do mundo”. (MACHADO, 1940, p. 75) A obsessão de uma afirmação do nacional em relação ao estrangeiro se repete ainda em “Guaranis viajados”, quando A. A. Machado, movido por um declarado sentimento de insatisfação com a imigração, toma como matéria a “caipirice” do brasileiro e sua obsessão em imitar a moda e modelos de sociabilidades tipicamente europeus:

O brasileiro dá um pulo até a Europa e volta botocudo como foi. Reforma o guarda-roupa mas não reforma as ideias. Seu espírito fivela de crítica e observação faz com que ele se assombre justamente diante daquilo que a Europa tem de horrível e insuportável: o peso de suas tradições milenárias. [...] Ao invés de vaiar, gozando a sua superioridade, aplaude tamanha inferioridade, invejando-a. (MACHADO, 1940, p. 141-142).

As citações acima reúnem uma série de questões que vinham sendo objeto de discussão entre os intelectuais brasileiros, desde a primeira geração de modernistas até os nossos dias. A mais densa dessas discussões esteve sempre centrada na questão da formação do caráter nacional, na busca por uma identidade do brasileiro, na valorização do elemento nacional. Vale ressaltar que as crônicas de A. A. Machado, diferentemente das de Del Picchia, não fazem menção aos termos cor e raça.

Por volta dos anos 20 e 30 o esforço de transformar o Brasil numa sociedade branca europeia tinha fracassado – os imigrantes começavam a incomodar as elites brasileiras porque importavam para o Brasil as doutrinas estrangeiras do anarquismo e socialismo e um estilo novo e mais militante de organização trabalhista. Como consequência desse desencanto, questões relacionadas com o desenvolvimento

futuro do país e do caráter racial de sua identidade nacional são retomadas. Nesse cenário destaca-se a figura do sociólogo Gilberto Freyre que, em contraposição à ideia de europeização do Brasil, sugere a aceitação da ideia de que o Brasil estaria destinado a se sobressair no cenário mundial como um “novo mundo nos trópicos”. Tais ideias, presentes, sobretudo em *Casa Grande e senzala*, *Sobrados e mucambos*, elaboram uma imagem do Brasil despontando como um experimento exclusivamente americano no qual europeus, índios e africanos se mesclariam para compor uma sociedade genuinamente multirracial e multicultural. Freyre entendia o Brasil como uma democracia racial: “uma das uniões mais harmoniosas da cultura com a natureza e de uma cultura com a outra que as terras deste hemisfério já conheceu”. (FREYRE, 1998, p. xii) Na acepção de Freyre, tal democracia racial era simbolizada e corporificada pelos mulatos racialmente mistos sendo este o elemento mais marcadamente brasileiro da sociedade nacional. Com isso, o sociólogo colocava em xeque as alegações dos racistas científicos para quem “o mulato é incapaz de alcançar uma estabilidade como um igual social e intelectual do homem branco” (ANDREWS, 1997). Nas suas alegações, argumentava:

[...] no senso de corresponder mais intimamente ao meio brasileiro e de uma adaptação mais fácil e possivelmente mais profunda aos seus interesses, aos seus gostos, às suas necessidades, o mestiço, o mulato ou, para colocar de uma maneira mais delicada, a pessoa de cútis escura, pareceria exibir maior capacidade de liderança que o branco ou o quase branco. (FREYRE, 1990, p. 416).

Após destacar a capacidade de liderança do mestiço e do mulato, Freyre conclui: “o Brasil está se tornando mais e mais uma democracia racial, caracterizada por uma combinação quase singular de diversidade e unidade”. (FREYRE, 1990, p. 431) Embora as teorias de Freyre tenham se tornado a base de uma nova ideologia sobre a questão racial e cultural brasileira, o fato é que a partir da década de 1950, contexto das nossas crônicas futebolísticas, a ideia de um Brasil como uma democracia racial começa a ser questionada. De acordo com George Reid Andrews, professor de História na Universidade de Pittsburg (EUA), a democracia racial brasileira só começou a ser questionada por escritores e pesquisadores a partir do momento em que eventos e influências internacionais começaram a exercer pressão sobre o Brasil, de fora de suas fronteiras. (ANDREWS, 1997) O primeiro desses eventos incluía uma série de projetos de pesquisa que colocava em foco as relações raciais brasileiras, realizada por intelectuais brasileiros, norte-americanos e

franceses no início dos anos 50, com o apoio da recém-criada Unesco. Os recentes horrores do nazismo e do holocausto motivam a Unesco a adotar, como parte de sua missão institucional, o combate ao racismo em escala internacional e, nesse cenário, a democracia racial brasileira apresentava-se como uma alternativa no sentido de se compreender como o igualitarismo racial havia ocorrido no Brasil e como funcionava na prática. A Divisão de Ciências Sociais da Unesco empreende uma série de pesquisas em algumas cidades do Sudeste industrializado – São Paulo e Rio de Janeiro – e em várias cidades mineiras, bem como na Bahia e em Pernambuco.

Quanto aos resultados da pesquisa, George Reid Andrews (1997) observa que “[...] não foram os esperados. Todas as equipes constataram elevados níveis de desigualdade entre as populações branca e não-branca, além de fortes evidências de atitudes e estereótipos racistas”. As equipes que se dirigiram ao Nordeste puderam constatar que tais desigualdades expressavam mais as diferenças de classe que as diferenças raciais, de modo que os negros sofriam discriminação mais pelo fato de serem pobres; contrariamente, as equipes destinadas às cidades do Sudeste, sobretudo do Rio e São Paulo, concluíram que as desigualdades decorriam do preconceito e da discriminação baseados na raça, apontando as diferenças no tratamento de acordo com os brancos e negros da classe trabalhadora e as enormes dificuldades enfrentadas por negros e mulatos cultos e qualificados que lutavam para ascender à classe média. (ANDREWS, 1997).

O segundo evento ocorre na mesma época dos projetos da Unesco, 1950, e girou em torno do episódio em que a dançarina afro-americana Katherine Dunham teve sua admissão recusada no Hotel Esplanada de São Paulo, onde ela tinha feito reservas durante a excursão com sua Companhia no Brasil. As denúncias da dançarina, somadas ao fato de ela ser americana e artista renomada, geraram uma repercussão sem precedentes que culminou com a aprovação, pelo Congresso, no ano seguinte, do primeiro estatuto contra a discriminação no Brasil, a Lei Afonso Arinos, de 1951 que incluía entre as convenções penais a prática de atos resultantes de preconceito de raça e cor da pele. (ANDREWS, 1997).

Quase quatro décadas depois de Del Picchia e de A. A. Machado, discussões em torno da questão racial brasileira ainda incitavam intelectuais como Nelson Rodrigues, cujos escritos, selecionados para a nossa pesquisa, publicados no *Manchete Esportiva* e *n’O Globo*, entre 1955 e 1970, esboçavam preocupações

semelhantes às de A. A. Machado, porém em novas linguagens e contextos. Como A. A. Machado, Nelson Rodrigues acreditava também que as potencialidades brasileiras eram ignoradas pelas elites e, sobretudo, pelos “entendidos”, estes, intelectuais da imprensa recorrentemente criticados pelo cronista/dramaturgo. Tais jornalistas continuavam endossando a opinião daqueles que pregavam a inferioridade racial e moral do brasileiro. Segundo Nelson Rodrigues, essa postura fazia também dos jornalistas esportivos um retrato vivo do próprio “homem brasileiro”, sempre tomado por uma incontrolável tendência à autonegação². Ainda segundo Nelson, o brasileiro sentia um forte ufanismo às avessas, sentimento que teria sido reforçado com o fracasso da copa de 1950: “O brasileiro gosta muito de ignorar as próprias virtudes e exaltar as próprias deficiências, numa inversão do chamado ufanismo. Sim, amigos: - somos uns Narcisos às avessas, que cospem na própria imagem.” (RODRIGUES, 1993, p. 30).

Apesar das inúmeras divergências sobre o Brasil ser ou não ser uma democracia racial nas décadas de 50 e 60, parte das ideias desenvolvidas por Gilberto Freyre sobre a questão racial continuaria sendo endossada por intelectuais como Nelson Rodrigues, que conduz a discussão para um campo específico: o futebol, espaço que representava uma possibilidade de ascensão social e afirmação moral para mestiços e mulatos; onde podiam demonstrar suas habilidades, força e capacidade de liderança. O mais interessante é que, em suas crônicas, como tinha feito A. A. Machado, persiste ainda aquela obsessão de uma definição da identidade do brasileiro em relação ao estrangeiro. Seria o caso de perguntarmos aqui sobre o porquê desta insistência em buscarmos, ainda nas décadas de 50 e 60, uma identidade que se contraponha ao estrangeiro.

O que se observa nas crônicas futebolísticas de Nelson, em que a figura do craque negro é elevada à categoria de herói nacional, é uma tentativa de dar continuidade às ideias de Freyre, transformando a negatividade do mestiço e do mulato em positividade, permitindo redesenhar os contornos de uma identidade que há muito vinha sendo esboçada. Em suas crônicas Nelson reelabora uma ideologia da mestiçagem que estava aprisionada nas ambiguidades das teorias racistas, contribuindo para que tal ideologia pudesse se difundir socialmente e se tornasse senso comum, ritualmente celebrada nas relações do cotidiano das quais o futebol é

² Manchete Esportiva, 9.2.1957.

parte importante no cenário brasileiro. Ao fazê-lo, propõe a ascensão social do negro, integrando-o definitivamente, pelo menos no plano das crônicas, à imensa colcha de retalhos étnica da identidade nacional.

Pretendemos inserir as crônicas de futebol selecionadas para esta pesquisa no âmbito das discussões sobre a representação do brasileiro, em constante formação e transformação, e da questão racial vigente à época de Nelson Rodrigues; no âmbito das discussões suscitadas pelos eventos que marcaram o recomeço do debate sobre o Brasil ser uma democracia racial no início da década de 1950. Na nossa análise não podemos ignorar o fato de que os anos 50 registraram, no plano político, um forte sentimento nacionalista e a consolidação de uma política populista e, no plano econômico, projetos de modernização para o Brasil. As crônicas de Nelson não ficam à margem desses acontecimentos, apresentando-se também como um espaço em que questionamentos sobre a real capacidade do povo brasileiro na viabilização de tais projetos são recorrentes.

No espaço da crônica rodrigueana, o craque de “cor” e de baixa extração social, ao driblar as dificuldades individuais e coletivas e conseguir galgar parte das barreiras impostas pela sociedade, consegue se sobressair com a maestria dos heróis consagrados, ora pela História, ora pela literatura erudita, ora pela cultura popular, projetando-se, desse modo, como um modelo a ser considerado na definição da identidade do homem brasileiro. Quando Nelson escreve suas crônicas o futebol já havia se integrado à vida e à cultura do povo brasileiro, passando a ser visto como um elemento definidor de brasilidade, algo que se projetava como síntese da alma e do “jeito de ser” do brasileiro. Enquanto retrata as partidas de futebol por meio da crônica, Nelson redimensiona a repercussão dos fatos que se lhe apresentam como matéria-prima, recurso estilístico que passa a auxiliá-lo em questões recorrentes, como as definições e análises do homem brasileiro e de suas características pessoais.

Para Nelson (apud ANTUNES, 2004, p. 215), o universo do futebol se oferecia como palco ao desfile dos dilemas, dramas e frustrações do ‘homem brasileiro, cabendo ao cronista colocar-se diante dele, observar sua dinâmica, seus movimentos, e eternizá-los sob a forma de literatura. Na verdade, o cronista concebia o futebol como um espetáculo revelador dos dramas coletivos ao afirmar que durante uma partida, “a bola é um reles, um ínfimo, um ridículo detalhe. O que

procuramos no futebol é o drama, é a tragédia, é o horror, é a paixão” e que até mesmo uma simples pelada “é de uma complexidade shakespeariana”³.

Embora as teorias sobre a democracia racial, com as quais Nelson dialoga, previssem uma efetiva colaboração do mestiço e do mulato na definição da identidade brasileira, no universo da crônica rodrigueana essa inserção do negro passa por uma reelaboração de sua imagem que não raro extrapola os limites da realidade. O fato é que a exaltação da força e do caráter aguerrido do negro está totalmente desvinculada de suas origens africanas. Em nenhum momento sua agilidade é dada como uma herança cultural associada às figuras de orixás como Ogum e Xangô, por exemplo. Em Nelson, a criatividade e a invencibilidade dos heróis negros do futebol remetem ao *bogatyř* primordial, aos heróis do romanceiro e do anedotário popular, cujas proezas e invulnerabilidade tangenciam o sobrenatural. Na verdade Nelson atualiza arquétipos do mito heroico instalados no inconsciente coletivo com os quais o leitor imediatamente se identifica, ajudando a desconstruir, estrategicamente, o discurso de desvalorização do elemento negro.

Nas crônicas, a figura do jogador negro aparece desassociada também da dos anti-heróis da literatura popular. Basta citarmos o caso do craque Jaguaré citado na crônica “Bocage no futebol”, de 1956. Na década de 40 o ídolo deixou o futebol brasileiro e foi jogar na Europa, no entanto, seu espírito brincalhão e suas travessuras durante as partidas parecem não ter agradado os europeus, que o dispensaram sem muitos recursos para retomar a vida no Brasil. Depois de tê-lo comparado ao Bocage do anedotário brasileiro, pelos palavrões que proferia em campo, Nelson relata que ele morreu na miséria, “Mas feliz, porque pôde soltar, no idioma próprio, seus últimos palavrões terrenos” (RODRIGUES, 1992, p. 18) e, como tantos outros heróis ladinos da cultura popular, recusando-se a reentrar na ordem.

Outras vezes a insistência em atribuir dribles e vitórias fenomenais às pernas tortas de Garrincha acaba quase por identificar no craque aquelas habilidades típicas dos antigos gnomos camponeses, bizarras criaturas carnavalescas descendentes dos demônios da fertilidade agrária. Em outros momentos, o herói negro de Nelson avizinha-se, por sua atuação e função social, do *trickster* ancestral e de sua versão moderna, o Malasartes brasileiro, herói ladino que quase sempre tira proveito da desvantagem, subvertendo a ordem. Sobre a partida Brasil 2 x 0

³ Manchete Esportiva, 24.8.1957.

União Soviética, de 15/6/1958, em que a URSS era apontada como um adversário forte na Copa por seu “futebol científico”, Nelson Rodrigues (1993, p. 53) relata que “a desintegração da defesa russa começou exatamente na primeira vez em que Garrincha tocou na bola. Eu imagino o espanto imenso dos russos diante desse garoto de pernas tortas, que vinha subverter todas as concepções do futebol europeu”.

Assim é narrada a atuação de Garrincha na partida Brasil 4 x Chile 2, de 13/6/1962: “E o Mané, com suas pernas tortas e fulgurantes, com o seu olho rútilo e também torto, pôs os Andes de gatinhas, ou de cócoras, sei lá” (RODRIGUES, 1993, p. 89). Na mesma crônica, para se referir à invencibilidade de Garrincha e à derrota do adversário estrangeiro, Nelson elabora metáforas dionisíacas e antropofágicas que remetem ao carnaval, a Rabelais e a *Macunaíma*: “No segundo gol, Mané deu uns dez salames dionisíacos. Comeu com aquele apetite imortal toda a defesa inimiga. E comeu o juiz e comeu o bandeirinha”.

Segundo E. M. Meletínski, o caráter obstinado e furioso, que é parte integrante da imagem arquetípica do herói, ajudam a modelar, até certo ponto, a consequente emancipação de sua personalidade, expressa naturalmente um aspecto dela, no entanto, sua trans ou superpersonalidade se sobressai como um fator dominante e seus feitos “coletivos” são tão imediatos que não há vestígio de “obrigação” ou de “reflexão” (MELETÍNSKI, 2002, p.67), como nesta versão moderna do herói negro Garrincha:

[...] _ chamavam este homem de retardado! Só agora começamos a fazer-lhe justiça e a perceber a sua superioridade. Comparem o homem normal, tão lerdo, quase bovino nos seus reflexos, com a instantaneidade triunfal de Garrincha. Todos nós dependemos do raciocínio. [...] Ao passo que Garrincha nunca precisou pensar. Ele não pensa. (RODRIGUES, 1993, p. 63).

Quanto aos feitos “coletivos” do herói arquetípico, eles encerram, na verdade, a ideia de que a superpersonalidade do herói atua como encarnação da autodefesa coletiva. Embora os “feitos” do herói sejam com frequência entendidos como fazendo parte do plano de sua biografia, como sua “consagração” (MELETÍNSKI, 2002, 56) num plano mais geral eles parecem atender aos anseios de sua coletividade, passando a ser também os “feitos” desta. O escrete brasileiro é o Brasil, diz Nelson, e as vitórias do futebol brasileiro representam também uma vitória

da nação como um todo. O milésimo gol de Pelé foi, para Nelson, o “gol” de toda a nação brasileira:

De repente, como patrícios do guerreiro, cada um de nós sentiu-se um pouco co-autor do feito. Pelé voou, arremessou-se dentro do gol. Agarrou e beijou a bola. E chorava, o divino crioulo. Cem mil pessoas, de pé, aplaudiam como na ópera. [...] Naquele momento éramos todos brasileiros como nunca, apaixonadamente brasileiros (RODRIGUES, 1993, p. 159-160).

Na crônica “O Belo Milagre das Vaias” em que se narra o episódio da partida da seleção brasileira para a Copa do México, em 1970, o cronista, atualiza, em parte, a arquetípica condição do “enjeitado” presente no mito heroico. Depois de ter sido vaiada pelos brasileiros e criticada pela imprensa, a seleção parte desacreditada, diz Nelson Rodrigues (1993, p. 167):

Graças a Deus o escrete parte. O que nem todos percebem é que o time nacional leva um maravilhoso trunfo. No México, ele se sentirá muito menos estrangeiro do que aqui. E estará protegido pela distância. [...] Se me perguntarem o que deverá fazer a seleção para ganhar a Copa, direi, singelamente: - “Não nos ler”. Sei que as nossas crônicas vão aparecer, por lá, como abutres impressos.

Apesar do descrédito, a seleção vai vencendo, gradativamente, todas as partidas no México, como o herói “baixo”, o herói “do qual não se espera nada” que, desapercivelmente e aos poucos vai revelando sua essência heroica e triunfa sobre seus inimigos e rivais. A situação inicial desvantajosa do herói, o escrete brasileiro desacreditado, recebe em Nelson, como no mito heroico, um matiz social, no entanto, o rebaixamento social é dominado pela elevação do *status* social após as provações: de vaiados a tricampeões. No dia 22/06/1970, Nelson introduz e conclui a crônica “Dragões de Espora e Penacho” glorificando o apoteótico tricampeonato:

Desde o Paraíso, jamais houve um futebol como o nosso. Vocês se lembram do que nossos “entendidos” diziam dos craques europeus. Ao passo que nós éramos quase uns pernas-de-pau, quase uns cabeças-de-bagre. Se Napoleão tivesse sofrido as vaias que flagelaram o escrete, não ganharia nem batalhas de soldadinhos de chumbo. (RODRIGUES, 1993, p. 191).

Como no mito heroico, em Nelson o arquétipo do herói atualizado na figura dos craques negros brasileiros apresenta-se também engenhosamente ligado ao do anti-herói, o qual se une ao herói numa única pessoa. Na grande maioria das crônicas selecionadas, o cronista introduz com maestria, na argamassa com que

vem construindo seus heróis, medidas do herói épico, do mítico e do fabuloso, sem deixar de adicionar, no acabamento de suas monumentais figuras, uma dosagem daquilo que todo o brasileiro tem de Malasartes e Macunaíma, os anti-heróis “sem nenhum caráter” da cultura nacional. Aliás, é o que os craques de Nelson têm de mais genuinamente brasileiro nas suas composições. Na crônica “À Sombra dos Crioulões em Flor” Nelson exalta a destreza e a astúcia gnômica de Tostão quando marca um gol contra a Inglaterra do modo menos convencional:

Foi um assombro. Em pé, Tostão já é pequeno, pequeno e cabeçudo como um anão de Velasquez. Imaginem agora deitado. Os ingleses ficaram indignados e explico: _ um gol como o de Tostão desafia toda uma complexa e astuta experiência imperial (RODRIGUES, 1993, p. 150).

O estatuto literário do gênero crônica, somado à inventividade de Nelson, opera uma “desrealização do real” sem precedentes na literatura brasileira. Nele, para o recorte que nos interessa aqui, a representação dos espaços em que ocorrem as celebrações do futebol e a construção positiva da imagem do craque negro enquanto representação do “homem brasileiro” se dá a partir da combinação de imagens, metáforas e arquétipos emprestados, sobretudo, do teatro, do romanceiro popular e do carnaval, esta última, manifestação em que as inversões sociais e as hierarquias são abolidas apenas temporariamente, enquanto dura a festa. Aqui, instaura-se, então, um paradoxo: a construção de identidades feitas para durar e servir de modelo para o “homem brasileiro” se dá exatamente em um contexto onde coroamentos e destronamentos são uma constante; um espaço onde todas as glórias são transitórias.

Nas trinta e três crônicas selecionadas o apelo ao sobrenatural e a euforia do futebol vêm somar-se às imagens efêmeras do carnaval. Nelson relata que, durante as apoteóticas celebrações futebolísticas – e a partir desse momento da nossa pesquisa passaremos a refletir sobre a vitalidade do mito da democracia racial de Gilberto Freyre e a impossibilidade de se desenhar um modelo acabado para a identidade do brasileiro –, todas as hierarquias são abolidas e que, diante das fabulosas vitórias do escrete, todos se sentem igualmente brasileiros. Aqui, deparamo-nos inevitavelmente com o utópico. Por ocasião da conquista do bicampeonato, em 1962, Nelson relatava entusiasticamente que o time vitorioso, formado por “negros ornamentais, folclóricos, divinos”, tinha conseguido realizar três proezas: deslumbrar o mundo, superar o complexo de vira-latas e aproximar

democraticamente todos os brasileiros: “Súbito o brasileiro, do pé-rapado ao grã-fino, do presidente ao contínuo, o brasileiro, dizia eu, assume uma dimensão inesperada e gigantesca.” (RODRIGUES, 1993, p. 92). Promovendo, como no carnaval, uma inversão temporária dos papéis sociais e, por conseguinte, das hierarquias: “O bêbado tombado na sarjeta, com a cara enfiada no ralo, também é rei. Somos 75 milhões de reis” (*idem*).

Mas, como no carnaval, no futebol o mesmo povo que coroa seu craque/herói também promove seu destronamento. Segundo Nelson, “No futebol, a apoteose está sempre a um milímetro da vaia”. Na crônica “O Grande Sol do Escrete”, a filosofia de palco e de arquibancada de Nelson é colocada em prática para retratar o episódio em que o rei Pelé, à guisa do rei bufão do carnaval medieval, é destronado por seus súditos após uma partida frustrada entre Brasil e Inglaterra:

Mas, como ia dizendo: _ vaiaram Pelé os noventa minutos. Posso dizer que influiu na vaia, além do mais, um certo cansaço, um certo tédio do mito. A multidão precisa destruir os mitos que promove. A partir de então, não só o homem de arquibancada, também os entendidos, também os técnicos, também os cronistas – começaram a meter a picareta na estátua de Pelé. Tem sido uma alegre demolição. (RODRIGUES, 1993, p. 73).

Por um lado, Nelson propõe um modelo de identidade para o “homem brasileiro” calcado na figura do negro que evolui em espaços onde as glórias são efêmeras e tudo ocorre de maneira muito transitória: o futebol e o carnaval. Por outro lado, tais imagens em constante transformação e, portanto, inacabadas, constituem-se uma espécie de síntese da discussão em torno da indefinida questão racial brasileira. No mais, ao construir uma imagem do negro, mas não só dele, com arquétipos emprestados do herói mítico, fabuloso, invencível e por isso mesmo, popular, Nelson consegue penetrar no inconsciente coletivo brasileiro, em que tais arquétipos vinham se sedimentando desde o início da formação do Brasil, promovendo, desse modo, a aceitação do mestiço e do mulato transmudado em herói, autor de “feitos coletivos”; viabilizando sua ascensão social e sua afirmação moral no imenso e indefinido amálgama de cores e culturas que compõem o Brasil. Pretendemos confirmar nossas hipóteses com base nas trinta e três crônicas selecionadas e, concomitantemente, responder as seguintes questões: que tipo de diálogo o cronista estabelece com as teorias sobre a democracia racial e quais os recursos estilísticos empregados na construção de uma imagem positiva do negro no espaço da crônica? Em que medida o processo de “desrealização do real”,

centrado no espetáculo do futebol e nas habilidades do craque brasileiro, interfere no processo de construção da identidade do brasileiro nos anos 50 e 60? De que maneira Nelson Rodrigues executa esse projeto de construção identitária para o brasileiro, apropriando-se de todos esses recursos, em suas crônicas escritas no período em questão?

AQUECENDO ANTES DE A BOLA ROLAR...

I. Marcus Rashford

Em 25 de fevereiro de 2016, em função de vários desfalques no elenco do Manchester United, o técnico Van Gaal é obrigado a escalar garotos da base para o jogo entre Manchester United e Midtjylland, válido pela Liga Europa. Na ocasião, o time de Old Trafford precisava da vitória, com diferença de três gols, para se classificar. O resultado final do jogo foi 5 a 1 em favor do time da casa com brilhante atuação de Marcus Rashford, um menino de 18 anos, que se tornou o mais novo marcador de gols da competição anotando dois.

Três dias depois, em 28 de fevereiro, no clássico contra o rival Arsenal, fez mais um gol, e deu uma assistência para outro, se tornando também o mais jovem a marcar no clássico, na história da *Premier League*, o campeonato inglês.

O que se viu após isso foi uma histeria da torcida exigindo a escalação do jovem, o aumento na venda de camisetas e a declaração do então técnico da seleção inglesa que afirmou: “Eu venho assistindo o Rashford há dois anos, então eu já tenho conhecimento sobre ele há um longo tempo. Ele está no nosso sistema e joga na equipe sub-18, onde há jogadores que acreditamos ter um futuro brilhante. Estamos satisfeitos por ele e demais jovens estarem recebendo chances de começar jogos em suas equipes”⁴. Acrescente-se a isso o aumento de salário do jogador que saltou de 1,5 mil libras esterlinas semanais, para 10 mil libras semanais, podendo chegar a 15 mil libras em função da sua produção em campo.

Quer dizer, em apenas dois jogos, um menino negro e pobre do subúrbio da cidade de Manchester se tornou um herói, a partir do universo do futebol. Existem inúmeros casos, em todos os cantos do mundo, desse fenômeno fugaz que eleva um desconhecido ao *status* de celebridade. O futebol, hoje assistido por bilhões de pessoas, é um negócio essencial para a engrenagem capitalista. Mas, mais importante que isso, é a possibilidade de milhões de crianças pobres e sem perspectiva alcançarem a fama e a autossuficiência material no que representa, talvez, uma das únicas formas em que se há essa possibilidade de mobilidade social.

⁴ Entrevista disponível em: <<http://www.gazetaesportiva.com/campeonato-eurocopa/heroi-do-united-rashford-ja-e-acompanhado-pelo-tecnico-da-inglaterra/>>. Acesso em : 22 de março de 16.

II. Gabriel Jesus

Gabriel Jesus, nascido no Bairro do Limão, em São Paulo, assinou contrato com o Palmeiras em 1 de julho de 2013. No momento, a promessa tinha 17 anos e, já na estreia, foi artilheiro do campeonato Sub-17, com 16 gols, mesmo tendo iniciado na reserva. Em seu primeiro ano no time, foi campeão e acabou por marcar 54 gols em 48 partidas. Com um ano e 6 meses de clube, já possuía dois títulos internacionais. Em 2014, assinou contrato por cinco anos e foi promovido ao time principal alviverde pelo treinador Oswaldo de Oliveira.

Gabriel fez sua estreia como profissional em 7 de março de 2015 e, em 2 de dezembro do mesmo ano, derrotou o Santos e sagrou-se campeão pela Copa do Brasil. Em 2016, mesmo com o time eliminado da Taça Libertadores da América, acabou sendo o artilheiro do torneio. Ainda foi campeão brasileiro com o mesmo Palmeiras e foi considerado pela imprensa o melhor jogador da temporada brasileira.

Gabriel Jesus já havia assinado com o *Manchester City*, em 3 de agosto de 2016, por 27 milhões de libras esterlinas. No seu contrato, ainda, constava cláusulas de desempenho com potencial de aumento no valor dos ganhos. Em outra cláusula, porém, exigiu sua permanência no Brasil, até o fim do mesmo ano, para que pudesse se tornar um ídolo do clube que o revelou. Foi liberado então para o time inglês em janeiro de 2017.

Estreou pelo *City* no empate em 2 a 2, contra o Tottenham, em White Hart Lane, campo do adversário, entrando no segundo tempo. Uma semana depois se tornou titular no time dirigido pelo renomado técnico Joseph Guardiola, que, aliás, foi quem ligou pessoalmente ao atacante solicitando sua ida ao time de Manchester.⁵

Aqui percebemos, mais uma vez, a ascensão meteórica de um jogador pobre ao status de estrela. Mais um herói que surge dos subúrbios e favelas para alcançar o topo no mundo do futebol. Um herói, que dribla as adversidades da vida para vencer o sistema, dentro de campo, com gols e dribles que encantam os torcedores de times hoje globais.

Não se pode esquecer que esse fenômeno não é absolutamente novo. Desde que o futebol entranhou na cultura dos países, ele possibilitou essa ascensão. Assim, também, percebemos todos esses fenômenos nas crônicas de Nelson

⁵ Reportagem disponível em: <<http://zh.clicrbs.com.br/rs/esportes/noticia/2016/09/a-historia-de-gabriel-jesus-o-craque-do-palmeiras-que-encanta-o-brasil-7413888.html>>. Acesso em 15 abril 2017.

Rodrigues publicadas nos jornais. Evidentemente, ainda não vivíamos em uma era em que havia a superexposição pela TV e, mais recentemente, pelas redes sociais. Hoje tudo é muito mais rápido e fugaz, embora no futebol essa roda da fortuna sempre tenha havido. Nelson Rodrigues hoje é visto até como ensaísta, não só pela sua capacidade de reinventar as jogadas mas, além disso, por ter proposto uma identidade para o homem brasileiro. Ele, mais do que qualquer outro, empreendeu essas construções desses craques-heróis em suas crônicas, publicadas num período importante para a construção do mito do futebol nacional e, portanto, segundo ele próprio, de forma indissociável do homem brasileiro.

Com estilo “lírico e cortante Nelson adjetiva a vida e os homens com uma audácia exemplar. Chuteiras sangrando pela doce abstração do gol.” Enfim, esse comentário de Armando Nogueira (1993, Orelha do livro), sobre a coletânea *À sombra das chuteiras imortais*, encerra sobre como os textos de Nelson foram um marco essencial para consolidar a relação da sociedade brasileira com o futebol, elevando-a ao status de Pátria em Chuteiras. Veremos a seguir os elementos usados pelo autor para empreender esse elo desde então inquebrável entre o futebol e o Brasil.

1 “Um Ataque Matador”: Futebol, Crônica e Nelson Rodrigues

1.1 *Pré-temporada I: (Um amistoso) – O futebol no imaginário brasileiro*

Diz uma lenda que na China, entre 2000 e 1500 a. C., guerreiros inventaram uma curiosa e macabra diversão para relaxar após a tensão das batalhas: chutar o crânio de um inimigo procurando fazê-lo ultrapassar duas estacas de bambu fixadas no chão. Assim, teria sido o primeiro movimento no sentido de chutar uma bola. A cosmologia prega que a bola é redonda e o terreno é quadrado, como o céu e a terra. Na América Central, por volta de 900 a.C., o *tlachtli* era disputado num espaço retangular, com dois grupos de jogadores que deveriam trocar passes sem deixar uma pequena e pesada bola de borracha cair. Na Grécia clássica, o *epyskiros* também era jogado em campo retangular e o objetivo era introduzir uma bola recheada de ar e areia num espaço determinado pelos participantes. (FRANCO JUNIOR, 2007, p. 15-16)

Em Florença, no século XVI, no espírito do Renascimento, surgiu, e talvez relacionada ao *harpastum* (versão romana, talvez assimilada dos gregos), uma nova versão do jogo: o *calcio fiorentino* (**Anexo II**). Essa “nova versão” é a que veio a originar o futebol como o conhecemos. Era jogado em praça pública (Piazza Santa Croce), por um número fixo de jogadores, com regras codificadas por Giovanni di Bardi. Havia a figura do árbitro (eram 10) para controlar o certame. Num terreno, também dimensionado rigidamente, se distribuíam três defensores (*datori addietro*); quatro outros defensores (*datori innanzi*); cinco intermediários (*sconciatori*) e quinze atacantes (*innanzi*). As partidas de *calcio*, jogadas no período do Carnaval, duravam uma hora cada e ocorriam num espaço de cem por 48 metros. (FRANCO JUNIOR, 2007, p. 16)

O *calcio fiorentino* era praticado por todos os segmentos sociais e possuía uma grande quantidade de adeptos. A partir da segunda metade do século XVI ele se tornou exclusividade da nobreza, mas, ainda assim, estima-se o número de espectadores por volta de 40 mil pessoas, com Leonardo da Vinci entre eles, enquanto Maquiavel já dava suas botinadas. A Família Medici tinha esse esporte como ingrediente para suas festas e também por enxergar nele um treinamento paramilitar. (FRANCO JUNIOR, 2007, p.17)

Entre outras manifestações semelhantes a “chutar uma bola numa direção”, houve ainda a *soule*, surgida no norte francês do século XII, e que se generalizou

duzentos anos mais tarde. Na Inglaterra, a prática de jogos com bola, está documentada desde 1174. Por ocasião da festa popular da Schrovetide (coincidente com a Terça-Feira Gorda do calendário cristão), os ingleses utilizavam a bola como uma representação da cabeça do chefe invasor, numa comemoração pela expulsão dos dinamarqueses da ilha britânica.

Diante desse pequeno panorama, é inegável a importância do futebol para a história das civilizações. Hilário Franco Junior (2007, p. 394), em seu livro, *A dança dos deuses*, afirma que o futebol é um “fenômeno cultural total”, apresentando-se como metáfora de cada um dos planos essenciais do viver humano nas condições históricas e existenciais cujas relações com esses mais variados campos do saber humano ajudam não só a justificar a prática do esporte, mas a entender a sociedade em que vivemos.

No Brasil, o pontapé inicial foi atribuído a Charles William Miller, filho de um engenheiro escocês radicado no Brasil. Em 1894, após ser enviado à Inglaterra para estudos, Miller retornou e trouxe na bagagem um “arsenal litúrgico”: um par de chuteiras, dois uniformes, duas bolas, uma bomba de ar, um livro de regras e um desejo de desenvolver esse ‘novo esporte’ entre seus pares.” (FRANCO JUNIOR, 2007, p. 60) Em 14 de abril de 1895, foi disputada a primeira partida oficial de *football* no país e, ao longo do século XX, o futebol cresceu e ocupou, cada vez mais, espaço no cotidiano do brasileiro.

Essa ocupação permeou diversas formas de representação culturais. Chico Buarque, em 1989, compôs “O futebol” cristalizando em verso, ritmo e melodia, a força de construção que se deu no período áureo do futebol brasileiro, com destaque para Didi, Pelé e os dribles de Garrincha:

O futebol

Para estufar esse filó

Como eu sonhei

Só

Se eu fosse o Rei

Para tirar efeito igual

Ao jogador

Qual

Compositor

Para aplicar uma firula exata

Que pintor

Para emplacar em que pinacoteca, nega

Pintura mais fundamental

Que um chute a gol

Com precisão
De flecha e folha seca

Parafusar algum João
Na lateral
Não
Quando é fatal
Para avisar a finta enfim
Quando não é
Sim
No contrapé
Para avançar na vaga geometria
O corredor
Na paralela do impossível, minha nega
No sentimento diagonal
Do homem-gol
Rasgando o chão
E costurando a linha

Parábola do homem comum
Roçando o céu
Um
Senhor chapéu
Para delírio das gerais
No coliseu
Mas
Que rei sou eu
Para anular a natural catimba
Do cantor
Paralisando esta canção capenga, nega
Para captar o visual
De um chute a gol
E a emoção
Da ideia quando ginga

(Para Mané para Didi para Mané Mané para Didi para Mané para
Didi para
Pagão para Pelé e Canhoteiro)

Pode-se notar em alguns versos, uma comparação do ofício de jogador com o de outro artista, o pintor. Assim, o futebol é uma arte tão valiosa que apenas grandes artistas (craques) conseguem exercê-la com maestria. Há um aspecto valioso a ser percebido e diz respeito aos dribles de Garrincha. “Parafusar algum João” era a forma como Garrincha tratava seus marcadores, chamados de “Joões”. E “a ideia ginga” é outro aspecto peculiar a se apontar, pois, no futebol brasileiro, o bem mais precioso é a criatividade, o drible e a ginga. É possível perceber essa construção do músico advinda das décadas de 50 e 60, período em que Garrincha, Pelé, Didi e outros craques estiveram em campo.

Orlando Moraes também escreveu uma música denominada “Futebol”. A gravação é original de 1990, mas, em 1997, regravou uma versão que contava com a participação de Elza Soares, companheira fiel de Garrincha principalmente no período em que este ficou sem dinheiro em função de seu vício com álcool e seus problemas no joelho:

Futebol

Sai da frente seu urubu vermelho
Que o flamengo é preto e você é branco
Já vi o mundo de costas pro espelho
E percebi que o nosso tempo é manco

A maestria de amestrar a vida
E chover em pleno pôr do sol
E conviver com as corês da ferida
Que a torcida tras pro futebol

Garrincha fez um gol no céu
Com a nossa bola lua
Pelé fez um de chapéu
E trouxe o futebol pra rua

O futebol é democracia
É da miséria que o craque nasce
É a grande chance de uma família
Dar muitos passos num só passe

E comandar descomandando o tempo
Quem é o juiz da nossa partida
A fome é um time muito violento
Que joga lento consumindo a vida

Esses cartolas que comandam a crença
O popular chicoteado grita
Torcendo para que a ilusão não vença
A verdadeira amargura aflita

O povo reza, torce e se confunde
Sorriso tolo neste mundo cão
Mas a cachaça promove o desbunde
A bola entra e a comida não

Nessa obra é possível perceber muitos elementos importantes da cultura nacional. “É da miséria que o craque nasce/ É a grande chance de uma família/ dar muitos passos num só passe” mostra a origem humilde do craque brasileiro. Normalmente vindo das favelas e subúrbios o futebol é o sonho, a promessa de felicidade que se confirma se o menino for um grande jogador. Por outro lado, há os

cartolas que “comandam a crença” e de maneira oportunista manipulam o espetáculo para “ganhar mais dinheiro”. E, mais uma vez, vemos uma imagem/homenagem a Garrincha. “Garrincha fez um gol no céu/ Com a nossa bola lua” mostra a alusão à bola e à lua, ou seja, um caráter místico, e apresenta um Garrincha santificado pela sua pureza e pelos seus grandes feitos. Ainda é perceptível a alusão ao fato de Pelé ter levado o futebol para a rua. Isso denota a popularização que o futebol, através dos feitos do “rei”, alcançou nas peladas shakespearianas pelo Brasil afora.

No campo da Literatura temos recentemente o livro *O Drible*, de Sérgio Rodrigues⁶. Na obra, um famoso cronista esportivo de oitenta anos tenta se reaproximar do filho com quem brigou há 25 anos. Toda semana, em pescarias dominicais, Murilo Filho tenta diminuir o abismo da relação contando histórias dos craques do passado. E isso denota, nessa narrativa bem aceita pela crítica, como o futebol perpassou nossa história por todo o século XX.

Também o livro do jornalista José Trajano, se apresenta como um exercício de reconstrução de grandes feitos do passado. Em sua “chanchada fantasmagórica”, *Tijucamérica* (2015), Trajano encontra Pai Jeremias que promove uma magia trazendo para o presente o grande time do América do passado. Trajano, desiludido com o presente do seu time, atualmente na Segunda Divisão do campeonato carioca, ressuscita literalmente os ídolos do passado para tentar reescrever dias gloriosos.

Rubem Braga escreveu crônicas sobre futebol. “As Teixeiras e o futebol” (**Anexo III**), escrita em abril de 1953, é um exemplo. Trata-se de uma história com a qual muitos de nós, “craques de pelada” nos identificamos. A narrativa mostra o conflito existente entre os moleques que jogavam uma pelada na rua, e “Os Teixeiras”, uma família que se via atormentada pelas caóticas partidas de futebol das crianças em frente à sua propriedade. Afinal, quem nunca teve que “driblar” a fúria de “uma Teixeira” em prol de algo tão importante para a existência como um “clássico” firmado com os amigos do bairro?

Orígenes Lessa escreveu uma crônica sobre futebol, “O malentendido”, a qual conta a história de dois meninos: Paulinho e Jorginho. Um, branco e rico, e o outro, preto e pobre. Há uma evidente sugestão embutida nessas descrições acerca da

⁶ A propósito: na abertura do livro, inclusive, se comenta como um traço tão decisivo da cultura nacional é ainda tão pouco explorado pela Literatura.

vida de cada um: a desigualdade latente na sociedade brasileira nos anos 50. Ao mesmo tempo, os dois se encontram na praia para jogarem juntos o futebol. No campo de jogo o menino preto e pobre é o craque e o primeiro a ser escolhido pelos meninos (BABEL CULTURAL, 2015). Encontramos nessa narrativa, além da desigualdade social, a democrática prática do futebol, um esporte em que, a partir do momento que a bola rola, todos são iguais.

Fernando Sabino também foi um craque falando sobre futebol. Na sua crônica *Iniciada a peleja* (LITERATURA NA ARQUIBANCADA, 2012), uma reunião de negócios é atrapalhada por um dos membros da diretoria do banco onde trabalhava. Ele havia levado um *radinho* com fone de ouvido para não perder um lance do jogo⁷, mas não conseguia se conter a cada investida do escrete. No fim das contas, todos pararam a reunião para ouvir a partida. É possível encontrar paralelo nas situações em que o Brasil se mobiliza em prol dos jogos da Seleção: dia de jogo vira feriado nacional!

A propósito desse jogo Brasil e Fiorentina, Ruy Castro em *A estrela solitária*, biografia de Garrincha relata um lance curioso envolvendo o craque:

Garrincha transformou os italianos em soldadinhos de cartas, um derrubando o outro à sua passagem. Robotti foi o primeiro que ele driblou. Magnini apareceu para ajudar Robotti e também foi driblado. Cervato veio ajudar Magnini e foi igualmente driblado. O goleiro Sarti abandonou a meta para enfrentar Garrincha e também foi fintado. Com o gol vazio, Garrincha poderia ter chutado, mas Robotti conseguira voltar para combatê-lo. Garrincha tirou-o da jogada com um drible de corpo e Robotti teve de segurar-se na trave para não cair. Garrincha, então, apenas caminhou com a bola até dentro do gol. Já no fundo das redes, deu-lhe um peteleco para pegá-la com as mãos, enfiou-a debaixo do braço e começou a voltar, frio, devagar e mudo, para o centro do campo". Os italianos presentes no estádio ficaram de boca aberta, encantados. Mas os jogadores e membros da delegação brasileira reprovaram a atitude de Garrincha. Bellini, o capitão, deu uma bronca no craque: "Isso é uma Copa do Mundo, p...". O supervisor Carlos Nascimento emendou: "Foi uma molecagem". O temor deles era que Garrincha repetisse o lance na Copa dias depois. Pura arte. (CASTRO, 1995, p. 143)

Esses são apenas alguns exemplos de grandes cronistas e compositores que se interessaram em mostrar algum recorte sobre o futebol, o que reforça a ideia das múltiplas possibilidades de olhares com os quais se pode enxergar esse fenômeno. A essa altura, é interessante mencionar que há um outro gênero com algumas

⁷ A crônica faz referência ao jogo amistoso preparatório à Copa de 58 realizado em Florença, Itália, em 29/05/1958, contra o A.C. Fiorentina. O jogo terminou 4 a 0 para o Brasil.

semelhanças com a crônica e que também se propôs a apresentar obras que falem sobre o futebol em nossa cultura: a literatura de cordel, gênero em que os ídolos e craques do futebol costumam também ser retratados de modo heroico e, não raro, apoteótico, além de falar sobre o futebol de “gente simples”, do futebol jogado nas ruas. Lembremos, a título de curiosidade, que, ao olhar para um cordel nos deparamos de imediato com uma semelhança irrefutável: a acessibilidade. O cordel é impresso em papel ordinário, não feito para durar, assim como o jornal em que se publica a crônica, visto que este, por ser um gênero moderno, visa o consumo imediato. Além disso, retomando o pensamento de Antonio Candido (1992, p. 14), a não necessidade de assumir um papel denso e complexo de outras formas literárias, faz com que essa produção venha para perto de nós, refletindo sobre questões do dia a dia, da cultura popular, ao rés-do-chão.

O cordel *O Futebol no Sertão* (**Anexo IV**), de Valentim Quaresma, fala sobre esse esporte de proporções globais, mas praticado num recanto do sertão brasileiro. Escrito em 2009, o cordel trata de dois “futebóis”: um, aquele que consagra e eleva o craque à máxima potência, o outro, aquele praticado em “um campinho pequeno/ sempre subindo e descendo,/ Uma pedrinha miúda,/ Vermelhinha, pontiaguda, /Bem afiada, um veneno.” É possível perceber semelhanças notórias entre esse campo de jogo com o campo apresentado por Rubem Braga em sua crônica supra citada. Embora estejam separados por milhares de quilômetros de distância, os dilemas em se encontrar um local adequado para o jogo soa como uma grande problemática nacional.

Os termos presentes na cultura popular do futebol adentram a alma, tanto no cordel quanto na crônica. Podemos, por exemplo, observar a presença desses elementos no folheto de cordel *Brasil Campeão do Mundo*, de Raimundo Santa Helena (1983), quando o poeta propõe em uma das estrofes: “traz a taça na chuteira”. Já numa primeira análise, nos recordamos de uma expressão criada por Nelson Rodrigues, e que é utilizada até hoje, publicada na crônica “O Divino delinquente”: “se uma equipe entra em campo com o nome do Brasil e tendo por fundo musical o hino pátrio — é como se fosse a pátria em calções e chuteiras, a dar botinadas e a receber botinadas.” (RODRIGUES, 1993, p. 102). Observamos, nesses casos, a presença do imaginário popular que coloca a Seleção Brasileira como aspiração de todo o povo. De tal maneira que o futebol é resguardado como patrimônio cultural brasileiro, o que mostra sua importância para a construção de

nossa identidade. É fato que somos lembrados ao redor do mundo pelo futebol ao invés de outros traços de nossa cultura.

Um outro momento no qual percebemos afinidade dos termos empregados é o cordel de Raimundo Santa Helena (1982), *Brasil Tetra campeão em 86*, que fala a respeito do jogo Brasil 3 x 1 Argentina⁸, na Copa de 82, a qual ficou marcada principalmente pelo fato de a Seleção Brasileira ter jogado um “futebol-arte”, mas não ter levado o título. Muitos, até hoje, reverenciam aquele estilo de jogo praticado, ainda que não tenha vencido. Sabe-se, ainda, que a maior rivalidade mundial está nessa peleja sul-americana. Assim, imprimindo dramaticidade ao discurso, o cordelista utiliza-se da seguinte expressão: “Zico faz um gol chorado”, demonstrando, dessa forma, as dificuldades e os percalços deste confronto. A ideia, para Santa Helena, foi reviver grandes jogadas e feitos do Mundial anterior para construir um imaginário de esperança e redenção para o povo brasileiro na Copa de 86.

Nelson Rodrigues já havia se apropriado desta expressão na crônica “Morrendo ao pé do rádio”. Esta crônica falava a respeito do jogo Brasil contra País de Gales, no qual a seleção brasileira venceu por um a zero⁹. O gol conquistado neste jogo, considerado um dos mais difíceis do torneio, foi assim descrito por Nelson: “esse gol tão sofrido, tão chorado por milhões de patrícios.” (RODRIGUES, 1993, p. 56), nos fazendo acreditar, quase que de forma metafísica, numa construção imanente ao futebol, algo que traz junto consigo um sofrimento indissociável.

É possível notar essa forma de narrativa encontrada na oralidade tanto no discurso encontrado nos cordéis, como nas crônicas, nas músicas ou, ainda, saindo do papel para o rádio, com narrativas memoráveis a respeito do jogo. Ary Barroso, Mário Filho, Luiz Mendes e Oduvaldo Cozzi são exemplos de expoentes desse meio de comunicação.

Mário Filho, irmão de Nelson Rodrigues, é considerado uma espécie de “Homero do Maracanã” (WISNIK, 2008, p. 232). Para Wisnik, Mário Filho foi imprescindível para esse processo de construção do futebol brasileiro, não se resumindo ao ensaio *O negro no futebol brasileiro* (1947). Teve papel importante

⁸ O jogo foi no Estádio Sarriá, na Segunda Fase da Copa do Mundo 1982. O placar da partida foi construído por Zico, Serginho Chulapa e Júnior, para o Brasil, e Diaz, para a Argentina. Pela Argentina, Maradona foi expulso.

⁹ O Brasil venceu a partida contra o País de Gales (1 a 0), no Nya Ullevi, pela Fase da Copa do Mundo 1958. Destaque para Pelé com o único gol da partida.

também na criação dos desfiles de escolas de samba e, sobretudo, contribuiu como agitador e jornalista para a democratização do futebol no Rio de Janeiro. Sua importância foi reconhecida e, após sua morte, o Maracanã passou a se chamar Estádio Mário Filho. Wisnik demonstra as inúmeras contribuições efetivas de Mário Filho nesse processo de afirmação do futebol nacional. Mário Filho, frequentando clubes, vestiários, associações, buscava aproximar o mundo erudito do popular, aproximação iniciada pelo modernismo, nos anos 20, e assim, com sua prática jornalista militante, induziu a valorização do futebol miscigenado guindando jogadores negros e mestiços à condição de celebridades. (WISNIK, 2008, p. 236)

Além de compositor, Ary Barroso foi narrador de rádio. Torcia fervorosamente e sem pudor para seu time, o Flamengo, a ponto de anunciar, quando um adversário rubro-negro atacava: “Ih, lá vem os inimigos. Eu não quero nem olhar.”¹⁰ E se recusava a narrar o gol do adversário. Sua atuação passional aliada ao grande alcance do rádio, contribuiu decisivamente para o crescimento da torcida do Flamengo como time das massas.

O comentarista e locutor esportivo Luiz Mendes narrou para a Rádio Globo o jogo decisivo entre Brasil e Uruguai, pela Copa de 50. Em razão de sua voz firme, clara e fluída, era conhecido como “o comentarista da palavra fácil” (HISTÓRIA DO RADIO, 2014). Introduziu, durante as transmissões, uma espécie de cuco para anunciar o tempo e o placar do jogo. Posteriormente, com milhares de torcedores no estádio ouvindo o jogo na mesma estação de rádio esse ruído parecia algo ensurdecedor criando uma marca característica da Rádio Globo, artifício que passou a ser utilizado por outras rádios.

Oduvaldo Cozzi percorreu a trajetória do rádio brasileiro nos anos 40, 50 e 60. Era considerado um locutor lírico pela sua voz mais lenta e aveludada. Começou na Rádio Nacional e, em seguida, nos anos 50, foi para a Tamoio, transformando-a na “emissora brasileira dos esportes” (FERNANDO MORGADO, 2008). Descreveu emocionado a volta olímpica dos brasileiros e narrou um episódio quixotesco. Mário Américo, massagista do escrete brasileiro, havia tramado que pegaria a bola do jogo e assim o fez: “[...] e Mário Américo roubou a bola do juiz! Ele veio por trás, deu um tapinha e roubou a bola do juiz! Agora é perseguido por policiais, mas consegue escapar!”

¹⁰ Disponível em: < <http://colunadoflamengo.com/2015/12/recordar-e-viver-ary-barroso/>>. Acesso em 20 de abril de 2017.

O rádio, portanto, foi elemento fundamental na construção, tanto do palavrório que hoje se utiliza no cotidiano, como de um imaginário de situações ligadas ao futebol. Até hoje, em qualquer partida de futebol, seja real, virtual, de botão ou totó há a narração, de preferência com os bordões, que visam conferir emoção à qualquer *pelada*.

Um outro exemplo de que as formas de comunicação se aproximam do povo e, dessa forma, se aproximam umas das outras, foi a Mesa Facit, criada em 1963, para a TV, uma mesa redonda composta por comentaristas esportivos que debatiam sobre aspectos ligados ao futebol, inclusive políticos e culturais. A mesa contava com Armando Nogueira (também escritor de crônicas futebolísticas), Nelson Rodrigues, João Saldanha e Villas-Boas Corrêa, entre outros (**Anexo V**). O programa fez muito sucesso na época ao apresentar comentários inflamados com cada membro defendendo seu próprio time, como se fossem torcedores numa mesa de bar. Armando Nogueira, botafoguense, foi pioneiro na criação do telejornalismo na Rede Globo, a partir de 1966. Trabalhou, nos anos 50, na seção de esportes do Diário Carioca, convivendo com Rubem Braga, Fernando Sabino, Paulo Mendes Campos, Otto Lara Resende, Carlos Castello Branco, entre outros, na redação do jornal o que foi, segundo ele próprio, “uma escola de jornalismo”.¹¹

João Saldanha, o “João Sem Medo”¹², foi um dos mais destacados cronistas esportivos brasileiros tendo trabalhado na imprensa escrita, rádio e TV. Em 1957, o Botafogo o contratou como técnico sem que ele não tivesse nenhuma experiência na função. O clube foi campeão estadual naquele ano. Em fevereiro de 1969 foi anunciado como técnico da Seleção Brasileira. Havia, da parte do presidente da CBD, João Havelange, uma esperança de que, com Saldanha no comando, a imprensa faria menos críticas à confederação e ao escrete. Segundo o próprio Saldanha, em entrevista a TV Cultura, sua demissão da Seleção, às vésperas do Mundial de 70, se deveu ao fato dele não aceitar interferência do então presidente Emilio Garrastazu Médici na convocação de jogadores, em especial o atacante Dadá Maravilha. Havia ainda o agravante de João Saldanha ser militante do Partido Comunista Brasileiro. Estamos falando do período mais sinistro da ditadura brasileira

¹¹ Disponível em: < <https://seuhistory.com/hoje-na-historia/nasce-armando-nogueira-jornalista-e-cronista-esportivo>>. Acesso em 5 maio de 2017.

¹² Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/futebol/noticia/ha-100-anos-nascia-o-visceral-e-icone-joao-saldanha-o-joao-sem-medo.ghtml>>. Acesso em 5 de maio de 2017.

e uma conquista brasileira no México com um comunista no comando não seria algo confortável ao sistema.

Ainda propondo um panorama, essas formas manifestadas na imprensa brasileira a respeito do futebol encontram paralelos em outras culturas onde o futebol também se apresenta de forma marcante. Na Espanha, Orfeu Suarez, jornalista do *El Mundo*, da Espanha, imprime um estilo prosaico em suas crônicas. Da mesma forma o fez Osvaldo Soriano, na Argentina, com crônicas que vão além de relatos e estatísticas sobre o jogo como nota-se, por exemplo, na conhecida carta escrita a Eduardo Galeano¹³ Nela, Soriano narra, com nostalgia e emoção, na companhia do artilheiro Sanfilippo, um gol marcado dentro do Carrefour, local onde antes era o estádio do San Lorenzo.

O inglês Nick Hornby em seu primeiro livro *Febre de Bola*, lançado em 1992, conta sua própria história de um ponto de vista peculiar: como torcedor fanático do Arsenal. O livro narra essa “loucura” que é levar às últimas consequências o amor ao time do coração, como, por exemplo, nesta passagem:

De modo que já houve convites de casamento que tive de recusar, embora sempre tomando o cuidado de providenciar uma desculpa socialmente aceitável que envolvesse problemas familiares ou dificuldades no trabalho; pois "Jogo em casa contra o Sheffield United" é considerada uma explicação inadequada em situações como essa. (HORNBY, 2000, p. 20)

Em *Futebol ao sol e à sombra* (2010), Eduardo Galeano também conta histórias sobre a magia que envolve o futebol. Há um interessante trecho que fala do surgimento do ídolo:

E um belo dia a deusa dos ventos beija o pé do homem, o maltratado, desprezado pé, e desse beijo nasce o ídolo de futebol. Nasce em berço de palha e barraco de lata e vem ao mundo abraçado a uma bola. Desde que aprende a andar sabe jogar. Quando criança alegre os descampados e os baldios, joga e joga e joga nos ermos dos subúrbios até que a noite cai e ninguém mais consegue ver a bola, e quando jovem voa e faz voar nos estádios. Suas artes de malabarista convocam multidões, domingo após domingo, de vitória em vitória, de ovação em ovação. (GALEANO, 2010, p. 13)

É possível perceber nesse trecho o espírito do futebol para muitas crianças ao redor do mundo: ser um ídolo no futebol. Há até uma certa liturgia que coloca no

¹³ Disponível em: <<http://www.don-patadon.com/2015/10/carta-de-osvaldo-soriano-eduardo-galeano.html>>. Acesso em 3 de maio de 2017.

imponderável todas as esperanças dessa mágica transformadora de anônimos em heróis.

Assim, num mesmo raciocínio, por que não buscar uma interlocução entre todas estas formas de representação? Desta forma, cordéis e crônicas podem se apresentar como símbolos de representação popular pois, além de feitos em papel ordinário, também estão ao rés-do-chão, apresentam traços marcantes da cultura oral, e sincretizam a linguagem das ruas em seus textos. Mas também a música e a poesia podem buscar uma sinestesia sobre o que é estar no meio da torcida no momento de um gol. O rádio, por sua vez, também pode levar emoção e despertar a imaginação para um público que ouve a narração e recria os lances, já que não é possível vê-los. Ou, como Nelson Rodrigues nos explica na crônica “O Eichmann do apito”, de 14 de junho de 1962:

A verdade está com a imaginação dos locutores. E repito: — a imaginação está sempre muito mais próxima das essências. Ao passo que o video-tape é uma espécie de lambe-lambe do Passeio Público, que retira das pessoas toda a sua grandeza humana e esvazia os fatos de todo o seu patético.

Disseram os locutores que o Brasil fizera, contra a Inglaterra, uma exibição deslumbrante. Pura imaginação e, por isso mesmo, altamente veraz. O video-tape demonstrou o contrário. Azar da imagem. (RODRIGUES, 1993, p. 90)

Em seguida, toda essa criação, proveniente do não visto, ainda pode servir como inspiração para as peladas na rua do bairro e transformá-las em jogos de copa do mundo.

Enfim, o futebol, como já dito, é um fenômeno cultural total e merece ser estudado e olhado, também na Literatura. Aliás, a comparação com a Literatura não é tão simples, mas possível já que, entre outras coisas, ambos, a sua maneira, recriam a realidade. Cabe lembrar que Futebol e Literatura eram os maiores prazeres de Pasolini e Camus. Por que então não ouvi-los? Até porque a mais sórdida pelada é de uma complexidade shakespeariana.

1.2 Pré-Temporada II – a Crônica: Gênero Menor ?

Segundo Davi Arrigucci Jr. (1987), na acepção histórica o cronista é um narrador da História. Um registro da vida escoada, presenciando, lado a lado, as vivências da sociedade, ou melhor, um gênero com profunda relação com o saber histórico. Inicialmente, no começo do século XX, *le feuilleton* designava um lugar

preciso no jornal: o *rez de chausse*, rodapé, geralmente na primeira página. Era, como observa Marlyse Meyer, um espaço vazio destinado ao entretenimento. Esse espaço geográfico do jornal serviu como ponto de partida para o que veio a se consolidar o gênero crônica no formato como o conhecemos. (MEYER, 1992, p. 96).

Walter Benjamin (1985) observa com propriedade que o historiador sempre buscou descrever os fatos com o cronista, limitando-se, anteriormente, a narrá-los. Ao narrar os acontecimentos, se aproximou do narrador tradicional, recuperando traços das experiências vividas no âmbito da tradição oral e, às vezes, incorporando-os também à chamada literatura culta. (ARRIGUCCI, 1987, p. 52).

Essa aproximação traz consigo a subjetividade elevando ao *status* de ficção tais fatos históricos, frívolos e contados à distância. O texto, então, liberta-se dessa objetividade e adquire essa literariedade necessária aos gêneros literários. Transmutada em arte e libertada das amarras do discurso histórico, a crônica permite uma tomada de posição e nos proporciona algo sublime: a história contada de diferentes pontos de vista por aqueles que sabem fazê-lo de forma tão apropriada.

Em seu ensaio “A vida ao rés do chão” (1992), Antônio Candido nos mostra como a possibilidade de utilizar uma linguagem mais leve, mais descompromissada, ao mesmo tempo em que se aproxima da realidade do cotidiano da sociedade, proporciona a esses textos a possibilidade de apresentar-se como, além de um documento histórico, uma obra irrigada de poesia, portanto humanizada, e de longo alcance. Essa aproximação leva consigo a subjetividade ao transmutar esses fatos históricos, frívolos, e contados à distância, em ficção.

Trazendo essa realidade para o Brasil, mais especificamente para o Rio de Janeiro, lugar onde a cultura brasileira se desenvolveu a partir dos mais variadas matizes, além do notável crescimento urbano experimentado no início do século XX, o cronista teve cenário fértil para produzir seus textos com base nos mais variados assuntos: filosofia, política, biologia, estética, etc. Desse modo, a crônica, sendo um artefato moderno, feito para consumo imediato, que se submete às inquietações do indivíduo da cidade e à volatilidade da vida moderna das grandes metrópoles, adquire pela sua complexidade, elaboração da linguagem, penetração psicológica social, força poética ou humor, uma forma de conhecer melhor os calabouços da nossa história e realidade social.

As crônicas futebolísticas de Nelson Rodrigues, em sua trajetória, ao narrar e recriar a realidade nos estádios do Brasil e do mundo, se revelam e se renovam como documentos históricos os quais podem ser analisados por múltiplos enfoques. Ou ainda como define Margarida de Souza Neves (1995, p. 27):

Crônica e História podem ser consideradas portanto, como particulares “lugares de memória”, já que se constituem em suportes físicos da memória onde constantemente se reconstrói. Cronista e historiadores são “homens-memória” e desempenham seu ofício como autores e interpretes da memória coletiva.

Como se sabe, Nelson Rodrigues publicou no período de novembro de 1955 a maio de 1959, 156 crônicas semanais, a maioria falando sobre futebol, em *Manchete Esportiva*, uma publicação da Bloch Editores, no Rio de Janeiro. Assim como no século XIX, quando os jornais serviram de trampolim para que escritores pudessem exercitar sua escrita e, sobretudo, tornarem-se conhecidos do grande público em função do crescimento da imprensa, as crônicas rodrigueanas podem se apresentar tanto como antecipação de fatos cotidianos como relato deles, ou como define John Gledson (2008, p. 13):

As crônicas têm uma história própria. Acompanham, antecipando-as às vezes, as mudanças pelas quais o escritor passou em outros gêneros; seguem também o desenvolvimento da imprensa brasileira do século XIX e estão influenciadas, nesta série mais do que em qualquer outra, pelos acontecimentos políticos e pelo fluxo da história, vista, e experimentada, de perto e de longe.

Esta afirmação associa o gênero literário crônica ao saber histórico, mas não aquele saber que nos chega narrado pelos vencedores, mas o registro da vida de quem esteve ao rés-do-chão, presenciando suas vivências lado a lado da sociedade: com suas virtudes e problemas. (ARRIGUCCI JR., 1987, p. 52).

Da mesma forma que a crônica se situa ao rés-do-chão, caminhando lado a lado com o cotidiano da cidade, ela também serve de laboratório para o escritor aprimorar e experimentar formas de escrita a serem utilizadas em romances ou no teatro. Assim, esse acervo sempre pode ser relido em busca de reflexões acerca da identidade e do imaginário popular. (GLEDSON, 2008, p. 15).

O antropólogo Roberto DaMatta (1982) percebeu no dramaturgo o primeiro a dar a devida importância ao futebol enquanto elemento formador da identidade brasileira pois conseguiu sintetizar o conceito de “ser brasileiro” e perceber, no futebol, seus próprios defeitos e virtudes. A expressão cunhada por Nelson, “a pátria

em chuteiras”, como mencionado anteriormente, ilustra esse aspecto, de acordo com o próprio cronista, numa crônica escrita em 2 de junho de 1976:

Pergunto: – para nós, o que é o escrete? Digamos: – é a pátria em calções e chuteiras, a dar rútilas botinadas, em todas as direções. O escrete representa os nossos defeitos e as nossas virtudes. (RODRIGUES, 2014, p. 32).

Nelson Rodrigues, de fato, representou a expressão do pensamento de Gilberto Freyre conseguindo, também por meio do futebol e, pelo fato de produzir crônicas no jornal, utilizar-se de dois aspectos que propiciaram enorme alcance a seu pensamento, sacralizando várias expressões e pensamentos que vieram a se tornar parte integrante do imaginário popular. Mas o fez de forma poética singular ou, parafraseando Pier Paolo Pasolini (1999, p. 2583), como “literatura de primeira divisão”, elevando assim meras colunas das seções esportivas em literatura “candidata a perfeição”. (CANDIDO, 1992, p. 15) Assim, pode se concluir que não há mais margem para questionamentos sobre a importância da crônica e a contribuição de Nelson Rodrigues, para isso, foi fundamental.

1.3 - *Pré-Temporada III* – Nelson Rodrigues: “nem santo nem canalha”¹⁴

O carioca é um ser encantado. No Rio, dois sujeitos que nunca se viram tornam-se como que súbitos amigos de infância e caem nos braços um do outro, aos soluços. É a única cidade em que pode nascer, entre dois desconhecidos, uma intimidade fulminante. (FACINA, 2004, p. 149)

Esse foi o ambiente em que Nelson Rodrigues viveu e tentou retratar. Se a literatura é uma fonte importante para a percepção dessas várias formas de aprender a cidade, Nelson Rodrigues toma o Rio de Janeiro como o próprio mundo, a ponto de se considerar “profundamente carioca” (FACINA, 2004, p. 149). Segundo Adriana Facina (2004, p. 154-155), a modernização devastou as relações sociais, os valores e a própria natureza da experiência urbana carioca. Para Nelson, o Rio de Janeiro, aparece muitas vezes como cenário do vício, da desintegração, do individualismo egoísta. Mas, ao mesmo tempo, é a cidade da sociabilidade, das conversas “jogadas fora” das “ruas amorosas”. Essa degradação leva as relações a revelarem a natureza humana extremamente violenta.

¹⁴ O trecho entre aspas é uma alusão ao título de uma resenha de Marcos Alvito, professor de Historia da UFF, publicado na *Revista Tempo*, Rio de Janeiro, n. 17, p. 223-226.

As representações de Nelson, tanto no teatro como nas crônicas em geral, apresentam então um exacerbado pessimismo e mostram o corrompimento dessa cidade com lapsos de poesia e encontro, especialmente o Maracanã. Assim, o mundo de Nelson vai pendular entre um pessimismo e um otimismo, de uma natureza contraditória o que faz Adriana Facina dimensionar essas contradições humanas entre santos e canalhas.

É fundamental, entretanto, citar que, a tragédia familiar ocorrida com Nelson, em que seu irmão Roberto foi morto dentro da redação do jornal onde trabalhava, com a consecutiva morte de seu pai, também foi preponderante para definir o estilo dramático de Nelson, segundo nos atesta Sábato Magaldi em *Nelson Rodrigues: dramaturgia e encenações* (1987) como semelhante a um “arbítrio do destino (na tragédia grega), teria sido a origem para o pensamento escuro do escritor.” (MAGALDI, 1987, p. 68) Nas palavras do próprio Nelson:

E meu teatro não teria sido como é, nem eu seria como sou, se eu não tivesse sofrido na carne até a última gota de paixão o assassinato de Roberto. (...) Foi uma tragédia que quase destruiu minha família. Pensei, em certos momentos, que nenhum de nós sobreviveria. (...) Foi o fim de meu pai, que morria dois meses depois. A mesma bala que se cravou na espinha de Roberto, matou o velho Mário Rodrigues. Mas o que preciso dizer aqui é que eu me sentia mais ferido que os outros. (...) Muitos e muitos anos depois, eu visitei o túmulo de meu irmão. Uma cruz pobre e, por baixo, no mármore frio o nome Roberto Rodrigues. Não me ajoelhei com vergonha de me ajoelhar. E pensei que não há nada que fazer pelo ser humano. Disse de mim para mim: “O homem já fracassou.” (apud MAGALDI, 1987, p. 125-126 e 133)

Veremos mais adiante como sua visão do futebol contrapõe esse pessimismo mas fica evidente que a visão de Nelson se estabelece como algo reacionário, nostálgico, e descrente da natureza humana. Esses aspectos permeiam para sempre sua obra.

Pois, então, esses aspectos são o alicerce para construir o estilo de Nelson contando, inclusive, com o enorme sucesso da coluna *A vida como ela é...*¹⁵, publicada no jornal *Última Hora*. E, é justamente a partir dos anos 60, que surge sua polêmica com a esquerda teatral. Nelson, passou a ser identificado, ao longo de sua trajetória, como reacionário e porta-voz de um ideário conservador. Essa imagem se consolidou após o golpe de 64. Pois então, o período entre as décadas de 60 e 70, é

¹⁵ A coluna foi escrita entre 1951 e 1960. Samuel Wainer, proprietário do jornal *Última Hora* queria que Nelson Rodrigues levasse a temática do teatro para a vida real. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/geral,o-laboratorio-existencial-de-nelson-rodrigues,458618>>. Acesso em 21 de abril de 2017.

de grande movimentação nos jornais e também na televisão. Esses veículos se transformaram (assim como a arte) em trincheiras ideológicas reprodutoras de intensa polarização, e, sobretudo, de discursos identificados com o Regime Militar. (FACINA, 2004, p. 207)

Segundo Facina (2004, p. 214), Nelson já havia portanto assumido a função de intelectual, seja como formulador de ideologias ou como elaborador de uma reflexão crítica acerca de seu próprio papel na sociedade. O fato é que Nelson Rodrigues, seja como dramaturgo ou como jornalista, buscou se contrapor ao que considerava os padrões estabelecidos. E, naquele momento de turbulência política no país, Nelson julgava que, ser reacionário era ir contra a corrente, contra o ideário que ele julgava predominar no campo intelectual. Nelson atacava o que considerava ser um *establishment* cultural de esquerda. Paradoxalmente, enquanto criticava o engajamento político de artistas e intelectuais, Nelson esteve engajado politicamente nos importantes debates da época. Muitos chegaram a se espantar pelo fato de Nelson Rodrigues ter se posto “em favor” dos militares nos anos mais duros: os anos de chumbo (1968-1974).

A esquerda, por outro lado, também se mobilizava em prol de seus pares, alimentando essa divisão. Segundo Elio Gaspari em *A Ditadura Encurralada*, a esquerda festejava o trânsito de artistas e intelectuais se esses dessem um passo a esquerda mas não tolerava o movimento inverso, como foi o caso, por exemplo, de Gilberto Freyre, que foi do centro à direita. Uma prova disso é que Nelson Rodrigues teve obras censuradas, como o romance *O Casamento*, mas não recebeu nenhuma solidariedade da esquerda e seus ideais de “liberdade de expressão”. Pelo contrário, Nelson Rodrigues ainda foi chamado de “cloaca do que a classe dominante tem de mais podre e escatológico”. (GASPARI, 2004, p. 321)

O debate era então entre Nelson e os intelectuais e artistas de esquerda tendo como marco importante a sua polêmica com Oduvaldo Vianna Filho. Vianinha era representante de uma nova geração de dramaturgos politicamente engajados, como ele próprio resume num texto intitulado “Do Arena ao CPC”, publicado originalmente em outubro de 1962, na revista Movimento, da UNE:

A arte que enfrenta problemas mais fundos da existência humana, que indaga com mais vigor e mais audácia a origem dos comportamentos, os porquês das circunstâncias que nos envolvem, é fundamental. Mas não se pode exigir de uma sociedade somente esses pronunciamentos. Há outros níveis de ação, que precisam

assumir sua verdadeira hierarquia na sociedade de hoje. Não é possível reunir as grandes obras ou fazer uma identidade única que as separe das obras populares, das obras efêmeras. As grandes obras, as realizações artísticas mais acabadas e densas se dividem quanto à sua perspectiva do problema do homem – são reacionárias ou progressistas. (...) Arte não é um pipocar bisonho de manifestações individuais de artistas. Arte é um conjunto de manifestações da sociedade refletindo sobre sua existência. Não se deixa o título de artista quando nos dirigimos à praça pública. Lá se consegue ou não o título de artista. (FACINA, 2004, p. 218)

Vianinha pretendia, com esse manifesto, uma visão da arte e seu uso como instrumento de intervenção política direta, engajada; diferentemente de Nelson para quem o teatro, como arte, tem uma função de mostrar a face hedionda, o lado sinistro e perverso da natureza humana. Se possível, humilhando, ofendendo e fazendo sofrer os espectadores para que isso os causasse um impacto e assim pudessem refletir suas vidas. Assim surgiu o “Teatro desagradável”, em 1949. Nelson, portanto, oscila entre uma visão universalista e atemporal com uma função social da arte, mas não engajada. Daí sua crítica a toda esquerda teatral ligada ao PCB. (FACINA, 2004, p. 223)

E, assim, com sarcasmo, publica em 16 de março de 1965 uma crônica em que utiliza uma frase dita por Vianinha para ridicularizar sua ideia sobre o teatro popular:

Outro que tem a vocação do insucesso é o Vianinha. Trata-o assim, com essa indesculpável familiaridade. Mas a História, a Lenda, a Posteridade, que são mais enfáticas, vão cassar-lhe o diminutivo. E ele será por extenso e sonoramente, o Oduvaldo Vianna Filho. Mas que feitos cometeu Vianinha, ou que equívocos, ou mesmo, que crimes para que as gerações vindouras o promovam e o consagrem? O caro colega reinventou o teatro, ou seja: reinventou uma arte que tem para lá de 6 mil anos. E, então, eu penso em Jouvê. O mestre francês, quando aqui esteve, disse certa vez ao poeta Schmidt: - “O teatro está esgotado!”. Pois bem. Anos depois, vem o Vianinha, ergue a frente pálida e balbucia: - “Teatro é plateia”.

A partir desse momento, Brecht está mais ultrapassado, mais obsoleto que o assassinato de Pinheiro Machado. E nenhum texto fica mais de pé. Nada de Sófocles, de Eurípedes ou desse chato quatrocentão que se chamou Shakespeare. Quem o diz é Vianinha, numa mesa de bar, tomando cerveja. Cerveja, não: tomando absinto, como nos tempos de Dumas Filho.

Acabemos com o palco. Fora com o espetáculo. O teatro, repete Vianinha, é plateia ou por outra: são duzentas senhoras gordas e sentadas- comendo pipocas. Imaginemos, por um instante, como seja esse álcacre público feminino. Duzentas senhoras obesas como viúvas machadianas e com um busto mais opulento que o próprio seio de Abraão. (apud FACINA, 2004, p. 224-225)

Nelson Rodrigues, em várias crônicas, defendeu a incompatibilidade entre arte e engajamento. Numa delas, em 1970, ele afirmou que “o engajamento político era o esconderijo para uma incapacidade criadora.” (FACINA, 2004, p. 225)

É preciso fazer justiça e lembrar que nem todos da esquerda eram defenestrados por Nelson Rodrigues. João Saldanha foi tema de duas crônicas. Em “Um escrete de feras”, Nelson fez a defesa da escolha de Saldanha para técnico da Seleção Brasileira afirmando que “pela primeira vez, o escrete passava a ser um problema estritamente técnico e nada político. O presidente da CBD não quis agrandar A ou B mas juntar os melhores. (RODRIGUES, 1993, p. 142). E, ainda carregando o trauma de 50, afirmava que “naquela ocasião, a fera estava do outro lado e chamava-se Obdulio Varela. O escrete do João terá onze Obdulios”. (*idem*, p. 144) Em “João sem Medo”, o cronista afirmava convicto de que “os europeus [...] já tremem diante do João” (*idem*, p. 154) concluindo que com “as feras do Saldanha” “o Brasil ganhará a Copa” (*ibid.*).

A Igreja progressista também foi alvo de polêmicas, principalmente a partir de 1967, quando se torna uma obsessão em recorrentes crônicas. Os alvos principais, nos anos que se seguiram, foram Alceu Amoroso Lima e dom Helder Câmara. Dom Helder era o mais criticado devido a seu ativismo político mais visceral. Já havia sido fundador da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) e tornou-se, após o golpe militar, arcebispo de Recife e Olinda. Teve ainda um papel ativo nas denúncias de abusos do regime e na defesa da renovação da Igreja. Por conta disso, as vezes era chamado de “arcebispo vermelho”. Para Nelson, dom Helder desvirtuava o papel da Igreja, rebaixando-a através da política. Já Alceu Amoroso Lima, era acusado por Nelson de “seguir a moda” com o intuito de se autopromover, numa atitude oportunista e, portanto, moralmente reprovável. (FACINA, 2004, p. 237)

Havia ainda a polêmica contra o poder jovem. Um dos exemplos das investidas de Nelson foi sua crítica à Passeata dos Cem Mil, no Rio de Janeiro, em 26 de junho de 1968. Nela, Vladimir Palmeira, então presidente da União Metropolitana dos Estudantes (UME) se revelou com uma das grandes lideranças do movimento estudantil de resistência ao Regime. Nelson Rodrigues escolheu justamente este evento para atacar, como é possível perceber em uma crônica publicada em *O Globo*, em 11 de fevereiro de 1969. Nelson se refere a ela como “um pesadelo com cem mil defuntos”. Para ele, primeiramente, não havia 100 mil,

mas 50 mil. Mas o aspecto que chama a atenção em suas críticas é o fato de que não havia povo. Tratava-se de uma “marcha das classes dominantes”:

Não havia um preto, ou um torcedor rubro negro, ou um desdentado, porque aquilo era uma passeata das classes dominantes. A coisa era tão antipopular que não apareceu nem um batedor de carteira. Onde há povo, são obrigatórias uma série de figuras:- o vendedor de laranjas, de mate, de chicabom, de mariola. (...) Palavra de honra, eu ficaria radiante se, de repente, aparecesse uma mãe plebeia. Sim, uma santa crioula, que tirasse o seio negro e generoso e desse de mamar ao crioulinho sôfrego. (RODRIGUES, 1995, p. 29)

Ângela Maria Dias (2005, p. 15) reforça a conturbada relação do conservador Nelson Rodrigues no campo ideológico com as esquerdas e a visão do dramaturgo a respeito, por exemplo, do que ele denominava “esquerda festiva”. Nelson de fato considerava essa esquerda distante do homem comum. Para ele, essa esquerda estava tão distante da realidade brasileira a ponto de “falar mais do Vietnã, de Cuba, dos Estados Unidos. Se o problema é racismo, falam mais do norte-americano. E não há uma palavra, ou um palavrão, em favor do negro brasileiro.” (DIAS, 2005, p.17)

Então, para Nelson, as passeatas eram a expressão de uma multidão alienada, e serviam de esconderijo à mediocridade artística, além de serem, em sua maioria, composta de grã-finos e antinacionalistas, que, “se preocupavam mais com o Vietnam do que com o Nordeste.” (FACINA, 2004, p. 247) E, ainda, nesse caso, cabe ressaltar que Nelson se utilizou de sua coluna esportiva para escrever sobre a passeata. Na crônica “O entendido salvo pelo ridículo” ele insiste na ideia de que somente as elites estariam no movimento:

Quem quiser entender as nossas elites e o seu fracasso encontrará nos 100 Mil um dado essencial. Não havia, ali, um único e escasso preto. E nem operário, nem favelado, e nem torcedor do Flamengo, e nem barnabé, e nem pé-rapado, nem cabeça-de-bagre. Eram os filhos da grande burguesia, os pais da grande burguesia, as mães da grande burguesia. Portanto, as elites. (RODRIGUES, 1993, p. 180)

A crônica foi escrita em 10 de junho de 1970, durante, portanto, a Copa de 70, na qual Nelson resgata esse episódio para reforçar a ideia de que “os entendidos” não acreditavam no escrete e no Brasil. A menção difusa aos “entendidos” parece se dirigir à imprensa, mas, de certa forma, também aos intelectuais de esquerda que não apoiavam a Seleção por acreditarem estar apoiando por consequência o Regime.

De maneira inegável, a presença do pensamento de Gilberto Freyre é uma tônica na obra de Nelson Rodrigues. Não só a respeito da democracia racial, que será discutida mais adiante, mas sobre o pensamento sociológico de Freyre, no que se refere à perspectiva da formação da sociedade colonial. Não há a proposta aqui de um grande tratado sociológico mas é preciso entender as ideias de Freyre para ser possível notar de que forma isso se aplica ao teatro, e também às crônicas de Nelson Rodrigues.

Segundo um estudo realizado por Henrique Buarque de Gusmão (2008, p. 96), a casa-grande freyreana seria caracterizada por “um ambiente de excessos, principalmente sexuais, o que aproxima, dessa maneira, o português da negra e da índia e que gera um clima extremamente orgiástico, um ambiente de culto à obscenidade.” Ao mesmo tempo se podia ver a violência praticada pelo senhor de engenho com o negro escravo, e um ambiente sexualizado, ou seja, pela perversão em excesso, mas com uma mestiçagem tolerante. A partir dessa perspectiva, em que inferno e paraíso pareciam conviver sem maiores acarretamentos, Freyre se utiliza do conceito de “equilíbrio de antagonismos” para mostrar que esse “equilíbrio” garantiu o “sucesso” da colonização com a vitória da família sobre as dificuldades que se impunham. Portanto, segundo Freyre, uma redenção social emerge das diferenças e violências praticadas em todo esse processo.

Entretanto, Freyre destaca que, com a chegada da corte portuguesa ao Brasil, se verifica um processo que ele passa a chamar de “ocidentalização da sociedade brasileira” (GUSMÃO, 2008, p. 98). Ocorre então um comedimento dos hábitos sociais e uma inserção de disciplina e rigor no encaminhamento do novo “processo civilizador”. O excesso torna-se agora pureza e, ao contrário do engenho colonial, ocorre um afastamento entre as culturas e etnias.

Confraternização e despotismo, mistura de raças e violência: essa ambivalência gerada pelos excessos, especialmente no âmbito da vida sexual, é uma marca freyreana que se aproxima da obra rodrigueana. (GUSMÃO, 2008, p. 99) Como exemplo, pode-se citar a peça *Álbum de Família* em que é possível perceber personagens atordoados pelo excesso sexual, remetendo, aparentemente, ao ambiente da casa-grande. A violência nos textos de Nelson Rodrigues aparece recorrentemente. Em que pese a já comentada tragédia pessoal, e a impressão de uma sociedade decadente, essa violência se dá entre membros de uma mesma família e vizinhos. A respeito disso, Luís Costa Pinto, um importante cientista social,

denota que essas atitudes violentas em indivíduos de uma mesma família resvalam para atitudes fortemente violentas. Tapas, cuspes na cara, tiros, pontapés são ações recorrentes nas obras rodrigueanas.

A respeito disso, na crônica “O Grande dia de Otacilio e Odete”, de 8 de junho de 1970, Nelson Rodrigues mostra a importância do futebol na vida do brasileiro e oportunamente o utiliza como pretexto para inserir aspectos do drama na narrativa. De forma épica, Nelson narra uma história típica de um casal em que é possível notar cenas de violência, típicas do teatro rodrigueano, no cotidiano. O personagem Otacilio havia sido traído por Odete e já estava pronto para mata-la, e se lamentava de ter descoberto a traição antes da final. Quer dizer, ele ia mata-la, mas “pensava mais no título do que no adultério” (RODRIGUES, 1993, p. 179). Mas, eis que, após toda a dramaticidade presente na final entre Brasil e Suécia de 58, em que o Brasil começou perdendo e virou o jogo, ocorre a panaceia, o ápice em meio ao caldeirão de emoções vividas durante a partida. Vejamos como Nelson narra esse episódio:

Chega o dia seguinte. Foguetes antes da partida. Odete furiosa, achando que o “já ganhou” dava azar. Ele não consegue pensar na sua vergonha de marido. “Penso depois do jogo.” Começou, começou. Suécia 1 x 0. Vira-se branco para a mulher. O sentimento da derrota deu-lhe vontade de matá-la, naquele momento. Vamos esperar mais um pouco. O senador estava certo. E, de repente, Vavá empata. Quando deu conta de si, estava aos beijos e abraços com a mulher. Gemeu: — “Vamos esperar, vamos esperar”. Terceiro gol, quarto. A cidade explodia. Lançou-se nos braços da mulher. E, súbito, puxou a mulher pelo braço. Moravam numa dessas casas antigas do bulevar e com essa coisa lírica, antiga, paisagística que é um galinheiro. No quintal, tira o revólver: — “Olha o que eu vou fazer”. Abre a porta do galinheiro e atira nas galinhas e mata, uma por uma. Atira o revólver pelo muro da vizinha. Depois agarra a mulher e soluça: — “Eu te amo, eu te amo, eu te amo!”. (RODRIGUES, 1993, p. 179)

Contraditoriamente, Nelson criticou inúmeras vezes a falta de brio do escrete brasileiro. Para ele, éramos tratados a pontapés e precisávamos não nos intimidar frente aos adversários. Nelson não defendia a violência no campo de jogo mas propunha uma dimensão épica que impedisse um novo fracasso como 50. “Amarildo sonha com chifres e sangue” (RODRIGUES, 1993, p. 85) esbravejava exigindo que a Seleção não tremesse diante dos adversários. Tanto que reproduziu na crônica “João sem Medo”, um pensamento de João Saldanha, ainda técnico da Seleção, sobre a postura do time em campo: “Meu jogador não dará o primeiro tiro. Mas, se começarem, nós vamos acabar com a guerra.” (RODRIGUES, 1993, p. 154)

A presença de Gilberto Freyre é tão marcante que o próprio Nelson Rodrigues (1997, p. 73) afirmava categoricamente: “Se me perguntassem quais são os brasileiros mais inteligentes que conheço, eu responderia: – Gilberto Freyre, Gilberto Freyre e Gilberto Freyre.” E ainda o fazia com uma provocação: “Gilberto Freyre é o maior de todos os brasileiros. Pode empurrar, com o lado do sapato, como uma barata seca, todos esses garotos que andam por aí.”

A propósito, Nelson Rodrigues foi considerado um notório frasista a ponto de ter suas melhores criações reunidas na coletânea *As 1.000 melhores frases de Nelson Rodrigues*. Esse ponto também contribuiu robustamente para que o pensamento de Nelson fosse propagado. Não esqueçamos que estamos falando de um cronista, dramaturgo, comentarista de TV e ensaísta, como veremos adiante. Quer dizer, o alcance de todo esse arsenal ideológico se apresenta exponencializado pelas múltiplas possibilidades de propagação de ideias, inclusive, evidentemente, discussões e controvérsias.

Todo esse contexto mencionado serve de arcabouço para entender o ambiente em que viveu Nelson Rodrigues, traços marcantes de sua obra, as polêmicas e também contradições. Em resumo, como afirma Marcos Alvito, professor de História da UFF:

A chave mais importante, na leitura da obra rodriguiana, é a percepção da sua matriz romântica, romantismo aqui entendido como uma crítica aos limites da razão e, por conseguinte, a todo o projeto da modernidade, que teria fracassado na produção de homens capazes de superar sua dimensão mais animal, egoísta e canalha. (apud FACINA, 2004)

Desta forma, a questão ideológica que perpassou por suas crônicas e no contexto social do Rio de Janeiro, e promoveu intensos debates durante um período tão obscuro da história nacional, não foi obstáculo, de maneira alguma, para que suas crônicas fossem reconhecidas por críticos importantes, o que nos leva a crer que, ironicamente, sua maneira de enxergar a arte não deve ser ignorada.

Além de todos os aspectos mencionados a respeito da vida de Nelson Rodrigues, cabe citar mais um episódio de dramática intensidade: a prisão de seu filho, Nelson Rodrigues Filho, em 1972, pelo mesmo regime militar que apoiava. Sobre esse período, Nelson Rodrigues fez constantes apelos pela soltura do filho chegando ao ponto de escrever uma carta aberta ao General Figueiredo, na qual rogava pelo filho preso. Nelson, acabou por se engajar na luta pela anistia de presos

suspeitos por crime político protestando na crônica “A confissão”, de 18 de março de 1971, a prisão de Augusto Boal, dramaturgo e defensor do Teatro popular que Nelson tanto criticava. (DIAS, 2005, p. 114-115)

Quer dizer: nem santo, nem canalha...

2 A Ascensão Social e Moral do Negro

2.1 – *Primeiro tempo I (Pontapé inicial) - A derrota*

Maracanã, 16 de julho de 1950. Assim como na imprensa (**Anexo VI**), que já havia decretado o título mundial para o Brasil antes da derradeira partida contra o Uruguai, a atmosfera dentro do estádio era de otimismo exagerado. O clima de “já ganhou” assumiu proporções ainda maiores quando o prefeito Ângelo Mendes de Moraes discursou brevemente nos alto-falantes do estádio pouco antes da bola rolar:

Vós brasileiros, a quem eu considero os vencedores do campeonato mundial; vós brasileiros que a menos de poucas horas sereis aclamados campeões por milhares de compatriotas; vós que não possuis rivais em todo o hemisfério; vós que superais qualquer outro competidor; vós que eu já saúdo como vencedores! (FOLHA DE SÃO PAULO, 2010)

O adversário usou todo esse discurso, exageradamente otimista, como motivação no vestiário, antes de peleja, como atesta o documentário *Maracanã*, numa produção assinada por Sebastian Bednarik e Andrés Varela, e lançada em 2014.

No jogo, o Brasil fez 1 a 0 com dois minutos do segundo tempo o que praticamente sacramentaria o título da competição. O Uruguai, aos 21 minutos, empatou o jogo e, mesmo com a Seleção brasileira ainda tendo o resultado a favor, calou o estádio. Restando 11 minutos para o fim, Ghiggia marcou o gol que resultou no título uruguaio, num chute desprezível que passou entre o goleiro Barbosa e a trave (**Anexo VII**).

Eduardo Galeano, escritor uruguaio, afirmou no documentário *Maracanã* que, nesse dia, o “*Maracanã enmudeció y terminó llorando*”. Nelson Rodrigues falou em silêncio ensurdecido e citou a derrota trágica na sua coluna “O Personagem da Semana”, na véspera do mundial de 58, em que o Brasil acabaria sendo campeão pela primeira vez:

Eis a verdade, amigos: — desde 50 que o nosso futebol tem pudor de acreditar em si mesmo. A derrota frente aos uruguaios, na última batalha, ainda faz sofrer, na cara e na alma, qualquer brasileiro. Foi uma humilhação nacional que nada, absolutamente nada, pode curar. Dizem que tudo passa, mas eu vos digo: menos a dor-de-cotovelo que nos ficou dos 2 x 1. E custa crer que um escore tão pequeno possa causar uma dor tão grande. O tempo passou em vão

sobre a derrota. Dir-se-ia que foi ontem, e não há oito anos, que, aos berros, Obdulio arrancou, de nós, o título. Eu disse “arrancou” como poderia dizer: — “extraíu” de nós o título como se fosse um dente. E, hoje, se negamos o escrete de 58, não tenhamos dúvida: -é ainda a frustração de 50 que funciona. Gostaríamos talvez de acreditar na seleção. Mas o que nos trava é o seguinte: – o pânico de uma nova e irremediável ilusão. (RODRIGUES, 1993, p. 51)

Torna-se profícuo então compreender e refletir sobre a repercussão dessa trajetória: do fracasso retumbante de 50 (**Anexos VIII e IX**) à apoteose de 58 (**Anexos X e XI**), e sobre essa relação dos protagonistas do futebol com a sociedade brasileira. De 1950 a 1958, não só o futebol brasileiro passou por um período de questionamentos mas também começou-se a insinuar a questão racial como causa dessa derrota instigante, e que causou traumas no povo brasileiro a ponto de, por exemplo, antes do jogo pelas eliminatórias para a copa de 1994, entre Brasil e Uruguai¹⁶, a imprensa falar sobre os riscos de um novo fracasso. Portanto, o trauma ainda estava presente no imaginário do brasileiro, mesmo mais de 40 anos depois. Recentemente, antes da Copa de 2014, no Brasil, falou-se novamente sobre um possível novo *Maracanazo*.¹⁷

2.2 – Primeiro tempo II - O Maracanazo e o debate sobre a democracia racial

José Lins do Rêgo, no dia 18 de julho, em seguida à derrota brasileira na final de 50 para o Uruguai, publicou no *Jornal dos Sports* que “[...] éramos mesmo um povo sem sorte, um povo sem as grandes alegrias das vitórias, sempre perseguido pelo azar, pela mesquinharia do destino.” (RÊGO, 2002, p. 125). Desta forma, antecipou o que permearia todo o debate acerca da identidade brasileira. O jornalista João Máximo, num texto recente, publicado no jornal *O Globo*, em 22 de maio de 2014, atentou para o fato de Zé Lins não ter feito referência ao futebol mas ao povo propriamente dito numa espécie de apropriação “metonímica” (expressão nossa) do futebol pelo povo brasileiro.

Enfim, a “deficiência da raça brasileira, temática que se prolongava desde a época do Estado Novo” (VOGEL, 1982, p. 99) veio à tona. No início da década de 1950, a UNESCO patrocinou um conjunto de pesquisas sobre as relações sociais no

¹⁶ Esse jogo terminou 2 a 0 para o Brasil com atuação irretocável de Romário que fez os dois gols e classificou o Brasil para a Copa de 1994 na qual sagrou-se campeão.

¹⁷ Disponível em: <http://espn.uol.com.br/noticia/370531_proxima-da-copa-de-2014-estrela-uruguaia-sonha-com-novo-maracanazo>. Acesso em: 25 de novembro de 2016

Brasil. O objetivo era "determinar os fatores econômicos, sociais, políticos, culturais e psicológicos favoráveis ou desfavoráveis à existência de relações harmoniosas entre raças e grupos étnicos"¹⁸. O debate então adentrou o campo étnico numa época em que a democracia racial de Gilberto Freyre já era questionada e, talvez, mal interpretada, por alguns intelectuais que, a partir do resultado desse estudo que comprovou a brutal desigualdade social entre brancos e negros, já passaram a enxergar a questão racial sob outros vieses. O fato é que a discussão racial se intensificou no campo do futebol na esteira dessa derrota de 50.

Hilário Franco Júnior cita em seu livro *A dança dos deuses* (2007), um artigo do *Estado de São Paulo*, de 6 de julho de 1954, o qual vaticina que “causas talvez raciais, talvez morais, talvez sentimentais, que possam ter influído para tal estado de coisas”. **(Anexo XII)** Percebe-se que a autoimagem do brasileiro estava de fato abalada e a questão racial veio à tona como possível causa para nosso fracasso. (FRANCO JÚNIOR, 2007 p. 93). Hilário ainda acrescenta que as críticas mais pesadas recaíram sobre três jogadores negros: o goleiro Barbosa, o zagueiro Juvenal e lateral-esquerdo Bigode. Segundo ele:

(...) para muitos discursos racistas, a composição étnica havia definido a sorte de nossa seleção assim como definia a sorte da própria sociedade. Mesmo sabendo-se que Obdúlio Varela, o grande capitão uruguaio e destaque do jogo final, era mulato. (FRANCO JUNIOR, 2007, p. 93).

Segundo Antônio Jorge Soares (2002), num artigo recente intitulado *Copa de 50: uma pedagogia anti-racismo*, não havia racismo mas a culpabilização em função de zagueiros e goleiro serem posições mais visadas nas derrotas. Embora haja de fato, no futebol, esse desequilíbrio, não se pode negar a exponencialização dessa culpa, o que estudos e artigos demonstram, reforçado pelo fato de que, antes da fatídica partida, os mesmos jogadores eram exaltados pelas suas capacidades técnicas. O texto do *Estado*, supracitado por Hilário Franco Junior, corrobora a tese de que essa democracia racial torna mais difícil a separação do que se apresenta como racismo entranhado no discurso, proporcionando sempre o benefício da dúvida. Jessé Souza, no artigo “A sociologia dual de Roberto Da Matta: Descobrimos nossos mistérios ou sistematizando nossos auto-enganos?”, demonstra que a singularidade brasileira e a dificuldade em dissociar tal questão estaria numa

¹⁸ Trecho extraído do CPDOC da FGV numa alusão ao estudo da UNESCO realizado no início dos Anos 50.

“escravidão muçulmana” (FREYRE, 1969, p. 179-181), o que possibilitaria uma maior mobilidade e diferenciação social pois, neste modelo, o escravo poderia se equiparar ao Senhor caso assumisse a religião e os valores do pai. O dominado então passaria a “abdicar da vigilância e do emprego sistemático da violência para a garantia do domínio e passar a contar crescentemente com um elemento volitivo internalizado e desejado pelo próprio oprimido.” (SOUZA, 2002, p. 59). Essa estratégia ainda permitiria reproduzir socialmente a baixa-estima nos grupos dominados o que poderia justificar o pessimismo no discurso e, mais ainda, a negação do oprimido acerca de si mesmo, reproduzindo o discurso do opressor.

Nelson Rodrigues se apresenta como porta voz das ideias de Freyre em suas crônicas. Na crônica “O Riso”, de 8 de março de 1956, o personagem da semana foi Mário Américo, massagista da seleção brasileira. Nelson exalta suas características elevando sua importância para o esporte, curiosamente, não pelas suas habilidades mas pelo riso. Poderíamos adentrar na questão do riso e sua importância para o contexto social mas basta que entendamos a presença e elevação do negro massagista (aquele sobre quem nunca se fala e, sequer, sabe-se o nome) à figura primordial no palco do futebol:

Sim, amigos: — quando ele se abre, quando se escancara, quando se alarga no seu riso incoercível, não há força que o contenha e que lhe resista. Mário Américo sério é um pobre ser, duma esplendorosa nulidade como todos nós. Mas a gargalhada o transfigura, dá-lhe uma nova dimensão racial, uma grandeza inesperada e terrível, o equipara a certos negros da ficção e da vida: - Paul Robeson, José do Patrocínio, Otelo, imperador Jones etc. (RODRIGUES, 1993, p. 24).

Fátima Antunes (2004, p. 225-230), em seu estudo sobre o dramaturgo-cronista, mostra que a derrota de 1950 representou um fracasso coletivo gerando como consequência um pessimismo nos discursos assim como um mito a respeito de um branqueamento da seleção brasileira constituída. Nelson a respeito disso acreditava que “toda unanimidade é burra”, num discurso que se estendeu por toda sua trajetória nas redações por onde passou.

Sobre esse pessimismo cumpre lembrar o que Jesse Souza (2002) ressalta sobre o tema do sadomasoquismo em Freyre. Segundo Souza (2002, p. 60), o domínio societário brasileiro foi promovido com extrema violência armada e direta não propiciando a constituição de freios sociais ou individuais aos desejos primários de sexo, agressividade, concupiscência ou avidez. As emoções são vividas em seu

estado bruto, sem contraponto contrário. Some-se a isso um aparato jurídico calcado nos senhores de açúcar e da Igreja, instituições máximas a quem essa justiça servia não coibindo, portanto, o privatismo e a ânsia de posse. Assim, a vontade do dominado teria, em suma, que coincidir com a vontade do dominador, como já percebido anteriormente.

Cumprir lembrar ainda que o processo de modernização peculiar brasileiro apresentou uma mimetização permanente da cultura europeia. Ideias fora do lugar que se tornaram o padrão hegemônico a ser seguido diante do primitivismo brasileiro ou como resume Souza, uma “farsa imitativa”. (SOUZA, 2002, p. 60). Nesse universo, Nelson seria uma voz dissonante quando se propõe a exaltar as virtudes “genuínas” do povo brasileiro, sempre por meio de um expediente narrativa: a crônica futebolística. Na década de 50, época da política nacional desenvolvimentista de JK, se desenvolveram no Brasil a malha rodoviária, os aeroportos, as empresas multinacionais automobilísticas, farmacêuticas e petroquímicas, e também o futebol, influenciado pelas premissas do desenvolvimento estratégico. (FRANCO JÚNIOR, 2007, p. 132). Junto ao escrete havia uma equipe composta de jornalistas, psicólogos, observadores, preparador físico, médico, dentista, a qual formou um grupo de trabalho disposto a entender os erros cometidos em competições anteriores, com o intuito de alcançar um equilíbrio técnico e tático abrindo assim caminho para o êxito na copa da Suécia. Nelson Rodrigues sinalizava essa necessidade, em 7 de abril de 1956, numa crônica denominada “Freud no futebol”, como é possível notar nos trechos a seguir:

- I. Para nós, o futebol não se traduz em termos técnicos e táticos, mas puramente emocionais. Basta lembrar o que foi o jogo Brasil x Hungria, que perdemos no Mundial da Suíça. Eu disse “perdemos” e por quê? Pela superioridade técnica dos adversários? Absolutamente. Creio mesmo que, em técnica, brilho, agilidade mental, somos imbatíveis. Eis a verdade: — antes do jogo com os húngaros, estávamos derrotados emocionalmente. Repito: — fomos derrotados por uma dessas tremedeiras obtusas, irracionais e gratuitas. Por que esse medo de bicho, esse pânico selvagem, por quê? Ninguém saberia dizê-lo. (1993, p. 26)
- II. Foi a nossa alma que ruiu face à Hungria, foi a nossa alma que ruiu face ao Uruguai. (1993, p. 26)
- III. Por exemplo: — no jogo Brasil x Uruguai entendo que um Freud seria muito mais eficaz na boca do túnel do que um Flávio Costa, um Zezé Moreira, um Martim Francisco. Nos Estados Unidos, não há uma Bovary, uma Karênina que não passe, antes do adultério, no psicanalista. Pois bem: — teríamos sido campeões do mundo,

naquele momento, se o escrete houvesse freqüentado, previamente, por uns cinco anos, o seu psicanalista.(1993, p. 26)

- IV. (...)só um Freud explicaria a derrota do Brasil frente à Hungria, do Brasil frente ao Uruguai e, em suma, qualquer derrota do homem brasileiro no futebol ou fora dele. (1993, p. 26)

Percebe-se que Nelson, intencionalmente ou não, apontou a necessidade de tratamento psicológico à equipe para melhorar sua autoestima, o que corroboraria a teoria de Freyre. Para Nelson, o problema era freudiano. A crônica mostra que o futebol brasileiro “não se traduz em termos técnicos e táticos mas puramente emocionais.” (RODRIGUES, 1993, p. 26) Éramos, portanto, derrotados por “tremedeiras obtusas, irracionais e gratuitas. A derrota na Copa de 54 também teria se dado por problemas emocionais, talvez o complexo de vira-latas (qualquer derrota do homem brasileiro no futebol ou fora dele. (1993, p. 26). Como vimos, Nelson acreditava naquele instante que, “se o escrete tivesse frequentado, previamente, por uns cinco anos, o seu psicanalista teria sido campeão”(1993. p. 26). E arremata: “só Freud explicaria a derrota para a Hungria.”¹⁹ (1993, p. 26)

Também em outras crônicas, Nelson Rodrigues demonstrou essa preocupação com o emocional. Havia uma discussão em que esse lapso afetivo era fruto de uma inferioridade de raças e que talvez devesse ser promovido um branqueamento da seleção para que ela superasse essa inferioridade. Essa voz rodrigueana pôde ser ouvida inúmeras vezes em suas crônicas como o “Belo Milagre das vaias”, do dia 19 de março de 1970. E assim vaticinou sobre a seleção brasileira que jogaria meses depois a Copa no México:

Seremos campeões de 70, conquistaremos para sempre o caneco, porque somos melhores. Mas isso seria pouco. Além de melhores, levamos para o México as vaias ainda não cicatrizadas. De vez em quando, eu relembro o que acontecia com o “Tigre da Abolição”. Nos comícios, José do Patrocínio começava gelado de pusilanimidade. Era preciso que os amigos, no meio da multidão, o chamassem de “negro”, “negro”, “negro” e “negro”. E a humilhação racial o potencializava. Dizia então coisas como aquela: — “Sou negro, sim! Deus deu-me sangue de Otelo para ter ciúmes da minha pátria!”. (RODRIGUES, 1993, p. 164)

Percebe-se, por tudo que foi dito, o alinhamento do pensamento de Nelson Rodrigues com as teorias propostas por Gilberto Freyre, e a relação dessa construção com a sociedade brasileira, num relato que, na mesma medida, tornou-

¹⁹ O Brasil perdeu para a Hungria na Copa da suíça de 54 por 4 a 2, num jogo que ficou conhecido como a Batalha de Berna.

se proposta de aceitação e elevação do caráter e autoestima nacionais. Nelson Rodrigues insistia nessa questão étnica, frequentemente apoiado pelas ideias de Freyre para promover essa democracia racial dentro de campo. E o fazia, exaltando a cada partida os feitos dos jogadores, exaltando o fato de serem negros, quando fosse o caso, reforçando assim a importância da presença e valorização do negro no campo de jogo e, conseqüentemente, na sociedade. Assim, na mesma crônica sobre Pelé mencionada anteriormente, Nelson é o primeiro a chamar o craque (ainda com 17 anos) de “rei”. Esse texto, às vésperas do Mundial de 58, denotava a importância de elevar a condição de Pelé. Nelson Rodrigues fez o mesmo exercício com Didi o “príncipe etíope de rancho” (1993, p. 56). E, note-se, em 70 o mesmo dilema existia e contra isso Nelson reforçava as virtudes da raça negra.

2.3 – Primeiro tempo III - A vitória na Suécia e a apoteose do brasileiro

Na véspera da Copa de 1958, havia um sentimento difuso entre torcedores e jornalistas de que os jogadores de futebol tremiam quando enfrentavam estrangeiros e de que o Brasil só ganharia a Copa do Mundo “no dia de São Nunca” (termo nosso). Nas crônicas que publicava em *Manchete Esportiva*, Nelson Rodrigues era uma voz isolada contra a unanimidade (ANTUNES, 2004, p. 213). Nelson, então, exaltou as qualidades do negro Pelé que pôde elevar o futebol brasileiro a condição de campeão. E assim fez com Didi, Zizinho, Leônidas... “Fala-se num Puskas. Eu contra-argumento com um Ademir, um Didi, um Leônidas, um Jair, um Zizinho” (1993, p. 52); e, principalmente, o “anjo das pernas tortas.” Na crônica “Descoberta de Garrincha”, de 15 de junho de 1958, após a estreia de Garrincha na copa, o craque foi exaltado pelo mundo inteiro por ter sido decisivo na partida contra a até então inexpugnável União Soviética:

Amigos: a desintegração da defesa russa começou exatamente na primeira vez em que Garrincha tocou na bola. Eu imagino o espanto imenso dos russos diante desse garoto de pernas tortas, que vinha subverter todas as concepções do futebol europeu. Como marcar o imarcável? Como apalpar o impalpável? Na sua indignação impotente, o adversário olhava Garrincha, as pernas tortas de Garrincha e concluía: — “Isso não existe!”. E eu, como os russos, já me inclino a acreditar que, de fato, domingo Garrincha não existiu. Foi para o público internacional uma experiência inédita. Realmente, jamais se viu, num jogo de tamanha responsabilidade, um time, ou melhor, um jogador começar a partida com um baile. Repito: — baile, sim, baile! E o que dramatiza o fato é que foi baile não contra um perna-de-pau, mas contra o time poderosíssimo da Rússia. Só um

Garrincha poderia fazer isso. Porque Garrincha não acredita em ninguém e só acredita em si mesmo. (RODRIGUES, 1993, p. 53).

Quer dizer, a URSS era exaltada como grande fantasma da copa pelo seu “futebol científico” e nessa crônica vemos exaltadas as qualidades de improviso e da arte do jogador brasileiro. A respeito disso, José Miguel Wisnik, ilustra em seu livro *Veneno Remédio, o futebol e o Brasil* a respeito da realização do futebol em bases nacionais.

A epifania da Copa de 1938 que fez sentir o futebol e o Brasil, pela primeira vez, como se feitos um para o outro, encontrava nele a realização virtual, que o tempo confirmou, de uma reversão da história brasileira extraída das suas próprias bases. Mais do que qualquer outro esporte, o futebol dava lugar a essa gana, da parte de descendentes de escravos ou não, de brincar com a obrigação, de meter os pés pelas mãos e de explorar a margem ampla e única de gratuidade, de invenção individual, de produtividade e ócio, de uma narratividade aberta ao épico mas também ao trágico, ao dramático, ao lírico e ao paródico, que só o futebol inglês, entre as muitas formas concorrenciais do esporte moderno, permite. Nele, mulatos criam uma linguagem lúdica (a curvatura da reta e a quadratura do circo) na qual se costuram os fios mal amarrados da escravidão mal abolida e sem projeto, e que se convertem numa afirmação esplêndida de potência, que é “promessa de felicidade”. (WISNIK, 2008, p. 328).

Ou seja, o futebol brasileiro apresentava ao mundo (basicamente europeu) o lúdico, proveniente do elemento negro e que passaria a ser um contraponto ao crescente cientificismo presente na cultura europeia do pós guerra como, aliás, lembra Pasolini (1999), tempos depois, num ensaio após a conquista de 70, publicado no jornal *Il Giorno*, em janeiro de 1971, quando fez uma sátira a essa realidade. Pasolini exaltou a vitória da poesia brasileira sobre a prosa europeia, da mesma forma que o mundo fascinava-se, em 58, diante de uma criação estética oriunda dessa combinação tipicamente brasileira.

Para Anatol Rosenfeld (1956, p. 104), a população de negros, mulatos e brancos pobres produzia “um grande número de jogadores de primeira classe, movidos pelo talento natural, pela sucção da subida”. Através do futebol, eles seriam “sugados para cima” (WISNIK, 2008, p. 240). E aí há um paradoxo brasileiro: ao mesmo tempo em que a escravidão abriga em si o aviltamento, ela também apresenta com a outra mão o componente lúdico de um trabalho que seria ao mesmo tempo brinquedo. Não esqueçamos da “dialética da malandragem” de Antônio Cândido que propõe a ideia de um mundo sem culpa, e que, assim,

colabora para a ideia do futebol como uma “esplêndida potencia que é promessa de felicidade.” (2008, p. 242) Gilberto Freyre entendeu esse processo como “sublimação” e afirmou, no prefácio do *Negro no futebol brasileiro*, de Mário Filho, que “o desenvolvimento do futebol, não num esporte igual aos outros, mas numa verdadeira instituição brasileira, tornou possível a sublimação de vários daqueles elementos irracionais de nossa formação social e de cultura.” (idem, p. 242)

Numa crônica profética, e que poderia reafirmar as ideias até então defendidas acerca do viés positivo desse paradoxo da cultura brasileira, Nelson reafirmava que o problema do Brasil era o brasileiro, o complexo de vira-latas se fazia sentir e o “quadrúpede de 28 patas” (torcida brasileira) sempre minimizava seus feitos. Segundo Nelson Rodrigues (1993, p. 52), “qualquer jogador brasileiro, quando se desamarra de suas inibições e se põe em estado de graça, é algo de único em matéria de fantasia, de improvisação, de invenção.” O *vira-latismo*, portanto, viria na medida em que o brasileiro não possuía confiança nas suas próprias capacidades. Isto em todos os setores e, sobretudo, no futebol. Desse modo, o problema do Brasil era um problema de “fé em si mesmo” (1993, p. 52). A partir do momento em que ele se convencesse de suas potencialidades, seria vitorioso.

Uma prova disso é a crítica que Nelson faz a Leônidas da Silva na crônica “Morrendo ao pé do rádio”, de 24 de junho de 1958, após a partida contra o País de Gales, vencida pelo Brasil por 1 a 0. Leônidas, trabalhando como comentarista esportivo, disse após a peleja, mesmo com o Brasil tendo vencido, que “Pelé devia ser barrado.” (1993, p. 55) Pelé ainda havia feito o gol da vitória e essa idiossincrasia serviu de munição para que o escritor ironizasse a posição do ex-craque: “vamos deixar que Leônidas chame Pelé de perna-de-pau. É de pernas-de-pau como o meu personagem da semana que o Brasil está precisando para ser campeão do mundo.” (RODRIGUES, 1992, p. 57).

A apoteose, finalmente, viria nas crônicas publicadas em 5 e 12 de julho de 1958, logo em seguida ao título brasileiro na Suécia. Em “O triunfo do homem” e “É chato ser brasileiro”, Nelson Rodrigues “se vinga” de todos aqueles “entendidos” que tanto o criticavam e eleva o brasileiro a um sentimento de onipotência civilizatória, ao orgulho e amor próprio nacionais: o triunfo havia nos embelezado e possibilitado a formação da “maior equipe de futebol da Terra em todos os tempos”:

Já ninguém tem mais vergonha de sua condição nacional. E as moças na rua, as datilógrafas, as comerciárias, as colegiais, andam pelas calçadas com um charme de Joana d'Arc. O povo já não se julga mais um vira-latas. Sim, amigos: — o brasileiro tem de si mesmo uma nova imagem. Ele já se vê na generosa totalidade de suas imensas virtudes pessoais e humanas.

Vejam como tudo mudou. A vitória passará a influir em todas as nossas relações com o mundo. Eu pergunto: — que éramos nós? Uns humildes. O brasileiro fazia-me lembrar aquele personagem de Dickens que vivia batendo no peito: — “Eu sou humilde! Eu sou o sujeito mais humilde do mundo!”. Vivia desfraldando essa humildade e a esfregando na cara de todo mundo. E, se alguém punha em dúvida a sua humildade, eis o Fulano esbravejante e querendo partir caras. Assim era o brasileiro. Servil com a namorada, com a mulher, com os credores. Mal comparando, um São Francisco de Assis, de camisola e alpercatas. (RODRIGUES, 1993, p. 60-61)

Nelson Rodrigues exaltou nesse interlúdio, entre 50 e 58, o caráter imbatível do negro. Entretanto, nas suas crônicas não se nota essa potência como uma herança cultural advinda das figuras ancestrais africanas ligadas à guerra, como, por exemplo, Ogum e Xangô. Tampouco as artimanhas em campo, com o dribble malandro, são associados a Exu, orixá mensageiro que, pela astúcia e perspicácia no cumprimento dos deveres que lhe foram impostos, parece ter contribuído para a consolidação da malandragem brasileira. Segundo a lenda ioruba, Exu, como nossos heróis descidos do morro, de início “(...) não tinha riqueza, não tinha fazenda, não tinha rio, não tinha profissão, nem artes, nem missão” (PRANDI, 2001, p. 40), entretanto, com suas artimanhas, ganhou o poder sobre as encruzilhadas.

Em Nelson, a criatividade e a invencibilidade desse herói negro remetem ao *bogatyř* primordial, do romanceiro popular, com proeza que tangencia o sobrenatural. A partir dessa proposta, e com a identificação desse mito heroico instalado no inconsciente coletivo, Nelson ajuda a desmistificar, em parte, as reverberações dos discursos cientificistas ainda presentes em meados do século XX. Nelson, portanto, opera a construção desse herói negro com referências “de primeiro mundo” (grifo nosso), como num clássico da literatura europeia em que apresenta as armas de Amarildo:

Dizia o profeta quase profissional Cláudio Mello e Sousa que a vitória brasileira seria um quadro de Goya. Aí está o quadro, aí está o Goya. Mas eu falava de Amarildo. Após o jogo, os colegas me cumprimentavam como se fora eu o autor de Amarildo. Eu tinha de retificar: — “O autor do Amarildo é o Dostoiévski!”. E, realmente, nunca vi na vida real um sujeito tão possesso e, por carambola, dostoiévskiano. (RODRIGUES, 1993, p. 87)

Ou quando promove o feito dos bicampeões mundiais de 1962. Primeiro exaltando Vavá como um “cossaco do Don” (RODRIGUES, 1993, p. 94), em seguida promovendo a apoteose de todo o elenco, e elevando o Brasil à “potencialidade criadora de uma nação de napoleões.” (1993, p. 94); entre inúmeros outros exemplos em que a cultura para a onde o Brasil será elevado é a europeia.

Não há como desprezar o brilho nos olhos do autor ao perceber que seu pensamento escrito ao longo de todo o período de suas crônicas na *Manchete Esportiva*, se realizou. O êxito de 58, finalmente, pôde elevar o povo brasileiro, de fracassado a onipotente, senhor de seu próprio destino, afirmação que viria em seguida com a conquista dos títulos de 1962 e 1970. Tudo isso talvez não fosse possível se não fosse no terreno do futebol, como propõe Wisnik (2008), o “veneno remédio” do país.

O tema racial no Brasil é complexo e ainda não encontrou uma resposta definitiva para todos os questionamentos já presenciados historicamente através dos eventos da vida política e social do Brasil. Entretanto, a cada novo trabalho, a cada novo debate, ele se atualiza buscando explicações para a formação do tabuleiro racial nacional.

A cada novo evento, entretanto, determinadas premissas tornam-se inexoráveis e precisam ser consideradas para que se chegue a alguma resposta para tantas perguntas. Para isso, o futebol é terreno fértil pois se encontra na superfície dessa trajetória do negro e sua participação na vida dessa sociedade. Da mesma forma as crônicas de Nelson Rodrigues, assim como as de Lima Barreto, José Lins do Rêgo, Mário Filho ou outra referencia literária, são importantes registros não só como documentos históricos mas como “recriação do que poderia ter sido”, como afirma Sevcenko (2003, p. 118); e libertam-se portanto das amarras encontradas em versões oficiais.

Desta forma, esse não vivido também é narrado como uma aspiração baseado naquilo que não se tem, podendo assim identificá-lo e recriá-lo em fantasia ou num desejo de realização futura. Notícias de jornal são insuficientes para alcançar essa pretensão com sua objetividade obtusa, mas a literatura não: a literatura é capaz de mover essa realidade para outra posição, deslocar e transmutar, à maneira do autor, todo o drama vivido na esfera do real. Assim, Nelson Rodrigues pôde concretizar, por meio da literatura, a panaceia do brasileiro e de

uma raça, para isso se apropriando do futebol em suas construções, e de acordo com suas referências.

3 O Drible e o Herói Brasileiro

3.1 *Segundo tempo I* – Um futebol de poesia, o drible e o gol: a afirmação do herói brasileiro e seus grandes feitos

Pasolini (1999, p. 2868) falava da individualidade através da capacidade “monstruosa” de driblar do brasileiro. Se esse futebol vencedor buscou a afirmação deste modelo baseado na invenção e no drible, subvertendo a objetividade e transformando a arte em gol, a figura do herói se torna determinante neste processo. Como elemento principal, emerge o protagonista que viabiliza essa catarse. Sobretudo no futebol brasileiro, o herói é presença indispensável em todos os momentos que percorrem a história. Os grandes feitos individuais se sobrepõem aos feitos coletivos, mas, paradoxalmente, os transformam em feitos coletivos advindos da vitória. Em ambos os casos, o herói cultural, do herói prometeico, aquele que vai buscar o fogo para iluminar a humanidade, aquele que representa a coletividade, vai buscar a vitória em nome dela. Este ser iluminado se identifica com sua tribo, que aqui pode ser tanto um clube de futebol como a seleção, tornando-se a moldura como um dos elementos do arquétipo do herói, como uma correlação entre a sociedade humana e a preocupação em construir um mundo para o homem, aqui falamos da construção e afirmação de um clube ou seleção através das vitórias advindas destes feitos heroicos.

Percebemos essa tênue linha que divide a afirmação do mito com o fracasso, os dois inerentes ao jogo, ao se girar a roda da fortuna a cada domingo. A meteórica afirmação do herói sempre é posta em cheque a cada nova derrota e a semana seguinte serve para que ele tente superar novamente a desconfiança sobre as suas capacidades, num movimento inesgotável de sucessos e fracassos que se revezam. Quer dizer, temos aí também uma carnavalização com a repetição desses ciclos em que, a cada semana, podem ser refeitos e, por consequência, o mito ressurgue triunfalmente. Percebemos essa montanha russa de reedições da esperança ao percebermos no cordel *Brasil tetra campeão em 86* que o poeta deposita em Falcão, Júnior, Éder, Zico e Sócrates as esperanças de título:

Júnior cobra pro Oscar
Um corner com perfeição:
cabeceando pro chão
Consegue desempatar.
E logo aos 19

Éder faz um gol de mestre
 Todo mundo se comove.
 41 no final Falcão faz um gol legal
 Na goleada que chove.
 (HELENA, 1982)

Não podemos esquecer que esse ressurgimento de esperança plena se dá após a derrota traumática de 82, com os mesmos jogadores e técnico. Ainda nesse ponto, além do caráter obstinado do herói arquetípico, observamos que os craques do cordel têm a *superpersonalidade* do herói, se sobressaem de modo que seus dribles e gols, "feitos coletivos", são tão imediatos que não há vestígio de "obrigação" ou de "reflexão".

Vemos isso ainda mais claramente em uma crônica de Nelson Rodrigues intitulada "Garrincha não pensa", publicada em 19 de julho de 1958²⁰. Na narrativa, nota-se essa irracionalidade e naturalidade com que o ídolo age. Isso fica claro ao percebermos que, em nenhum momento, o jogador do Botafogo precisa de obstinação e sacrifício para propor a magia (e os grandes feitos) com suas jogadas e gols:

Só agora começamos a fazer-lhe justiça e a perceber a sua superioridade. Comparem o homem normal, tão lerdo, quase bovino nos seus reflexos, com a instantaneidade triunfal de Garrincha. Todos nós dependemos do raciocínio. Não atravessamos a rua, ou chupamos um Chica-bon, sem todo um lento e intrincado processo mental. Ao passo que Garrincha nunca precisou pensar. Garrincha não pensa. Tudo nele se resolve pelo instinto, pelo jato puro e irresistível do instinto. E, por isso mesmo, chega sempre antes, sempre na frente, porque jamais o raciocínio do adversário terá a velocidade genial do seu instinto. (RODRIGUES, 1993, p. 63).

Garrincha seria uma espécie de herói macunaímico. José Miguel Wisnik também percebe essa relação de rapsódias e cita a origem do craque. Recuperemos fragmentos da biografia de Ruy Castro, *Estrela Solitária* (1995), para ilustrar essa semelhança:

Quando o menino Manuel nasceu, sua parteira, do Leonor, foi a primeira a ver que ele tinha as pernas tortas. A perna esquerda era arqueada para fora e a direita para dentro, paralelas, como se uma rajada de vento de desenho animado as tivesse vergado para o mesmo lado. Manuel não herdara essas pernas de amaro, mas da

²⁰ O texto foi escrito após uma vitória do Botafogo sobre o Fluminense (time de Nelson Rodrigues) por 2 a 1. Esse jogo foi válido pelo campeonato carioca, que começou apenas 10 dias após a conquista na Suécia, e os jogadores receberam, durante todo o torneio, consecutivas homenagens pelo feito histórico.

mãe, Maria Carolina, embora as dela não fossem tão tortas quanto as dele. (CASTRO, 1995, p. 26)

Curiosamente, essa relação encontra explicação, mais uma vez, em *Casa Grande e Senzala*, quando Gilberto Freyre fala das tantas crianças com pernas entortadas pela posição em que “ficavam carregadas nas costas da mãe, segundo costume africano: obrigadas as negras, no trabalho agrícola de longas horas por dia, a trazerem os filhos atados às costas” e assim acabam por ver “os seus filhos ficarem com as pernas defeituosas, arqueadas, de modo que, tocando-se pelos pés, formam uma elipse alongada” (FREYRE, 2008, p. 276). Denota-se, desta forma, a presença nesta figura descendente próximo dos índios fulniô uma marca de liminaridade “própria dos seres míticos e nunca domesticados.” (*idem*)

Essa arena nacional de conflitos e vozes que se sobrepõem, representa a expressão genuína do anti-herói brasileiro, nesse caldeirão permanente da vida cultural brasileira, como nos mostra o antropólogo Roberto DaMatta (2012). Segundo ele, o herói deve ser trágico para ser interessante, com sua vida sendo definida por meio de uma trajetória tortuosa, cheia de peripécias e desmascaramentos. Destarte, nosso padrão de herói estaria mais próximo de tipos como o Conde de Monte Cristo, Pedro Malasartes e Lampião em que há a capacidade da renúncia ao sistema e assim a viabilização do alcance de uma posição social superior aos seus inimigos, o direito sagrado da vingança. (DAMATTA, 2012, p. 260)

Assim, a base do drama consiste, numa sociedade com pouca mobilidade, em fazer o personagem central terminar com mais do que possuía no começo da história. A possibilidade de tornar-se um craque como Pelé ou Garrincha, retrataria um ideal popular de ascensão. O nosso herói, portanto, precisa confirmar suas qualidades excepcionais para tornar clara a linha do seu glorioso destino (DAMATTA, 2012, p. 258).

Nelson Rodrigues ocupou farto espaço em suas colunas semanais para a reafirmação de cada feito desses heróis brasileiros, surgidos das sombras da sociedade, rumo ao triunfo em estádios lotados pelo Brasil e, nas copas do mundo e excursões da Seleção Brasileira, ao redor do mundo. Na época, excursões do selecionado brasileiro para amistosos eram comuns e isso teve também papel fundamental para sacralizar os craques brasileiros e seu estilo de jogo irresistível em muitos países onde se apresentaram.

Mas, dentre tantos casos é imprescindível citar Pelé e Garrincha. Embora muito já se tenha dito sobre ambos, seus feitos e eternizações, cabe aqui retomar um aspecto crucial para essa ascensão do jogo lúdico mas ao mesmo tempo eficiente do Brasil e que criou condições para que a conquista primeira de 1958 fosse alcançada. Vimos, no capítulo anterior, a saga entre 1950, o *Maracanazo*, até 1958, o triunfo na Suécia. E foi possível perceber nesse processo a contribuição de Nelson para a construção dessa vitória memorável. Antes da copa, toda imprensa criticava a possibilidade de triunfo. À maneira do herói baixo, aquele do qual não se espera nada que, desapercivelmente e aos poucos vai revelando sua essência heroica e triunfa sobre seus inimigos e rivais, como analisa Meletínski (2015, p. 70). A situação inicial é de descrença geral e Nelson apresenta no mito heroico, um matiz social. O rebaixamento social é afinal superado pela mudança no status moral e social após as provações. Na crônica “O quadrupede de 28 patas” Nelson narra a descrença do torcedor brasileiro no time que parte para a copa de 58: “Estou decepcionado com o escrete!” (1993, p. 49) teria comentado um amigo do cronista.

A crônica foi escrita após dois amistosos preparatórios em que o Brasil venceu o Paraguai de 5 a 1 no primeiro, e empatou em 0 a 0 no segundo. E, nela Nelson ainda desabafa:

Em qualquer outro país, uma vitória assim límpida e líquida do escrete nacional teria provocado uma justa euforia. Aqui, não. Aqui, a primeira providência do torcedor foi humilhar, desmoralizar o triunfo, retirar-lhe todo o dramatismo e toda a importância. Atribuía-se a vitória não a um mérito nosso, mas a um fracasso paraguaio. Os guaranis passavam a ser pernas-de-pau natos e hereditários. Dir-se-ia que, por uma prodigiosa inversão de valores, sofreremos com a vitória e nos exaltamos com a derrota. (RODRIGUES, 1993, p. 49)

Citemos novamente outra crônica, a última anterior à Copa de 58, publicada em 31 de maio de 1958, cujo nome “Complexo de Vira-latas” ficou adormecido na época mas, diante de nossa história recente, voltou à baila²¹. Segundo Nelson:

Por “complexo de vira-latas” entendo eu a inferioridade em que o brasileiro se coloca, voluntariamente, em face do resto do mundo. Isto em todos os setores e, sobretudo, no futebol. Dizer que nós nos julgamos “os maiores” é uma cínica inverdade. Em Wembley, por que perdemos? Porque, diante do quadro inglês, louro e sardento, a

²¹ É controverso o momento em que esse conceito voltou a tona mas, ironicamente, consta que a expressão tenha voltado a ser usada após ser citada pelo jornalista norte-americano Larry Rohter, numa matéria para o *New York Times*, em 2004. A matéria citava Nelson Rodrigues e a origem do conceito.

equipe brasileira ganiu de humildade. Jamais foi tão evidente e, eu diria mesmo, espetacular o nosso vira-latismo. Na já citada vergonha de 50, éramos superiores aos adversários. Além disso, levávamos a vantagem do empate. Pois bem: — e perdemos da maneira mais abjeta. Por um motivo muito simples: — porque Obdulio nos tratou a pontapés, como se vira-latas fôssemos. (RODRIGUES, 1993, p. 52)

E ainda afirma que o jogador brasileiro, quando se desamarra de suas inibições e se põe em estado de graça, é único em matéria de fantasia. (*idem*) Destarte, o herói precisa provar sua capacidade e a coletividade instintivamente não acredita nele, nem nela própria, tornando o êxito desta saga ainda mais glorioso e vingativo. E Nelson reforça a atitude pessimista e descrente dos torcedores o que colocaria a capacidade dos heróis em xeque:

Eu vos digo: — o problema do escrete não é mais de futebol, nem de técnica, nem de tática. Absolutamente. É um problema de fé em si mesmo. O brasileiro precisa se convencer de que não é um vira-latas. (RODRIGUES, 1993, p. 52)

A seleção, então, parte para a copa, com a desconfiança ainda latente desde o trauma de 1950. Nossos heróis poderiam superar as adversidades, confirmar os feitos e atender aos anseios da coletividade?

Novamente, há, entre todos esses aspectos, um considerado especialmente relevante nesse processo de realização de sacralização dos feitos coletivos²²: a presença de Pelé e Garrincha (**Anexo XIII**). Não se trata de Pelé. Não se trata de Garrincha. Mas dos dois. Ao mesmo tempo opostos e complementares.

E o que acontece então nesse Mundial? Já com a Copa em andamento, e após um entediante empate em 0 a 0 com a Inglaterra, o técnico Vicente Feola resolve, finalmente, arriscar e escala Pelé e Garrincha (que até então não podiam jogar juntos em razão de um “equilíbrio tático” que tornaria o time, com os dois, vulnerável demais). Cabe aqui lembrar “as ideias fora do lugar” de Roberto Schwarz no que se refere ao deslocamento de identidades culturais postas (ou impostas) de maneira enviesada. Seja na Belle Époque, nos anos 30, ou no futebol dos anos 50, com o Brasil se colocando como inferior culturalmente, não poderia propor algo próprio, original mas deveria seguir a cartilha do “futebol moderno” praticado pelos europeus. Por isso, Garrincha e Pelé representaram uma aposta ousada diante da

²² Considerado fundamental por vários autores inclusive por este signatário. Foram 40 partidas em que ambos estiveram em campo com 36 vitórias e 4 empates, entre 18 de maio de 1958 e 12 de julho de 1966. Juntos marcaram 55 gols: Pelé 44 e Garrincha 11 com o time canarinho tendo marcado 120 gols no total. Disponível em: <http://selecao.cbf.com.br/noticias/todas/xxx-10#.WWu6-P_yvog>.

imprensa esportiva e da opinião pública brasileira inclusive questionando questões raciais como já mencionado anteriormente. Não se deve esquecer, neste momento, que “soluções táticas” foram adotadas na Copa de 1954, na Suíça, através de um esquema ortodoxo, pensado por Zezé Moreira, e que levou o Brasil a um fracasso retumbante, sendo eliminado pelos húngaros.

Pois, o jogo em que essa aposta se verificou ainda se tornava mais dramático pois o adversário era a Rússia da Cortina de Ferro, com seus mistérios e que impunha respeito ao mundo com seu poderio bélico e tendo recentemente lançado ao espaço o satélite Sputnik. A Rússia teria conseguido, como se dizia, transpor para o campo de jogo um futebol científico, fruto do desenvolvimento do cérebro eletrônico.

E, diante de tudo isso, o que houve nos primeiros três minutos de jogo, no estádio Nya Ullevi, em Gotemburgo, foi a apoteose estonteante de um novo mundo (desconhecido para eles, europeus) de possibilidades e que transformou para sempre o futebol (**Anexo XIV**). Cinquenta mil presentes viram-se perplexos e extasiados o que o jornalista Gabriel Hannot definiu (**Anexo XV**), segundo Ruy Castro, como “os três maiores minutos da história do futebol mundial”, o que poderíamos ousadamente chamar de um *turning point* para o futebol mundial (CASTRO, 1995, p.164). Abaixo, o relato desse momento épico, publicado pelo repórter Ney Bianchi na revista *Manchete Esportiva*:

Monsieur Guigue, gendarme nas horas vagas, ordena o começo da partida. Didi centra rápido para a direita: 15 segundos de jogo. Garrincha escora a bola com o peito do pé: 20 segundos. Kuznetzov parte sobre ele, Garrincha faz que vai para a esquerda, não vai, sai pela direita. Kuznetzov cai e fica sendo o primeiro João da Copa do Mundo: 25 segundos. Garrincha dá outro drible em Kuznetzov: 27 segundos. Mais outro: 30 segundos. Outro. Todo o estádio levanta-se. Kuznetzov está sentado, espantado: 32 segundos. Garrincha parte para a linha de fundo. Kuznetzov arremete outra vez, agora ajudado por Voinov e Krijveski: 34 segundos. Garrincha faz assim com a perna. Puxa a bola para cá, para lá e sai de novo pela direita. Os três russos estão esparramados na grama, Voinov com o assento empinado para o céu. O estádio estoura de riso: 38 segundos. Garrincha chuta violentamente, cruzado, sem ângulo. A bola explode no poste esquerdo da baliza de lashin. E sai pela linha de fundo: 40 segundos. A plateia delira. Garrincha volta para o meio do campo, sempre desengonçado. Agora é aplaudido.

A torcida fica de pé outra vez. Garrincha avança com a bola. João Kuznetzov cai novamente. Didi pede a bola: 45 segundos. Chuta de curva, com a parte de dentro do pé. A bola faz a volta ao lado de Igor Netto e cai nos pés de Pelé. Pelé dá a Vavá: 48 segundos. Vavá a Didi, a Garrincha, outra vez a Pelé, Pelé chuta, a

bola bate no travessão e sobe: 55 segundos. O ritmo do time é alucinante. É a cadência de Garrincha. Iashin tem a camisa empapada de suor, como se já jogasse há várias horas. A avalanche continua. Segundo após segundo, Garrincha dizima os russos. A histeria domina o estádio. E a explosão vem com o gol de Vavá, exatamente aos três minutos. (CASTRO, 1995, p. 164)

Voltamos então à Garrincha e Pelé, opostos e complementares. Como percebido, Garrincha nos remete a uma surpreendente combinação de todos os elementos da formação brasileira e, talvez por isso, tão identificado com o herói dos contos populares, tipologia analisada por Vladimir Propp (1984) A anomalia de Garrincha que o rebaixaria à condição de deficiente se apresenta como uma mágica que reverte o próprio dano e o transforma em apoteose. Haroldo de Campos se referiu à fase inicial de Macunaíma, como um “ócio lúdico da promiscuidade tribal”. (CASTRO, 1995, p. 27) José Miguel Wisnik acrescenta que João Saldanha também escreveu crônicas sobre Garrincha. As crônicas remetiam ao ensaio “Dialética da malandragem”, de Antônio Candido, sempre pendulando entre a ordem e a desordem. João Saldanha foi treinador do Botafogo e dirigiu Garrincha com outros craques como Didi e Nilton Santos. O próprio Saldanha se via como uma espécie de Major Vidigal enquanto seus comandados eram “Leonardos”, sempre malandramente tentando burlar as regras e escorregar para a desordem.²³ Mas, na própria escrita de Saldanha, Garrincha é o verdadeiro *trickster*, prodígio da astúcia universal. Inefável em seu instinto de brincar com tudo e todos. E isso podia ser notado dentro e fora de campo, desde sua origem.

Vivia descalço [...] Quando ralhavam com ele por roubar doces ou biscoitos na despensa, sorria sem graça – e, na primeira oportunidade, voltava a fazer o que lhe fora proibido. Apanhou de vara de marmelo, mas talvez menos do que merecesse. (CASTRO, 1995, p. 27)

Saldanha (apud WISNIK, 2008, p. 281) ainda afirmaria que “dentro e fora de campo, jamais vi alguém tão desconcertante, tão driblador. É impossível adivinhar-se o lado por onde Mané vai sair da enrascada”.

Nelson Rodrigues parece concordar com Saldanha ao ter escrito inúmeras crônicas exaltando os feitos de Mané. Na crônica apoteótica da estreia de Garrincha contra a Rússia em que o Mané desintegra a defesa adversária Nelson fala em

²³ João Saldanha teve algumas crônicas publicadas com o título de *Histórias do futebol*, Editora Revan, 1994.

“show de Grande Otelo”. (RODRIGUES, 1993, p. 54) O sugestivo nome da crônica “A descoberta de Garrincha”, mostra que enfim Garrincha agora se revelou para o mundo. A construção se dava com Garrincha que “tinha derrotado a colossal Rússia, com a Sibéria e tudo o mais. [...] meu personagem não acredita em empate e se disparou pelo campo adversário, como um tiro.” (*idem*, p. 53)

Segundo a biografia de Ruy Castro sobre o craque alvinegro é possível notar que esses traços de Garrincha vêm do amadorismo e de sua vida em sua cidade natal, Pau Grande. Assim, o incomparável Garrincha apresenta contradições macunaímicas, uma capacidade de improviso, de ver o mundo de forma lúdica, uma ingenuidade e irresponsabilidade únicas que o fizeram ser admirado por grandes feitos em todos os estádios por onde passou. Há nele um mundo sem culpa, uma espécie de amadorismo permanente já que assinava contratos em branco com o Botafogo. Garrincha era um eterno peladeiro! Dessa forma encontramos nele todas as raças, o Brasil atávico, ambíguo, o país novo, como dizia Darcy Ribeiro.

Nelson Rodrigues, na mesma crônica, confirma essa tese vinculando a figura (agora) apoteótica do craque à sua origem em Pau Grande. Como se, para Garrincha, não houvesse a menor diferença entre jogar uma pelada em sua terra ou jogar uma copa do mundo (**Anexo XVI**):

Para ele, Pau Grande, que é a terra onde nasceu, vale mais do que toda a Comunidade Britânica, (...) Garrincha estava ali com a mesma boa-fé inefável com que, em Pau Grande, vai chumando as cambaxirras, os pardais. Via nos russos a inocência dos passarinhos. Sim: os adversários eram outros tantos passarinhos, desterrados de Pau Grande. (RODRIGUES, 1993, p. 54)

Por outro lado temos Pelé. Segundo Wisnik (2008, p. 286), “Pelé é uma espécie de inversão e redenção do Édipo: ele salva o pai, fracassado no futebol, da morte simbólica, contra a resistência protetora da mãe, que não acreditava na possibilidade de realização por essa via.” Haveria ainda em Pelé, alguma espécie de entidade que “baixa” e o põe em sublimidade. Curiosamente o próprio Pelé separa o cidadão Edson do jogador do século Pelé, aquele capaz de realizar feitos metafísicos no campo de jogo. Wisnik lembra que, no vestiário, antes das partidas, Pelé deitava-se por um tempo e tapava o rosto com uma toalha. Uma espécie de ritual que, talvez, pudesse invocar essa entidade mediúnica. É como se Pelé pudesse tornar real feitos “infazíveis”(neologismo nosso). Como nada visto antes. Pelé era a encarnação de visão total do campo e da bola, o que possibilitava que

pudesse controlar o tempo e o jogo de maneira única. Como se pudesse mover todas as variáveis a seu favor. Décio Pignatari define Pelé numa crônica de 1965:

Poucos, muito poucos, raros, raríssimo, talvez ninguém, teve (...) tanta sensibilidade e inteligência criativa para a relação básica do futebol: a relação bola-homem-campo, em função da meta. O campo é um verdadeiro prolongamento de sua pele: para onde vai, Pelé como que carrega o campo consigo. Isto porque ele sabe que, por estranho que pareça, o campo não é estático e sim uma estrutura dinâmica, móvel, relacionado às contínuas deslocamentos da bola e dos homens envolvendo sempre uma questão de tempo- o tempo fracionado em piques e lances que dão a precisão e o ritmo das jogadas e do jogo. (PIGNATARI, 1971, p. 179-180)

Pelé então seria o atleta do século em sua definição mais literal possível. O gol era o objetivo, tudo era para ele, em sua direção. Vemos características semelhantes hoje em dia em Messi, jogador argentino, que busca sempre o gol e o drible é a possibilidade de se desvencilhar do adversário em direção à meta adversária.

Nelson Rodrigues, também tratou de Pelé na crônica “Morrendo ao pé do rádio”. Nela, Nelson elege Pelé como o “personagem da semana”. Como já observado, Leônidas da Silva, ex-craque e comentarista esportivo, disse ao final do jogo do Brasil contra o País de Gales que Pelé devia ser barrado. Curiosamente, nesse caso, o herói foi posto a prova após uma vitória do Brasil, num jogo difícil contra a retranca galesa. Nesse momento, o herói Pelé foi o autor do gol da vitória e, mesmo assim, questionado. Nelson tratou de valorizar esse feito: “e veio Pelé e fez o milagre”. (RODRIGUES, 1993, p. 56).

Ainda sobre essa “equação exponencial”: Pelé X Garrincha (termo nosso), enquanto o primeiro trazia consigo a objetividade, a gana de vencer em uma sociedade estratificada, superar os obstáculos de forma inexplicável; o segundo trazia consigo o negaceio, o antônimo do drible. Armando Nogueira descrevia que Garrincha, ao desferir seu drible:

(...)em vez de fingir obviamente que ia sair pela esquerda saindo em seguida pela direita, como se espera normalmente do drible inesperado. Garrincha ‘pega a bola e para; o marcador sabe que ele vai sair pela direita; seu Mané mostra com o corpo que vai sair pela direita; o público todo sabe que ele vai sair pela direita; a essa altura a convicção do marcador é granítica: ele vai sair pela direita; Garrincha parte e sai pela direita. Um murmúrio de espanto percorre o estádio: o esperado aconteceu, o antônimo do drible aconteceu.’ (WISNIK, 2008, p. 270)

Enquanto para Pelé o drible é atalho para o gol, para Garrincha o drible é um fim em si mesmo.

Para Nelson, a presença de Pelé seria fundamental para a conquista de 58, como afirma em “A realeza de Pelé”:

Por que perdemos, na Suíça, para a Hungria? Examinem a fotografia de um e outro time entrando em campo. Enquanto os húngaros erguem o rosto, olham duro, empinam o peito, nós baixamos a cabeça e quase babamos de humildade. Esse flagrante, por si só, antecipa e elucida a derrota. Com Pelé no time, e outros como ele, ninguém irá para a Suécia com a alma dos vira-latas. Os outros é que tremerão diante de nós. (RODRIGUES, 1993, p. 44)

Nelson acreditava que Pelé traria brio e confiança ao time em função de sua imodéstia e capacidade técnica, tática e (por que não?) mediúnica num texto que é praticamente um tratado sobre imprescindibilidade do “Rei”:

Ainda no primeiro tempo, ele recebe o couro no meio do campo. Outro qualquer teria despachado. Pelé, não. Olha para a frente e o caminho até o gol está entupido de adversários. Mas o homem resolve fazer tudo sozinho. Dribla o primeiro e o segundo. Vem-lhe ao encalço, ferozmente, o terceiro, que Pelé corta sensacionalmente. Numa palavra: — sem passar a ninguém e sem ajuda de ninguém, ele promoveu a destruição minuciosa e sádica da defesa rubra. Até que chegou um momento em que não havia mais ninguém para driblar. Não existia uma defesa. Ou por outra: — a defesa estava indefesa. E, então, livre na área inimiga, Pelé achou que era demais driblar Pompéia e encaçapou de maneira genial e inapelável. Ora, para fazer um gol assim não basta apenas o simples e puro futebol. É preciso algo mais, ou seja, essa plenitude de confiança, de certeza, de otimismo, que faz de Pelé o craque imbatível. Quero crer que a sua maior virtude é, justamente, a imodéstia absoluta. Põe-se por cima de tudo e de todos. E acaba intimidando a própria bola, que vem aos seus pés com uma lambida docilidade de cadelinha. Hoje, até uma cambaxirra sabe que Pelé é imprescindível na formação de qualquer escrete. (RODRIGUES, 1993, p. 43)

Na crônica acima, é possível observar em Pelé um “caráter obstinado e furioso” (MELETINSKI, 2015, p. 67), moldado à maneira do herói arquetípico. Já para Garrincha, o gol era um complemento, o arremate do lúdico, a vingança após o chiste. O riso da plateia surgia como uma vingança ao adversário, como se após a vara de marmelo, Garrincha fizesse tudo novamente, e o ciclo se repetia indefinidamente, como é possível notar na crônica “Os que negam Garrincha”, de 2 de junho de 1966:

Na primeira bola que recebeu, já o povo começou a rir. Aí é que está o milagre: — o povo ria antes da jogada, da graça, da pirueta. Ria adivinhando que Garrincha ia fazer a sua grande ária, como na

ópera. Como se sabe, só o jogador medíocre faz futebol de primeira. O craque, o virtuose, o estilista, prende a bola. Sim, ele cultiva a bola como uma orquídea de luxo. (RODRIGUES, 1993, p. 119)

Assim, com os dois, havia a combinação perfeita. E todo o complexo que nos levou à ruína, agora nos redimia. Tínhamos a competitividade do esporte e, ao mesmo tempo, um Brasil genuíno em campo. O fato é que, com os dois na Seleção, o Brasil jamais perdeu um jogo, oficial ou amistoso.

Não há como não considerar, portanto, a importância de Pelé e Garrincha para superar traumas tão indelévels, ainda mais em um povo com o típico complexo de vira-latas. Destarte, o herói brasileiro visto nos campos de futebol é uma construção que reflete nossos complexos e aspirações. Depositamos no ídolo, a confirmação de seus feitos individuais, uma aspiração de conquistas e vitórias que não encontramos em outras esferas de nossa sociedade. Essas conquistas de nossos heróis, todavia, tornam-se as conquistas da coletividade. O povo brasileiro se vê, de certa forma, em campo, como num espelho, e assim se redime por meio desses grandes feitos, até então irrealizáveis. Nelson Rodrigues soube materializar essa construção tentando promover a aceitação e exaltação de todas as raças, viabilizando a afirmação até a obtenção de conquistas que se tornaram imemoriais, transmudando em heróis que viriam a se tornar, com suas conquistas, eternos.

3.2 – Segundo tempo II - A apoteose do craque brasileiro: o drible e a carnavalização fugaz

O futebol encontra no carnaval da Idade Média terreno fértil para analogias e reflexões sobre sua herança na sociedade contemporânea. É um rito que se repete e se renova a cada domingo, ansiosamente aguardado durante toda a semana. O domingo seria a terça-feira gorda com sua atmosfera que “impregna todo o episódio” (BAKHTIN, 2013, p. 193) Na vitória, bebe-se “como se não houvesse amanhã”, de forma parecida ao que Bakhtin trata em sua obra *Cultura popular na Idade Média*. E, quando encontra a derrota há a renovação no domingo seguinte quando começa um novo ciclo infinito.

O futebol acabou por assumir ainda maior importância numa sociedade altamente estratificada, portanto, sem perspectivas para as camadas populares. É a festa do povo! Como o carnaval de Roma que “não é propriamente uma festa que se dá ao povo, mas que o povo dá a si mesmo.” (BAKHTIN, 2013, p. 214). Isso se torna

ainda mais evidente se considerarmos o futebol como a única possibilidade de ascensão para essa gente despejada nas ruas e sem preparo para um país em industrialização. Do ponto de vista do gozo, também reside no futebol a possibilidade de participar ativamente da festa, no mesmo ambiente que a burguesia: o estádio de futebol. Todos gritando pelo mesmo time, num palco carnavalizado: todos como iguais, “75 milhões de reis.” (RODRIGUES, 1993, p. 92)

Nesse ambiente, os protagonistas se constituem como “heróis da massa” (termo nosso) numa construção (e desconstrução, um destronamento) permanente. Evidentemente Nelson Rodrigues tem papel fundamental nesse processo. Por tudo que já foi dito a respeito do seu estilo, e acrescido ao fato de escrever numa publicação esportiva com um largo alcance na sociedade carioca além de, posteriormente nos anos 60, ter participado da Mesa Facit, programa de debates na TV, o alcance de suas ideias e de sua imagem tornou-se exponencializado. Inclusive, uma de suas colunas se chamava, “Meu personagem da semana” **(ANEXO XVII)** e, a julgar por esse nome, só isso já é motivo para se perceber a exaltação dos personagens advindos do campo de jogo. Surge, com contribuição relevante de Nelson, o nosso herói! Aquele que, através de seus feitos, emerge das sombras da sociedade para realizar grandes feitos coletivos para a grande massa espectadora. Quer dizer, a cada herói do fim de semana, seja pelos gols, dribles ou até mesmo por algo picaresco, emerge um personagem a ser exaltado por Nelson, como na crônica “O Pelé branco”, de 7 de março de 1959:

Amigos, não há de ser difícil catar o meu personagem da semana entre os 22 jogadores de Vasco e Flamengo (digo 22 e já amplo: - mais, por causa das substituições). Mas como eu ia dizendo, o personagem pula do jogo como um elástico polichinelo. Chama-se Almir e os locutores costumam trata-lo de “Pernambuquinho”. (RODRIGUES, 1993, p. 74)

E segue na crônica exaltando a atuação de Almir:

O sujeito que tiver medo de careta não pode nem sonhar com a seleção patricia. E Almir é um dos que podem comparecer de peito aberto e lavado, ao certame continental, disposto a dar e a levar botinada. É pequenininho, mas como diz a sabedoria anônima e plebeia:- tamanho nunca foi documento. Já o vi derrubar sujeitos maciços, compactos, grandalhões, como bastilhas supostamente inexpugnáveis. (RODRIGUES, 1993, p. 75)

Nesse trecho o pequeno herói se agiganta diante dos oponentes, como na história de Davi e Golias. Nelson provoca uma inversão ao elevar Almir a um Pelé branco. Isso significa que o Pelé “original”, negro, seria a divindade máxima, mas Almir o supre quase tão magnificamente. Numa sociedade eurocêntrica e que vive aspirando um modo de vida burguês, e ainda com mobilidade e pensamento fortemente influenciados pela cor da pele, ser um Pelé branco, convenhamos, poderia ser um rebaixamento mas, pelo contrário é elevação. Ainda mais equiparada a alguém tão perfeito quanto o Pelé “racialmente perfeito” (1993, p. 42). Dessa maneira Nelson, de uma só vez promove o Almir, o Pelé branco, e reforça a sublimidade do Pelé “original”.

Em *Os arquétipos literários*, Meletínski (2002, p.19) define o arquétipo do herói que teria “elementos temáticos permanentes que acabaram se constituindo como que de uma linguagem temática da literatura universal.” Assim, complementa Melentínski (2002, p. 20), eles “não passam de transformações originais de alguns elementos iniciais, elementos que ele chama de ‘arquétipos temáticos’”. Essa definição é profícua para se compreender a inserção desse herói cultural na sociedade brasileira, desde o século XIX. Da Matta (1978, p. 259) complementa, afirmando que “os mitos contados ao pé do fogão nas nossas casas e fazendas, e é, por seu turno, o mesmo mito dos nossos avós navegadores, que, por sua vez, é o mesmo mito das nossas sociedades”. O herói começa, ainda em Da Matta, com alguém muito pobre e desgraçado, que está lá embaixo, nos porões do mundo social. E obviamente terminamos com sua ascensão social fulminante. (DAMATTA, 1978, p. 258)

Pois, não se deve ignorar o fato de que esse herói surge numa tentativa de driblar as adversidades. O *drible*, propositadamente com duplo sentido, é a libertação desse menino anônimo dessa sociedade “ex-cravocrata”. Como sua única chance, o drible liberta dentro e fora do campo de jogo se constituindo na grande arma desse herói, seu grande poder. É a arma eficazmente utilizada em qualquer terreno da vida social, numa simbologia que, muito além de sagaz, ajuda a explicar o Brasil.

José Miguel Wisnik dedica várias páginas de seu livro *Veneno Remédio: o futebol e o Brasil*, de 2008, à tarefa de esmiuçar esse drible. Como ele se apresenta e sua relação com nossa sociedade. O drible, para Wisnik, assume um caráter lúdico, malandro, de ludibriar o adversário (entende-se adversário como o oponente:

no campo de jogo ou na sociedade) e seguir em frente, em ascensão. Esse drible, afinal, representa um conjunto de valores do caráter nacional dentro da arena dos embates esportivos. Em nenhum lugar do mundo o drible tem tanta importância para o futebol como no Brasil. Isso pode ajudar a explicar, atualmente, o fato de Neymar ser criticado em vários órgãos de imprensa da comunidade europeia por exagerar nas firulas²⁴. É compreensível esse comportamento numa sociedade tecnocrática como a europeia em que a objetividade é a tônica e a meta é o gol (*go!*, em inglês). Não no caso brasileiro cujo objetivo é o lúdico, a arte e o espetáculo. O jogar, o divertir-se, é mais importante, muitas vezes, do que o gol propriamente. A cada drible, uma vitória, uma libertação. Essa arma constrói, a cada execução circular, a dimensão lúdica nacional. Como se em cada negaceio houvesse nele uma vitória contra esse inimigo cruel: a exclusão social!

Garrincha provocava o êxtase e o riso no público em função de seus dribles excepcionais. Já para Pelé, o drible visava a meta adversária. Em Neymar, também o drible destoa com seu caráter lúdico e inócuo senão por uma diversão para quem o pratica e, é claro, ao público presente no picadeiro. Se, antes, havia o paralelo estabelecido entre o futebol e o teatro, na medida em que o esporte de massa substituiu os palcos cênicos, num movimento já relatado por Pirandello em seu discurso de abertura do *IV Convegno della "Fondazione Alessandro Volta"* (tema: *Il teatro drammatico*), em 1934, em que cita um novo estilo de vida burguês voltado para grandes espetáculos; mais recentemente o futebol se transformou num fenômeno midiático de proporções globais, em que, cada movimento desse balé que envolve o drible provoca debates não mais nas mesas de bar no entorno do estádio, mas em comentários em redes sociais e na imprensa esportiva do mundo todo. Um drible de Neymar pode causar um novo contrato comercial, uma nova ideia de propaganda, mas, sobretudo, uma movimentação popular universal que discute sobre esse drible como se estivesse presente no estádio.

Assim, o gol, como objetivo, como propósito, movimenta botinadas por todo o mundo. Mas, o caso brasileiro, com seus dribles os quais Pasolini já mencionava sem necessariamente buscar o gol, é uma patente que ninguém mais ousa reproduzir. E, surge então, uma questão instigante: por que essa simbiose ocorre?

24 Uma das polêmicas pode ser encontrada em: <<http://globoesporte.globo.com/futebol/futebol-internacional/futebol-espanhol/noticia/2016/09/ex-jogador-do-barca-critica-postura-de-neymar-em-goleada-provoca.html>>. Acesso em: 15 de maio de 2017.

Quer dizer, o que faz o drible ser uma marca cultural brasileira com aceitação e valorização pelo público? Ao contrário dos europeus, não só não criticamos a firula inútil como a exaltamos como algo diferencial, uma virtude a ser preservada, de Garrincha a Neymar.

Uma possível explicação encontra-se em “Dialética da Malandragem”, ensaio de Antônio Candido (1970, p. 88), ao mostrar de que maneira uma sociedade altamente estratificada e brutal, como foi a brasileira do período escravocrata, cria “uma espécie de terra-de-ninguém moral, onde a transgressão é apenas um matiz na gama que vem da norma e vai ao crime.” Nesse sentido, o Brasil, e mais especificamente o Rio de Janeiro, encontrou na malandragem uma forma de sobreviver nesse ambiente que foge às esferas sancionadas da norma burguesa encontrando a irreverência e a informalidade numa espécie de negação velada a essa imposição binária.

Essa malandragem pode ser sintetizada pela ginga, a capacidade de driblar do brasileiro, ainda que não tenha como objetivo, o gol mas a subversão às regras, impostas brutalmente a partir das elites. Essa simbiose, dentro e fora de campo, também ajuda a explicar o sucesso do futebol no Brasil e como essa capacidade única se aperfeiçoou e elevou o futebol brasileiro a outro patamar. Durante décadas, europeus estudaram nossa forma de jogar a fim de encontrar uma maneira de parar nosso jogo. Uma tarefa árdua visto que esse talento se renova a cada domingo, a cada clássico no Maracanã, de maneira espontânea, nascida na várzea, outro elemento colaborador para a confecção da arma desse nosso herói. Em meio às dificuldades impostas pelo campo de jogo supera-se e desenvolve-se de maneira única em relação a outras culturas em condições de prática mais favoráveis: assim, nós, temos a bola, e os europeus, o campo de jogo.

É essencial, a esta altura, fazer uma digressão e explicar melhor sobre a inserção do futebol no meio social brasileiro, apresentado por Hilário Franco Júnior em seu trabalho *A dança dos deuses* (2007). “Esporte de bacharéis num país caracterizado por gigantesca desigualdade social, um esporte de brancos numa sociedade com marcas ainda expostas do escravismo, esporte associado a ícones do progresso e da industrialização numa economia ainda essencialmente agrária, o futebol tornou-se desde o começo um dos alicerces da construção nacional e relevante para debates acerca da modernidade. (FRANCO JUNIOR, 2007, p. 61) Estamos aqui nas duas últimas décadas do século XIX e início do século XX. Numa

época em que o futebol se apresentava como um novo item da modernidade europeia, o que evidentemente não poderia faltar à elite brasileira e, por isso, deveria ser praticado por seus pares. Vejamos o *Jornal do Sports*, em 6 de agosto de 1915: “o futebol é um esporte que só pode ser praticado por pessoas da mesma educação e cultivo. Se formos obrigados a jogar com um operário, [...] a prática do esporte torna-se um suplício, um sacrifício, mas nunca uma diversão.” (2007, p. 63)

Resumidamente, as ligas começaram a se organizar com esses preceitos em mente mas parece que a “higienização”, no futebol, não prevaleceu. As fronteiras foram transpostas desde cedo e times improvisados surgiram a partir de setores populares. Bolas improvisadas em terrenos nada propícios à prática do esporte foram a gênese e impulsos à criatividade que se tornaram marca desse traço de nossa cultura. Em pouco tempo uma série de equipes foi constituída por iniciativa de pequenos comerciantes, operários e artesãos.

Havia então, duas concepções do futebol. De um lado, a visão pedagógica europeia a qual Rui Barbosa em seu parecer sobre a Reforma do Ensino Primário em 1882 falava em harmonização dos músculos, higienização dos corpos, etiqueta, coordenação dos movimentos e controle da violência. Já em 1905, Monteiro Lobato reforça “as qualidades educativas” do futebol que contribuíra “imensamente para a superioridade das nações anglo-saxônicas”. (FRANCO JUNIOR, 2007, p. 64) De outra parte, havia a realidade nacional dos trabalhadores braçais. Acostumados às danças populares, à capoeira, improvisações da arte da malandragem, vinculadas a sempre precárias condições de vida. Habilidades imanentes que, tanto Hilário quanto Wisnik, consideram determinantes para uma nova maneira vindoura de jogar o futebol.

O crescimento do prestígio popular do futebol levou a imprensa a denegrir aquilo que classificavam como práticas selvagens dos “canelas negras”, em nada comparável a aristocracia dos *sportmen* (FRANCO JUNIOR, 2007, p. 67). Estamos, ainda, falando de um período em que há um indesejável compartilhamento dos espaços públicos.

E foi nesse espaço conflituoso que o futebol cresceu, se popularizou e se firmou como um esporte de massa. Apesar da resistência dessa elite que não aceitava a presença, sobretudo, dos negros, o desempenho desses corpos moldados pela vida obrigou essa elite a incorporar o pé-de-obra dessa massa ávida pela prática desse esporte. Cresceu, mas sempre de modo conflituoso e sempre

enfrentando resistências. Lima Barreto, crítico atroz do futebol no Brasil, em uma entrevista dada ao Rio-Jornal, em 1919, criticou a apropriação do futebol pelo governo por subvencionar o esporte “em troca de favores e favorezinhos, (as ligas) do governo para lançar cizânias entre Estados da união e criar distinções idiotas e antissociais entre os brasileiros.” Dessa forma criou-se, em março de 1919, “A Liga Contra o football”²⁵, visando também denunciar esse estado de coisas.

Mas a inserção ocorreu e, segundo Hilário, se deveu justamente a essa capacidade dos negros de jogar um futebol diferente daquele conhecido e trazido pelos anglo-saxões. Os clubes passaram a aceitar os negros nas ligas e estes começaram a se destacar a ponto de serem convocados para a seleção nacional. Como exemplo, o presidente Epitácio Pessoa, em 1921, proibiu a convocação de jogadores negros e isso acabava excluindo o goleador Friedenreich o que, no fim, acabou sendo permitido em 1922, na campanha vitoriosa do Brasil, ainda de camisas brancas, no Sul-americano disputado no Rio de Janeiro.

Diante de tantas histórias e revezes parece claro que a resistência com relação aos negros sucumbiu diante da qualidade por eles apresentada no campo de jogo. Ao contrário do que alguns pensam, não se trata de benevolência desse ou daquele clube mas da resignação diante da inexorável capacidade desses corpos maltratados pelo sistema de uma performance que permitia obter resultados num esporte que, por volta da década de 20, começava a se profissionalizar.

Dito isso, o futebol começou a ser praticado por todas as raças e, com todas essas ressalvas, podemos trazer a baila o conceito de democracia racial novamente. Ao menos no campo de jogo...

Em *Sobrados e Mucambos* Gilberto Freyre (1996, p. 598) afirma que o modo brasileiro de jogar convertia o “jogo britanicamente apolíneo em dança dionisíaca”, incorporando à sua técnica “o pé ágil mas delicado” do capoeira e do dançarino de samba”. A época da copa, já em 1938, Freyre ainda burilou essa formulação dizendo “numa comparação estilística mais aguda, que o futebol europeu, reto e anguloso, ganhou no Brasil, contornos sinuosos e curvilíneos que “arredondam e adoçam o jogo” (**ANEXO XVIII**). Anatol Rosenfeld (1993, p. 101) arremata afirmando que a capoeira, inventada por afrodescendentes e mestiços, desenvolveu-se como uma

25 “A liga contra o football” foi extraído do ebook Crônicas de Lima Barreto sobre o futebol, sem data.

forma acrobática de autodefesa” cujos jogadores “sabiam derrubar o adversário perplexo através de uma técnica rica em truques de violentas e ágeis rasteiras”.

Freyre ainda extraia as qualidades do futebol brasileiro dessas manifestações para fins claramente lúdicos. E esse ponto é crucial para entendermos o drible brasileiro. Wisnik (2008), no tópico “O império da elipse”, dedica onze páginas para explicar a relação dessa elipse com o drible do jogador brasileiro. Há neste uma espécie de finta, um negaceio, a sugestão de um itinerário que não se confirma, como vemos em Garrincha (diferentemente de dribles “retos” como o drible da vaca em que o jogador joga a bola por um lado do adversário e corre mais rápido para pegar a bola do outro). Um movimento “que não se dá se dando e se dá não se dando” (WISNIK, 2008, p. 311). O drible é, portanto, para o brasileiro, um chiste, e isso proporciona um prazer quanto ao desenlace, desconcertante. Ele seria “ao mesmo tempo tendencioso e inocente, envolvendo de forma humorística o outro como objeto da vontade de brincar, reprimida pelas responsabilidades da condição adulta e pelas coerções da vida civilizada, que sublima carnalisticamente.” (WISNIK, 2008, p. 312)

A *soule*, festa popular praticada em regiões da França desde a Idade Média, caracteriza-se por uma disputa de bola realizada por grupos numerosos de pessoas em uma espécie de “vale tudo com a bola”(grifo nosso) que mistura agressividade e ludicidade. Peter Burke a cita em seu livro *Cultura Popular na Idade Moderna*, mostrando como essa “disputa” por um objeto promovia, enquanto perdurava, o esquecimento do sentido. Burke (1989, p. 215) menciona que “os sentidos cristãos foram sobrepostos aos pagãos, sem obliterá-los, e a resultante precisa ser lida como um palimpsesto.” Os rituais, ao mesmo tempo, podiam simbolizar diversas mensagens constantemente mutáveis “como uma salsicha podia simbolizar um falo; mas então um falo podia simbolizar algo mais, quer os contemporâneos tivessem consciência disso ou não.” Uma bexiga de porco pode ser usada ‘para tocar música, jogar futebol e bater nas pessoas”.

E é nesse ponto que é preciso tocar: o drible, então, apresenta-se como um combustível a provocar a carnavalização, o riso, e as inversões. Nelson Rodrigues encontrou em Garrincha o ator ideal para concretizar essa alquimia. Na crônica “Os

que negam Garrincha”, escrita já numa época em que Garrincha era questionado²⁶, Nelson promove a mágica:

Mas o que eu queria dizer é que, como qualquer multidão, aquela massa estava triste, fúnebre, inconsolável. E só mesmo o meu personagem da semana, Mané Garrincha, conseguiu arrancar do Maracanã entupido uma gargalhada generosa total. Vocês se lembram de Charlie Chaplin, em Luzes da ribalta, fazendo o número das pulgas amestradas? Pois bem, Mané deu-nos um alto momento chapliniano. E o efeito foi uma bomba. (...)

Foi uma das jogadas mais histriônicas de toda a vida de Mané. Primeiro, pulou por cima da bola. Fez que ia mas não foi. Pula pra lá, pra cá, com a delirante agilidade de 58. Lá estava a bola, imóvel, impassível, submissa ao gênio. E Garrincha só faltou plantar bananeiras. Três ou quatro gaúchos batiam uns nos outros, tropeçavam nas próprias pernas. O importante, porém, é que a multidão, neurótica como toda multidão, ria, finalmente ria. E o som de 150 mil gargalhadas saiu do Maracanã e rolou por toda a cidade. (RODRIGUES, 1993, p. 119)

Ou, ainda, nesse trecho, da crônica “Garrincha não pensa”, já mencionada anteriormente, a carnavalização emerge a partir do drible:

O futebol era, nesta terra, um esporte passional, sombrio, cruel. O torcedor já entrava em campo vociferando: — “Mata! Esfola!”. Ontem, porém, no Botafogo x Fluminense*, sentiu-se uma curiosa reação: — Garrincha trazia para o futebol uma alegria inédita. Quando ele apanhava a bola e dava o seu baile, a multidão ria, simplesmente isto: — ria e com uma saúde, uma felicidade sem igual. O jornalista Mário Filho observou, e com razão, que, diante de Garrincha, ninguém era mais torcedor de A ou de B. O público passava a ver e a sentir apenas a jogada mágica. Era, digamos assim, um deleite puramente estético da torcida. **(Anexo XIX)**²⁷ (RODRIGUES, 1993, p. 63)

Assim, o drible provoca o riso e o êxtase e promove um carnaval pela cidade. Evidentemente, pela lógica do esporte, o gol produz esse efeito “carnavalizante”, mas, especialmente no Brasil, o drible, por si, promove um efeito inebriante de

²⁶ “O jornalista Roberto Porto, que acompanhou de perto a carreira do craque, não nega que os já conhecidos problemas com a bebida foram determinantes para o declínio - e posterior morte - de Mané Garrincha. No entanto, o historiador afirma que não foi só isso. Uma artrose no joelho e uma cirurgia, já quando o Anjo das Pernas Tortas ultrapassava a casa dos 30 anos, impediram suas intrépidas arrancadas e ajudaram para que o gênio tivesse seu jogo limitado.” Disponível em <<http://m.lance.com.br/todos-esportes/garrincha-mitos-historias-muita-alegria-craque.html>>. Acesso em 25 de maio de 2017.

²⁷ No anexo XIX é possível ver o momento em que Mané deixa um de seus “joões” (maneira como seus marcadores ficaram conhecidos) caído. Toda a trajetória do drible se confirmara. Em meio ao ambiente social, conversando com os mais velhos, descobre-se que muitos torcedores de outros times iam ao Maracanã apenas para ver Garrincha. Algo semelhante ocorreu com Pelé. Tanto que o Santos muitas vezes optava por jogar no Maracanã: havia, entre as torcidas dos mais variados times uma afeição pelo espetáculo que Garrincha e Pelé certamente proporcionariam

proporções consideráveis, diferentemente de sociedades tecnocráticas em que apenas o gol produz o êxtase advindo do sentimento da vitória. São sociedades entranhadas pelo espírito do capitalismo, com o sentimento ativado pela vitória, pela conquista baseada no mérito e no esforço preparatório.

Enquanto isso há no Brasil a carnavalização permanente na vitória, mas não apenas nesse momento de êxtase. É preciso haver o espetáculo, o drible, o desconcerto do adversário, o chiste, a subversão aos padrões táticos. A torcida espera, ávida, não só a vitória, mas o show. E, aí sim, emerge o carnaval nas ruas e avenidas. As ruas pintadas prenunciam, em copas do mundo, não a vitória somente, mas a possibilidade de espetáculo. Nelson Rodrigues, em todas as conquistas da Seleção Brasileira, apelou a essas imagens efêmeras do carnaval em que as hierarquias eram abolidas para todos se tornarem iguais. A Cocanha, para Nelson, era toda a cidade, e por extensão todo o país, inebriados e abraçados comemorando a vitória, como na crônica “Bicampeões do mundo”, de 18 de junho de 1962:

Súbito o brasileiro, do pé- rapado ao grã-fino, do presidente ao contínuo, o brasileiro, dizia eu, assume uma dimensão inesperada e gigantesca. O bêbado tombado na sarjeta, com a cara enfiada no ralo, também é rei. (...) De sábado para domingo houve a feérica vigília do triunfo. Ninguém tinha dúvidas. Aí é que está, ninguém tinha dúvidas. E sofríamos porque há também a angústia da certeza. Mas eu falava da grande véspera. Lotes de macumbas nas esquinas, botecos iluminados como velórios. Vinte e quatro horas antes da batalha, já tropeçavam na rua os bêbados da vitória. Amigos, nunca foi tão fácil ser profeta. (RODRIGUES, 1993, p. 92)

Por ocasião da conquista do campeonato em 58, Nelson relatava efusivamente que o time vitorioso formado por “negros ornamentais folclóricos divinos” (grifo nosso), tinha alcançado três proezas: encantar o mundo, superar o complexo de vira-latas e aproximar todos os brasileiros, como vemos em “É chato ser brasileiro”:

Ao escrete, amigos, ao escrete que, hoje, é o meu personagem da semana, meu múltiplo personagem. Personagem meu, do Brasil e do mundo. Graças aos 22 jogadores, que formaram a maior equipe de futebol da Terra em todos os tempos, graças a esses jogadores, dizia eu, o Brasil descobriu-se a si mesmo. Os simples, os bobos, os tapados não de querer sufocar a vitória nos seus limites estritamente esportivos. Ilusão! Os 5 x 2, lá fora, contra tudo e contra todos, são um maravilhoso triunfo vital de todos nós e de cada um de nós. Do presidente da República ao apanhador de papel, do ministro do Supremo ao pé-rapado, todos aqui percebemos o seguinte: — é chato ser brasileiro! (RODRIGUES, 1993, p. 60)

Pessoas de todas as classes bebem a vitória ou a derrota porque veem o esporte além do esporte, o enxergam como uma grande festa que perde o sentido no momento em que se realiza. Já nem sabe exatamente o porquê do carnaval, mas ele precisa continuar “até o sol raiar”. Isso talvez possa explicar a história da seleção de 82 que até hoje é lembrada, mesmo tendo sido derrotada, como uma das maiores de todos os tempos. Embora haja aí um trauma pela derrota, numa sociedade com um evidente complexo coletivo, há também aí uma exaltação de um grande feito desse time: ter oferecido ao grande público um grande espetáculo.

É importante ressaltar que, nas crônicas rodrigueanas, a representação dos espaços em que ocorrem as celebrações do futebol e a construção positiva da imagem dos craques relacionando-os ao homem brasileiro, se dá a partir de imagens, metáforas, frases e arquétipos emprestados também do teatro, do romanceiro popular e do carnaval, esta última manifestação em que as inversões sociais e as hierarquias são abolidas apenas temporariamente, enquanto dura a festa. Percebe-se então um paradoxo: essa construção de identidades feitas para durar e servir de modelo para um projeto de homem brasileiro se dá num ambiente onde coroamentos e destronamentos são uma constante, onde as glórias são provisórias. Nelson, na ânsia de promover esses craques e elevar o Brasil ao status de potência, não permite que isso ocorra: é preciso, portanto, para isso, eternizar o craque e seus feitos. Um exemplo disso é que Nelson Rodrigues escrevia suas colunas de futebol uma vez por semana. Se considerarmos que após o título de 58, por exemplo, ele escreveu três crônicas exaltando a conquista isso significa dizer que esse carnaval, para ele, durou três semanas.

Vilém Flusser (2008) retrata, ao contrário do que se possa pensar, que o futebol brasileiro não se explicaria somente nessa evasão do cotidiano e escape do mundo do trabalho, um caráter dominante europeu, mas estaria também aí presente uma visão de um homem “autêntico, e espontâneo, não-deliberado homo ludens”. Segundo ele, a alienação brasileira adviria a perspectiva utópica de um homem que não estivesse condicionado pela economia. Embora essa proposta seja polêmica é preciso refletir porque o futebol assumiu no Brasil esse caráter tão singular. Como se fosse possível, como propôs Darcy Ribeiro (1995) em *O povo Brasileiro*, pensar num novo homem com novos valores que possibilitem essa tendência criativa sem que seja alienante e sem que seja calcada na busca pela produtividade e pelo resultado.

Eric Hobsbawn (1995, p. 196) corrobora esse pensamento afirmando que “num tempo em que, no campo da cultura popular, o mundo era americano ou provinciano, a única exceção foi o esporte, e, nele, quem tendo visto a seleção brasileira em seus dias de glória negará sua pretensão à condição de arte?”

3.3 Segundo tempo III – Nelson Rodrigues ensaísta: representações da identidade brasileira a partir das crônicas de futebol.

Nelson Rodrigues também se propôs a buscar explicação para esse “homo ludens” brasileiro que poderia se afirmar e se impor diante do mundo, tudo a partir do futebol, e, assim, buscou reunir ideologicamente as condições para que toda a pátria pudesse se reunir em torno dele e, através dele, alcançar sua redenção. Em algumas de suas crônicas surgiram definições sobre o caráter nacional, como já mencionado antes. Alguns, talvez também influenciados pela ideologia do dramaturgo e pelas suas idiossincrasias, incorram no equívoco de tratar Nelson Rodrigues como uma figura folclórica desprezando o valor de suas crônicas em prol do valor inequívoco de sua obra para o teatro, ambiente onde goza de inegável prestígio. A respeito disso, e para valorizar as análises rodrigueanas a serem empreendidas neste tópico, é relevante citar Luís Augusto Fischer que, recentemente, publicou o livro *Inteligência com dor*, pela Editora Arquipélago. Neste trabalho, ele apresenta (e eleva) as crônicas de jornal de Nelson Rodrigues a uma categoria superior: a de ensaios. Segundo suas palavras, num trabalho publicado por Josélia Aguiar, em *Pesquisa Fapesp*, em julho de 2010:

O cronista é, em regra, um comentarista lírico da vida, ao passo que o ensaísta escreve com o cérebro ativo, ainda quando comente a vida cotidiana [...] E o cronista tende a ser um autocomplacente, ao passo que o ensaísta é rigoroso e mesmo cruel consigo mesmo, e faz isso não por masoquismo, mas para conquistar um ponto de vista mais profundo e mais radical, escapando do círculo ameno da crônica, que se contenta com exterioridades.

Segundo Fischer (apud AGUIAR, 2010, p. 92), “Nelson não tinha percepção do valor de suas crônicas. Eram feitas, como dizia, para “pagar o leite das crianças””. Assim, escrevia “como um palpiteiro, um memorialista” o que provocava reações adversas da sociedade. E, “como bom ensaísta, conseguia sair da estreiteza de seu tempo, libertando-se dessa constrição, para tentar avaliar as coisas do ponto de vista da eternidade.”

“Nelson Rodrigues foi capaz de construir uma teoria sobre o ser brasileiro, algo que, como lembra Fischer, foi tão do gosto de ensaístas que escreveram sobre o tema no decorrer do século XX” (FISCHER apud AGUIAR, 2010, p. 92). Escreveu “em brasileiro” fazendo com que a linguagem literária se abrasileirasse definitivamente. “Nelson fez a mágica”, encerra Fischer (apud AGUIAR, 2010, p. 93).

Em *Santos e Canalhas*, Adriana Facina também dedica algum espaço de seu livro para mostrar a inspiração de Nelson Rodrigues em suas crônicas futebolísticas e sua tentativa de propor uma identidade brasileira. Há a já sabida influência freyreana mas sua recriação literária vai além ao tentar definir o homem brasileiro. Neste instante opera-se o milagre e o pessimismo de Nelson a respeito da natureza humana cede lugar a um otimismo sobre o potencial de todo um povo. É o futebol brasileiro a enzima capaz de operar essa transmutação de fracasso em fórmula de sucesso. Portanto, Segundo Facina, há uma brecha nesse pessimismo na identificação do povo com a Seleção Brasileira, e seus feitos possibilitados pelo talento individual dos jogadores.

Sobre esse antagonismo entre o otimismo e o pessimismo rodrigueano há uma observação interessante de Magaldi acerca do teatro do dramaturgo mas que pode servir para explicar a visão do porquê de Nelson ver no futebol a redenção do povo brasileiro:

A consciência (realidade) traz sofrimento, melhor então seria se refugiar no inconsciente. Essa seria, para Nelson, a fisionomia da realidade, quando os circunstantes se veem diante de uma tragédia: simples espectadores indiferentes. Dessa forma surge a fantasia e a perfeição romântica como formas de repúdio a essa realidade. (MAGALDI, 1987, p. 74)

O futebol seria então o campo propício para essa busca de felicidade e fantasia. Talvez uma fuga da realidade mas, talvez, as possibilidades de surgimento de um novo povo, feliz e orgulhoso de si. É possível dizer que o futebol, assim como outras formas culturais, repensa e reconstrói idealmente, ainda que a sua maneira, a sociedade. Assim, por despertar emoção tão envolvente e adesão tão avassaladora ele claramente se destaca com relação a qualquer outra manifestação contemporânea. (FRANCO JUNIOR, 2007, p. 394)

O pensamento de Nelson Rodrigues, como já mencionado sob outro viés, caminha na direção de acreditar que o povo brasileiro é mesmo “um narciso às avessas, que cospe na própria imagem.” (RODRIGUES, 1993, p. 30) E corrobora

sua tese com a definição do complexo de vira-latas em que “a inferioridade que o brasileiro se coloca, voluntariamente, em face do resto do mundo.” (RODRIGUES, 1993, p. 52) Para justificar esse pensamento, Nelson utiliza imagens que, para ele, simbolizam essa inferioridade como, por exemplo, no momento em que complementa o pensamento sobre o complexo de vira-latas, na crônica de mesmo nome. “Em Wembley, por que perdemos? Porque, diante do quadro inglês, louro e sardento, a equipe brasileira ganiu de humildade; Jamais foi tão evidente e, eu diria mesmo, espetacular o nosso vira-latismo.” (RODRIGUES, 1993, p. 52) Ou, quando comenta, na crônica “À sombra dos criouloes em flor”, sobre uma vitória do Brasil sobre a Inglaterra por 2 a 1, em 12 de junho de 1969, num amistoso de preparação para a Copa de 70:

Os brasileiros não são de nada. Tostão fez aquele gol espantoso. Deitado enfiou a bola nas redes. Diante de tamanho feito, os ingleses deviam admitir, de vista baixa: - “Aprendemos mais essa”. Nada disso e pelo contrário: acharam um absurdo, indesculpável, que um jogador deitado fizesse um gol. Com o cinismo de grande povo, o inglês inverte magicamente tudo em seu favor. Ao passo que o brasileiro, subdesenvolvido, inverte tudo em seu prejuízo. (RODRIGUES, 1993, p. 150-151)

E ainda aproveita esse mesmo jogo em outra crônica, “O belo milagre das vaias”, em que critica o povo brasileiro e o tratamento dispensado à Seleção. Da mesma forma como Naxara apresenta o brasileiro como “um estrangeiro na própria terra”, Nelson também se vale desse tratamento para afirmar que “os nossos jogadores são tratados como se fossem estrangeiros”. (RODRIGUES, 1993, p. 165), e ainda menciona, novamente, o jogo em que o Brasil venceu a Inglaterra por 2 a 1:

Como se não bastasse a vitória brasileira, ainda infligimos aos campeões do mundo um ignominioso olé. Mas eis o que eu queria dizer: -no segundo tempo, um dos visitantes fez uma coisa que, em futebol, é a vergonha inapelável e eterna:- atrasou do meio de campo. Ao meu lado, na tribuna de imprensa, o botafoguense Serginho explodia em arroubos: -“Como eles atrasam bem! Com que tranquilidade.

Por aí se vê que admiramos mais os defeitos ingleses do que as virtudes brasileiras.

E, mais adiante, na mesma crônica:

O brasileiro não gosta do brasileiro?. Exatamente: - o brasileiro não gosta do brasileiro. (RODRIGUES, 1993, p. 166)

Nessa crônica, Nelson Rodrigues fala sobre os últimos amistosos antes do Brasil embarcar para a Copa do México. Num jogo, o Brasil havia empatado por 0 a 0 com a Bulgária, no Morumbi. No outro havia vencido a Áustria por 1 a 0. Nelson Rodrigues raciocina que as vaiaas permaneceram contra os brasileiros em boa parte dos jogos e, por isso, serviram como incentivo aos jogadores ao mexer com seus brios, os despindo de otimismo, e também como um gesto antipatriota. E assim, ironicamente, afirma que “graças a deus o escrete parte.” (RODRIGUES, 1993, p. 167) Pois, assim, o time se sentiria menos estrangeiro no México do que no Brasil e seria dessa forma menos influenciado negativamente pelos próprios brasileiros.

Há um inimigo permanente escolhido por Nelson, além do próprio povo brasileiro “que cospe na própria imagem”. Trata-se da mídia. Nelson Rodrigues criticou diversas vezes a atuação da imprensa que colaborava para essa baixa estima sempre criticando exageradamente as atuações da Seleção Brasileira, ou ignorando as vitórias que julgava épicas. “Os entendidos tudo fizeram para acabar com o nosso craque” (RODRIGUES, 1993, p. 189) se vingava Nelson Rodrigues na crônica “O mais belo futebol da Terra” escrita após a vitória do Brasil sobre o Uruguai, por 3 a 1, pela copa de 70. Nelson se vingou também após a conquista do bicampeonato, no Chile, em 1962. Na crônica “Bicampeões do mundo”, Nelson provocava “e, a partir da vitória, sumiram os imbecis, e repito: -não há mais idiotas nesta Terra.” (RODRIGUES, 1993, p. 92).

Normalmente, acompanhando essas provocações e comentários acerca de seus algozes, Nelson complementava elevando o brasileiro à máxima potência. As conquistas no campo de jogo libertavam o povo brasileiro do atraso e o levava à euforia o que resolvia, ao menos naquele instante, o enorme “complexo de viralatas. Em 1958, após a conquista do primeiro título mundial, pelo Brasil, Nelson dedicou duas crônicas para exaltar esse grande feito que veio oito anos após o trauma de 50. Na crônica “O triunfo do homem”, escrita em 5 de julho de 1958, Nelson dedica varias linhas para exaltar Didi, com sua “dignidade racial” de príncipe etíope de rancho. Em seguida, faz uma analogia entre as qualidades de Didi e de todo o povo brasileiro. Mais que isso: estabelece a recuperação da crença na humanidade:

Não foi só o jogador único, que os críticos europeus mais exigentes consideraram o maior da Copa. Foi algo mais: — um homem de bem. O que ele demonstrou de constância, de fidelidade, de bravura, de entusiasmo, basta para caracterizá-lo como um brasileiro de

altíssima qualidade humana. A partir deste Mundial, o brasileiro começa a ter uma nova imagem de Didi. Repito: — passa a ver Didi como um homem de bem. Pois nós sabemos que nenhum escrete levanta um campeonato do mundo sem extraordinárias qualidades morais. De nada adiantará o futebol se o homem não presta. O belo, o comovente, o sensacional no triunfo de ontem está no seguinte: — foi, antes de tudo, o triunfo do homem. (RODRIGUES 1993, p. 59)

Na crônica “É chato ser brasileiro”, de 12 de julho de 1958, o sentimento de otimismo toma conta do cronista que, inclusive, chega a erradicar o analfabetismo do Brasil. O objetivo ufanista do autor parece ser mesmo o de elevar o Brasil ao *status* de potência europeia de Primeiro Mundo:

Dizem que o Brasil tem analfabetos demais. E, no entanto, vejam vocês: — a vitória final, na Copa da Suécia, operou o milagre. Se analfabetos existiam, sumiram-se na vertigem do triunfo. A partir do momento em que o rei Gustavo da Suécia veio apertar as mãos dos Pelés, dos Didis, todo mundo aqui sofreu uma alfabetização súbita. Sujeitos que não sabiam se gato se escreve com “x” iam ler a vitória no jornal. Sucedeu essa coisa sublime: — analfabetos natos e hereditários devoravam vespertinos, matutinos, revistas e liam tudo com uma ativa, uma devoradora curiosidade, que ia do “lance a lance” da partida até os anúncios de missa. Amigos, nunca se leu e, digo mais, nunca se releu tanto no Brasil. (RODRIGUES, 1993, p. 60)

Quer dizer, graças a 22 jogadores, passamos a ser um povo vitorioso e orgulhoso de si. O complexo se foi e a partir de agora somos um povo ciente de nossas virtudes, uma potência global. E promove uma inversão, já percebida anteriormente. Se antes o inglês era o grande povo, agora o grande povo é o brasileiro, não devemos mais nada a ninguém:

Outra característica da jornada: — o brasileiro sempre se achou um cafajeste irremediável e invejava o inglês. Hoje, com a nossa impecabilíssima linha disciplinar no Mundial, verificamos o seguinte: — o verdadeiro inglês, o único inglês, é o brasileiro. (RODRIGUES, 1993, p. 61)

Interessante notar aqui uma contradição no pensamento rodrigueano. Se o povo inglês era cínico, agressivo e só sabia dar botinadas, como, agora, o brasileiro passou a ser o verdadeiro inglês, se Nelson afirma que a conquista foi uma conquista da virtude moral? Percebe-se que Nelson “força a barra” para realizar paralelos com o europeu, para colocar o brasileiro no mesmo patamar mas, na ânsia de responder aos críticos e elevar nossa condição, escorrega desnivelando as virtudes em prol dessa comparação.

Em 1962, novamente, Nelson Rodrigues dedica duas crônicas para comentar o bicampeonato conquistado pela Seleção brasileira no Chile. Em “Bicampeões do mundo”, ele repete a “fórmula” já adotada na conquista de 58 e exalta os heróis do escrete e, a partir disso, propõe a ascensão de todo o povo. Dessa vez, Nelson foi mais ousado e colocou o Brasil num pódio mais alto que os protagonistas da Guerra Fria:

Amigos, depois da vitória não me falem na Rússia, não me falem nos Estados Unidos. Eis a verdade: — a Rússia e os Estados Unidos começaram a ser o passado. Foi a vitória do escrete e mais: — foi a vitória do homem brasileiro, ele sim, o maior homem do mundo. Hoje o Brasil tem a potencialidade criadora de uma nação de napoleões. (RODRIGUES, 1993, p. 94)

Evidentemente, Nelson não esqueceu os protagonistas desses feitos e se concentrou em exaltar, além do Mané, o Amarildo, “o Possesso”. “Esse time de negros ornamentais” concretizou a magia e Amarildo, “o novo Pelé”²⁸ (RODRIGUES, 1993, p. 93) se tornou um novo gênio e, junto com ele, “os homens parecem formidáveis como se cada um fosse um são Jorge a pé, um são Jorge infante, maravilhosamente infante.” (1993, p. 92) Mas Nelson ainda queria falar mais sobre o bicampeonato e escreveu “Beijos imaculados”, em 23 de junho de 1962. Nessa crônica há uma pequena divagação interessante a respeito do caráter nacional. Eduardo Giannetti, Roberto da Matta e Sérgio Buarque de Holanda são unânimes ao falar do brasileiro e sua dificuldade de enxergar o outro. No livro *A casa e a rua* (1985), Roberto da Matta discorre sobre o assunto comentando como é assustador ao cidadão de classe média a presença do outro, do desconhecido. Uma sociedade gerada com base em relações familiares acaba por apresentar enorme dificuldade em lidar com esse outro. Curiosamente, no futebol, isso também se verifica já que, para o brasileiro, não parece ser o adversário que ganha, mas ele que perde, como foi o caso da final de 50. Até hoje, não admitimos que, naquele jogo, existia um adversário a ser batido, e esse oponente se saiu melhor no embate. Pois Nelson Rodrigues (1993, p. 95) comenta:

E descobrimos o “próximo”. Aí é que está: — na vida comum, o chamado “próximo” é o ser mais distante e mais inescrutável. Essa incomunicabilidade faz um mal danado. Pois bem: — o bi lançou-nos nos braços do próximo. As ruas se encheram de desconhecidos íntimos. Todo mundo beijava todo mundo. O Brasil foi, por um

²⁸ Pelé havia se machucado nessa copa e Amarildo o substituiu, daí o frenesi do cronista.

momento, a terra da ternura humana. Os bêbados caíam abraçados à sarjeta e querendo beijar o meio-fio. (...)Mas eu dizia que os cavalheiros beijavam as damas, e já acrescento: — também os cavalheiros se beijavam. Vocês se lembram do caso dos generais franceses. Na hora da condecoração, eles se beijam uns aos outros. O brasileiro não entendia essa ternura oficial entre homens. Mas aí está a lição de vida do bicampeonato. Na tarde de 17 de junho cada um de nós deixou de ser o fauno de flautinha, ou de gaita, sei lá. A distribuir beijos imaculados, o brasileiro foi, por um momento, um São Francisco, um mané, um garrincha, cheio de graça.

Eis então que o título mundial democratiza as relações e aproxima os indivíduos. Há o reconhecimento do outro, e o desconhecido se torna amigo íntimo, também numa espécie de carnavalização, mais um aspecto indissociável de nossa cultura.

Finalmente, há o caso de 70. Nessa copa, Nelson Rodrigues já vinha em outras crônicas dando indícios da sua certeza na conquista desse campeonato. E não poderia deixar de exaltar essa conquista, ainda que pese as outras, como “a mais bela vitória do futebol mundial em todos os tempos. Desta vez, não há desculpa, não há dúvida, não há sofisma. Desde o Paraíso, jamais houve um futebol como o nosso.” (RODRIGUES, 1993, p. 191) E ironizava, mais uma vez, a respeito da descrença nesse êxito: era mais fácil encontrar uma girafa em nossas redações do que um otimista. (*idem*).

É importante mencionar que Nelson menciona o otimismo do presidente sobre a conquista: “Vamos ganhar, vamos ganhar” teria dito Emilio Garrastazu Medici, no período mais tenebroso da ditadura militar. A respeito disso, cabe acrescentar que, para ser bem sucedido nesse projeto, o Presidente Médici instituiu uma comissão técnica militarizada com vistas a preparar o elenco no âmbito físico. A seleção, inclusive, viajou um mês antes para o México para adaptar-se à altitude. Como resultado disso, dos 19 gols marcados pelo Brasil, 12 se deram no segundo tempo, com os adversários em condições físicas deterioradas.

Para Medici, era evidente, a conquista seria uma forma de estabilizar o regime e demonstrar que aquele Brasil extremamente opressor “dava certo”. Para isso, o milagre econômico brasileiro e a censura davam conta de reforçar a ditadura e conduzir as massas. Campanhas como “Pra frente Brasil” e “Brasil, ame-o ou deixe-o” (**Anexo XX**) embalavam o povo brasileiro na expectativa do sonho do tri e

da afirmação do Governo. E assim se deu (**Anexos XXI e XXII**)²⁹. A apropriação da conquista pelos militares foi tão extravagante que o Presidente Médici chegou a aparecer, com boina e tudo, num álbum de figurinhas da Copa junto dos heróis do tri. (FRANCO JUNIOR, 2007, p.142-44) E ainda, meses depois da conquista, o governo ainda promoveu outro desfile com os campeões. Tudo para acalmar as massas... (**Anexo XXIII**)

Por outro lado, há um exemplo da assimetria vivida nas diferentes esferas de uma sociedade mergulhada na repressão e disputa ideológica. O filme, *O ano em que meus pais saíram de férias*³⁰ (2006), dirigido por Cao Hamburger, trata sobre a problemática da ditadura, e sua relação com o futebol, com sutileza e sensibilidade. A película, por exemplo, nos apresenta uma cena em que o guerrilheiro de esquerda Italo (Caio Blat) se propõe a torcer contra a Seleção, justamente porque uma vitória do escrete seria, ao mesmo tempo, uma vitória do Regime. Mas não resiste. Bastou apenas alguns minutos de jogo, e a ideologia deu espaço ao torcedor de arquibancada, o que denota uma certa razoabilidade na expressão “pátria em chuteiras”. Evidentemente, trata-se aqui de um dilema importante pois a esquerda, acuada pela repressão e fragmentada em inúmeras tendências, encontrava-se “dividida entre dar vazão ao sentimento nacionalista ou torcer contra o time brasileiro. [...] O nacionalismo de chuteiras abriu fissuras irreparáveis nas mais aguerridas convicções ideológicas.” (FRANCO JUNIOR, 2007, p. 144)

Retomando, Nelson Rodrigues encerra a crônica sobre a vitória, comemorando, mais do que em qualquer tempo, e com a Taça Jules Rimet³¹ se tornando definitivamente do Brasil, uma nação de patriotas guerreiros: glória eterna aos tricampeões mundiais. Graças a esse escrete, o brasileiro não tem mais vergonha de ser patriota. Somos 90 milhões de brasileiros, de esporas e penacho, como os Dragões de Pedro Américo. (RODRIGUES, 1993, p. 193)

Finalmente, há para Nelson uma relação nítida e taxativa entre a torcida e a

²⁹ Como ocorre nas conquistas brasileiras em Mundiais, os governos incrementam sua popularidade aproveitando o momento de euforia do povo, como se pode ver em anexo XXI, o Presidente Médici erguendo a Taça. E no anexo XXII, a capa do jornal O Globo com a apropriação política da conquista.

³⁰ O filme conta a história sob o olhar de uma criança, no momento em que seus pais estão com problemas em função do Regime, e ele tem que ir morar com o avô.

³¹ Por sugestão de seu idealizador, Jules Rimet, então presidente da FIFA, a posse definitiva do troféu ficaria com o país que conseguisse vencer um total de três edições da Copa - algo que reputou extremamente difícil, imaginando que nenhum país fosse capaz de atingir esta marca, senão após muito tempo. Após a conquista pelo Brasil, a taça foi roubada pela segunda vez (havia sido em 1966, na Inglaterra) em 1983 e, segundo a imprensa, foi derretida.

seleção. Convém notar o seguinte: o escrete brasileiro implica todos nós e cada um de nós. Afinal, ele traduz uma projeção de nossos defeitos e de nossas qualidades. Em 50, houve mais que o revés de onze sujeitos, houve o fracasso do homem brasileiro. Em 70, pelo contrário, foi possível ratificar a apoteose de todo o povo: acontecia, afinal, para Nelson, a vitória do homem brasileiro. **(Anexo XXIV)**

PRORROGAÇÃO E PÊNALTIS - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse século XXI, o futebol tornou-se o fenômeno cultural mais difundido no mundo. Estima-se que mais de 140 milhões de jogadores, de 300 mil clubes, em 207 países, estejam filiados à FIFA profissionalmente. Como espectadores, não se sabe exatamente, mas, certamente, bilhões de pessoas ao redor do planeta o acompanham. (FRANCO JUNIOR, 2007, p. 393)

Assim, o futebol emerge como uma prática boa para pensar. Por canalizar com eficácia as esperanças e frustrações da sociedade, ele desperta emoção tão arrebatadora e adesão tão intensa que se destaca além de qualquer outra manifestação contemporânea. Ninguém pretende negar, entretanto, o aspecto que diz respeito ao futebol como fenômeno de massa, mas, é preciso compreender, definitivamente, que o futebol, sobretudo o praticado no século XX, período de enorme expansão e construção identitária, vai muito além disso. Trata-se de um “fenômeno cultural total” (FRANCO JUNIOR, 2007, p. 13)

No Brasil, como se sabe, o futebol encontrou o lugar perfeito para expandir-se e tornar-se um de seus maiores símbolos. Sendo o espaço possível para a inserção do negro e do mestiço numa sociedade com poucas chances de mobilidade, o futebol brasileiro pôde crescer e se popularizar democraticamente, levando, inclusive, para o campo de jogo, a bagagem cultural africana, contribuindo decisivamente para a elevação do status do Brasil à potencial mundial nesse esporte.

Por outro espectro, as crônicas, especialmente no caso brasileiro, se apresentaram, a partir do século XIX, como ferramenta valiosa para construir um imaginário coletivo, pois veio escrita por grandes escritores³², como Machado de Assis, só para citar um, em linguagem acessível, papel ordinário e de longo alcance. Essas crônicas se expandiram e se ampliaram no século XX também devido a essa identificação entre o gênero e a sociedade brasileira.

Nelson Rodrigues teve um papel essencial nesse processo, tanto no que diz respeito às crônicas sobre o cotidiano, ao rés-do-chão simplesmente, como, principalmente, nas crônicas escritas sobre futebol. Se alguns escritores usavam as crônicas como laboratório para romances, Nelson Rodrigues fez o inverso: utilizou o

³² No livro, Veneno Remédio, Wisnik propõe uma comparação: quem é melhor, Machado de Assis ou Pelé? (2008, p. 404)

drama como fonte de inspiração e arcabouço de um estilo para suas crônicas, inclusive futebolísticas. Além disso, carregou para as redações dos jornais para os quais escreveu toda sua ideologia conservadora e, diga-se de passagem, nacionalista.

Enquanto suas crônicas sobre a “vida real” eram permeadas por intenso pessimismo e descrença na natureza humana, as crônicas de futebol vinham carregadas de otimismo e esperança na redenção do povo brasileiro. Esse aspecto se acentuou a partir do acerto de contas histórico advindo com a conquista da Copa de 58, que teria finalmente vingado o trauma de 50. Operou-se, a partir desse *turning point*, segundo Nelson, a transformação do brasileiro, o que pôde de fato se verificar após sucessivas construções e conquistas no campo de jogo.

Arrematando: confirmou-se afinal a simbiose perfeita no universo brasileiro: futebol, crônicas e um autor singular.

Sempre polêmico, um dos alvos prediletos do cronista nesse âmbito das colunas esportivas era “os entendidos” os quais, segundo ele, atrapalhavam o projeto de um futebol brasileiro vencedor, com um estilo de jogo próprio e com a presença de todas as raças. A esquerda, outro alvo frequente de Nelson, era posta em segundo plano quando o assunto era a seleção nacional. Um exemplo disso é a exaltação de João Saldanha como técnico da Seleção. Sabidamente comunista e, portanto, do outro lado da trincheira ideológica de um país polarizado na ditadura militar, Nelson o via como alguém que poderia viabilizar o triunfo, a apoteose da seleção (neste caso representada pelas “feras do Saldanha”), e por consequência, do homem brasileiro. Para Nelson, nesse caso, não importava sua ideologia: acima de tudo o escrete!

A convivência com seu irmão Mario Filho e Gilberto Freyre teve também importância fundamental na construção do pensamento rodrigueano, sobretudo no futebol, espaço onde se fazia notar a presença de negros e mulatos, nas décadas de 50 e 60. Nesse espaço, a esta altura popular, Nelson encontra na “democracia racial” a teoria freyreana que pode ajudá-lo nessa tentativa de afirmação do negro no futebol e na sociedade brasileira; embora de forma contraditória nessas construções visto que, com a construção do negro, Nelson Rodrigues não utiliza imagens e símbolos provenientes da cultura africana mas europeia. Talvez, suas crônicas não tivessem tido a mesma repercussão se utilizasse tais símbolos, numa sociedade que rejeita até os tempos atuais, por exemplo, as religiões africanas.

A referência para Nelson, portanto, é a cultura europeia talvez pela ânsia em tentar igualar os feitos do futebol brasileiro, ainda em afirmação, ao europeu. Mas as referências, e aqui cabe citar, não são provenientes do futebol europeu o qual Nelson achava truculento e limitado, a busca por modelos provem das artes e de outros aspectos da cultura europeia. Nem Puskas, nem Di Stefano, era o brasileiro quem deveria se impor valorizando sua criatividade e fantasia e se colocando em estado de graça. (RODRIGUES, 1993, p. 52) Nelson era contra a “modernização do futebol brasileiro”. Uma modernização que visava impor-nos um estilo de jogo tipicamente europeu, para ele, o brasileiro deveria valorizar sua inventividade e propor um estilo de jogo próprio.

Para empreender essa construção do craque brasileiro e seus feitos coletivos, com um estilo peculiar e genuíno, Nelson ainda tenta propor uma nova identidade para o brasileiro. Com o uso de imagens, frases, metáforas e dramas, estes advindos do teatro, emerge a redenção do “nosso povo”, para ele tão humilde, sofrido e com complexo de inferioridade, transmutado em grande potência civilizatória. De certa forma, essas inversões de humildade em soberba, de fracassado a bem sucedido, de complexado a orgulhoso, são projetos que Nelson busca em seus textos, quando ocorre o êxito da Seleção Brasileira.

A vitória em copas do mundo passa a ser a vitória do povo brasileiro, o “triumfo do homem”. Nelson promove esse modelo vitorioso principalmente para o negro e o mestiço, permeado pelas ideias freyreanas, nesse espaço onde as glórias são efêmeras: o futebol. Curiosamente essa afirmação se dá numa tentativa de carnavalização da sociedade, a partir das conquistas, em outro espaço onde as glórias são transitórias, o do carnaval. Talvez Nelson “force a barra” buscando imortalizar esses feitos para que eles durem para sempre. Nelson empreende essa tentativa de eternização buscando sempre novos feitos, dribles e heróis no campo de jogo, mas também reafirmando feitos já consagrados instaurando no imaginário do brasileiro uma senda de conquistas advindas do futebol.

Ao construir a imagem vencedora desse herói, Nelson utiliza arquétipos emprestados do herói mítico, fabuloso, invencível, e por isso popular, conseguindo, dessa maneira, penetrar no inconsciente coletivo nacional, em que tais arquétipos já vinham se sedimentando desde o início da formação do Brasil e também, por que não (?), sob influência das crônicas. Com isso, há a promoção (e reafirmação dos feitos) desse mestiço transmutado em herói, autor de conquistas coletivas,

viabilizando assim sua ascensão social e moral na sociedade brasileira, numa tentativa de tornar bem sucedido o projeto de “democracia racial” freyreano.

Com tudo isso, o futebol se afirmou no Brasil, podemos dizer, de maneira ousada, como em nenhum outro lugar do mundo. Aqui, ele encontrou algumas condições peculiares como a exclusão de uma massa enorme de negros provenientes de um regime escravocrata numa sociedade patriarcal e estratificada. Esse terrível destino, ao mesmo tempo que agrediu, criou condições para que, no campo de jogo, todo esse lúdico, essa ginga proveniente da bagagem cultural africana, o chiste e a malandragem se tornassem protagonistas no que veio a se tornar uma marca registrada do estilo de jogo brasileiro.

A firula, o drible, a capoeira, práticas que emergem da condição imposta aos negros, passaram não só a ser aceitas, mas também exigidas, esperadas, a cada nova exibição, em estádios lotados de torcedores, de todas as classes, apinhados e esperando por um magnífico espetáculo. O drible não era mais uma firula desnecessária, mas parte integrante obrigatória de um repertório, quanto mais vasto melhor, de chistes e negaceios. Aliás, o fenômeno do drible sem objetividade, provém desse “se dar não se dando”, num “homo ludens” que não visa somente a vitória, mas, sobretudo, a diversão e a negação de um sistema que oprime e exige ordem, numa dialética entre a ordem e a desordem permanente.

Diante desse ponto, mas sem pretensões de elaborar uma tese sociológica, cabe acrescentar essa realidade movediça, citada por Antônio Candido em “Dialética da malandragem”, em que a acomodação que dissolve os extremos e cria uma terra de ninguém moral contribuiu para esse drible e fez com que essa unicidade cultural brasileira se confirmasse. Falemos aqui de um drible no sentido *lato*, que seria o drible tanto no sentido de enganar o *adversário*, como no sentido de enganar as *adversidades* impostas pelas condições severas de subsistência.

Assim, nesse caso, esse “mundo sem culpa”, aparece como vantagem visto que liberta de uma visão produtivista e apresenta a hipótese de um mundo mais aberto. Talvez, isso ajude a explicar o encanto, sobretudo dos europeus, com o estilo de jogo poético dos brasileiros que promove a libertação dessa lógica capitalista que visa sempre a eficiência fundada na equação primordial tempo x dinheiro, “devia ser proibido jogar tão bonito”, diziam os jornais ingleses (RODRIGUES, 1993, p. 184). Deste modo, esse contato entre opostos, se por um lado cria desordem, por outro leva a um não aburguesamento apoiado por esses

valores tecnocráticos, provenientes da ética protestante, típica das potências imperialistas, em que o lucro e a produtividade são a tônica, o que levou Jorge Autner à afirmação recente de que “ou o mundo se brasifica, ou vira nazista.” (apud WISNIK, 2008, 427), quer dizer, ou se liberta dessa visão, ou se transfigura em escravo desse sistema de produtividade obsessiva, analogamente ao futebol, um dilema entre o jogo bonito e o resultado somente.

Finalmente, é preciso compreender que, ao menos no caso brasileiro, o futebol (assim como a literatura) surge como *locus* imprescindível para entender (e debater) melhor as relações existentes nos porões de nossa história. Uma história que, frequentemente, é omitida ou esquecida para que não se tome consciência do passado e das origens de toda essa bagagem, uma imensa colcha de retalhos que forma o indefinido amálgama de cores e culturas que compõem o Brasil. Nelson Rodrigues, por meio de sua literatura, ainda que fortuitamente contraditório, foi fundamental nesse processo de construção e perpetuação de nossos craques, “assim na Terra como no céu”. No mais, por meio deles e de sua atuação em campo, Nelson pintou um quadro em preto e branco dando conta de traçar um perfil relativamente estável, do caráter e da identidade do povo brasileiro. Assim, embora a sua maneira, é inegável a importância de sua contribuição na construção do que veio a se tornar, ao longo da História, uma autêntica “pátria em chuteiras”.

PÓS-JOGO - EPÍLOGO

Carnaval na lua da cidade

Os dois meninos brincam numa superfície lunar. Um, branco como nata, o outro preto como caroço de abacate. Um, mora numa bela estação espacial com empregados de várias galáxias, o outro, vestido com trapos encontrados em alguma expedição. Vale reinventar a realidade para viver esse carnaval. Os dois, então, brincam todos os dias, no mesmo horário.

Jaime, por volta de 12 anos, nome de monarca inglês, parrudo, leva sua bola oficial da *Champions League* e um boneco do *Star Wars*. Eu nem sei bem o nome do brinquedo afinal não assisti aos novos filmes. O que era trilogia virou infinitologia. O que importa é seguir por gerações... Esses objetos nem chegaram às lojas mas o pai do menino, político importante na cidade, já trouxe de Miami.

Woshinton, uma tentativa de seus pais de o fazerem mais importante através do nome, leva a ginga, o tempero e um carrinho da Ferrari de controle remoto, mas que não funciona mais. Os dois brincam mas nem sempre: tudo depende de quais amigos acompanham Jaime. Mas, quando chega o momento do futebol, não tem erro, todos querem ficar no time do menino pobre.

O primeiro aparece depois da escola e o segundo depois de vender jujubas nos sinais de trânsito e faturar algumas *Dilmetas* para o jantar. Nessa lua não tem gravidade, até certo ponto todos são iguais. Até certo ponto... E a *pelada* corre solta pelo fim da tarde até a hora em que o motorista de Jaime aparece para levá-lo para casa.

Todos os dias, Woshinton dá show: ele já sabe que sua esperança é ser jogador. Faz a diferença com dribles, ginga, velocidade e, é claro, muitos gols. Ao final das partidas Jaime, filho único, decepcionado com mais uma derrota, compensa toda sua frustração numa competição material:

— Seu pai tem carro importado? Seu pai tem casa na praia? Seu pai tem quantos empregados? Quanto seu pai ganha?

E, ao final, arremata, com brilho nos olhos, a certeza obtusa de que dará a última palavra e irá para casa com o peito estufado:

— O que seu pai faz da vida?

E Woshinton, com um sorriso branco e reluzente, da cor de Jaime, tira uma foto de jornal amassada do bolso (a mesma lá do início) e arremata de prima, quase

num voleio:

— Ué! Conserta os pneus dos carros que caem nos buracos das ruas que seu pai não cuida!

P.S.I: Humildemente peço licença à Origenes Lessa, grande cronista paulista, que escreveu a crônica (irretocável) O mal entendido. A ele devo essa inspiração.

P.S.II: Crônica publicada no site Marília Global, 05 de fevereiro de 2016.

FICHA TÉCNICA DO JOGO – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, Joselia. Um gênio do ensaio. **Pesquisa FAPESP**, n. 173, São Paulo, julho de 2010.

ALVITO, Marcos. Nelson Rodrigues: nem santo, nem canalha. **Tempo**, Rio de Janeiro, n. 17, p. 223-226.

ANDREWS, George Reid. Democracia Racial Brasileira 1900-1990: Um Contraponto Americano. **Estudos Avançados**. Trad. Vera de Paula Assis, vol. 11, n. 30, mai. / ago. 1997, p. 95-115.

ANTUNES, Fátima M. R. F. **Com Brasileiro Não Há Quem Possa**: futebol e identidade nacional em José Lins do Rego, Mário Filho e Nelson Rodrigues. São Paulo: Unesp, 2004.

ARRIGUCCI, Davi. **Enigma e comentário**. Ensaios sobre Literatura e experiência. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

BADIOU, Alain. **O século**. E-book: Ideias e Letras, 2007.

BAKHTIN, M. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento**: O contexto de François Rabelais. Trad. Yara F. Vieira, São Paulo: Hucitec / Annablume, 2002.

BARRETO, Lima. **Crônicas de Lima Barreto sobre o Futebol**. E-book: Kindle Edition.

BARROS, Leandro Gomes de. **As cousas mudadas / História de João da Cruz**. Recife: Tip. Moderna, s. d.

BARTHES, Roland et. al. **Análise estrutural da narrativa**. Trad. Maria Zélia Barbosa Pinto, Rio de Janeiro: Vozes, 1971.

BENJAMIN, Walter. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: _____. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. Trad. Sérgio Paulo Rouanet, São Paulo: Brasiliense, 1985.

BRAGA, Rubem. **200 crônicas escolhidas**. Rio de Janeiro: Record, 1978.

BURKE, Peter. **Cultura popular na Idade Média**. Europa 1500-1800. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

CANDIDO, Antonio. A vida ao rés-do-chão. In: CANDIDO, Antonio et al. **A crônica**: O gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil. Campinas, SP: Ed. da Unicamp; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992, p. 13-22.

_____. De cortiço a cortiço. **Novos Estudos Cebrap**, n. 30, São Paulo: CEBRAP, julho 1991, p. 111-129.

_____. Dialética da malandragem. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, n. 8, São Paulo, USP, 1970, p. 67-89.

_____. **Literatura e sociedade**: estudos de teoria e história literária. 3.ed. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1973.

CASSIRER, Ernst. **Linguagem e mito**. Trad. J. Guinsburg e Miriam Schnaiderman, 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1985.

CASTRO, Rui. **O anjo pornográfico**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

_____. **Estrela solitária**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

COSTA, Márcia R. da et al. **Futebol**: espetáculo do século. São Paulo: Musa, 1999.

DAMATTA, Roberto. **O que faz o Brasil, brasil?** E-book: Rocco Digital, 2011.

_____. **Carnavais, malandros e heróis**. E-book: Rocco Digital, 2012.

DEL PICCHIA, Menoti. Crônica Social: Por que sou Jeca Tatu. **Correio Paulistano**, n. 20362, 10 de março de 1920, p. 3.

_____. Da Estética. Somos Plagiários? **Correio Paulistano**, n. 20391, 10 de abril de 1920, p. 1.

DIAS, Ângela Maria. Nelson Rodrigues e o Rio de Janeiro: memórias de um passionai. **Revista ALEA**, volume 7, junho de 2005. Rio de Janeiro UFRJ

DIMAS, Antônio. Ambiguidade da crônica: literatura ou jornalismo? **Littera**: revista para professor de Português e de literaturas de Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Grifo, 1974.

ECO, Umberto. **Apocalípticos e integrados**. São Paulo: Perspectiva, 2004.

_____. **O super-homem de massa**: Retórica e ideologia no romance popular. Trad. Pérola de Carvalho, São Paulo: Perspectiva, 1991.

_____. **Sobre a literatura**. Trad. Eliana Aguiar, Rio de Janeiro: Record, 2003.

ELIADE, Mircea. **Mito e realidade**. Trad. Pola Civelli, 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2006.

ELIAS, N.; DUNNING E. **Deporte y Ocio em el Proceso de la civilizacion**. México: Fondo de Cultura Economica, 1992.

FACINA, Adriana. **Santos e canalhas**: uma análise antropológica da obra de Nelson Rodrigues. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

FOER, Franklin. **Como o futebol explica o mundo**: um olhar inesperado sobre a globalização. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

FRANCO JUNIOR, Hilário. **A dança dos deuses**. Futebol, sociedade, cultura. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

FREYRE, Gilberto. **Casa Grande & Senzala**. Rio de Janeiro: Record, 1998.

_____. **Sobrados e mucambos**. Rio de Janeiro: Record, 1990.

GALEANO, Eduardo. **Futebol ao sol e à sombra**. São Paulo: L&pm, 2010.

GASPARI, Elio. **A Ditadura Encurralada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

GIANNETTI, E. **Vícios privados, benefícios públicos**. São Paulo: Cia. das Letras, 1993.

GLEDSON, John; GRANJA, Lúcia. Introdução. In: ASSIS, Machado de. **Notas semanais**. Org., int. e notas de John Gledson e Lúcia Granja. Campinas: Ed. da Unicamp, 2008.

GUSMÃO, Henrique Buarque de. Nelson Rodrigues leitor de Gilberto Freyre: o projeto teatral rodrigueliano em aliança com a Sociologia freyreana. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 23, n. 1, p. 89-112, jan./abr. 2008.

HOBSBAWN, Eric. **A Era dos extremos: o breve século XX**. Tradução Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HOLLANDA, Sérgio Buarque. **Raízes do Brasil**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1936.

_____. **O homem cordial**. E-book: Penguin-Companhia, 2012.

HORNBY, Nick. **Febre de bola**. Trad. Paulo Reis, Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

HUIZINGA, J. **Homo ludens: O jogo como elemento da cultura**. Trad. João Paulo Monteiro, São Paulo: Edusp/Perspectiva, 1971.

IGNATTI SILVA, Ângela. **A cosmovisão dramática nas crônicas de futebol de Nelson Rodrigues**, 2004 (pdf).

JARVIE, G. Sport, social change and the public intellectual. **International Review for the Sociology of Sport**, London, v. 42, n. 4, p. 411-425, 2007.

JARVIE, G. THORNTON, James. **Sport, culture and society**. London: Routledge, 2012.

JENNINGS, A. **Foul! The secret world of FIFA: Bribes, vote rigging and ticket scandals**. London: Harpersport, 2006.

JUDT, T. Pós-Guerra: **Uma história da Europa desde 1945**. E-book: Objetiva, 2011.

KAYSER, W. **Análise e interpretação da obra literária**. Trad. Paulo Quintela. Coimbra: A. Amado, 1963.

LEITE, Dante M. **O caráter nacional brasileiro**. 6. ed. São Paulo: Ed. da Unesp, 2002.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **O pensamento selvagem**. Trad. Tânia Pellegrini, 8. ed. Campinas, SP: Papyrus, 1989.

LOBATO, Monteiro. **Urupês**. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1955.

LUCENA, R. de F. **O esporte na cidade**. Campinas: Autores Associados, 2001.

MAGALDI, Sábato. **Nelson Rodrigues**: dramaturgia e encenações. São Paulo: Perspectiva/Edusp, 1987.

_____. **Teatro completo de Nelson Rodrigues**. 3. Tragédias cariocas I. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

MACHADO, António de Alcântara. **Novelas Paulistas**: Brás, Bexiga, e Barra Funda. São Paulo: José Olympio, 1961.

_____. **Relações Exteriores**. In: Cavaquinho e saxofone, Rio de Janeiro: José Olympio, 1940, p. 68.

MARQUES, Francisco C. A. **Um pau com formigas ou o mundo às avessas**. A sátira na poesia poupar de Leandro Gomes de Barros. São Paulo: Edusp/Fapesp, 2014.

MELETÍNSKI, E. M. **Os arquétipos literários**. Trad. Aurora F. Bernardini et al., 2. ed. Cotia, SP: Ateliê, 2002.

MEYER, Marlyse. Voláteis e versáteis. De variedades e folhetins se faz a crônica. In: _____ et al. **A crônica. O gênero e suas transformações no Brasil**. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.

MORENO A. Corpo e práticas corporais nas crônicas de Machado de Assis. **Revista Brasileira de Ciência do Esporte**, Florianópolis, v. 1, 1999, p. 1293-1294.

MURAD, M. **Dos pés à cabeça** – Elementos básicos de Sociologia no Futebol. Rio de Janeiro: Irradiação Cultural, 1996.

NAXARA, Márcia Regina Capelari. **Estrangeiro em sua própria terra**: Representações do brasileiro – 1870/1920. São Paulo: Annablume / Fapesp, 1998.

NEVES, Margarida de Souza. **História da crônica**. Crônica da História. Rio de Janeiro: José Olympio, 1995.

ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional**. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

PASOLINI, Pier Paolo. Il calcio è un linguaggio con i suoi poeti e prosatori. In: _____. **Saggi sulla letteratura e sull'arte**. Milão: Mondadori, 1999.

_____. **Ragazzi di vita**. Milão: Garzanti, 1955.

PIGNATARI. Décio. Flama não se apaga. **Contracomunicação**. São Paulo: Perspectiva, 1971.

PRADO, D. de A. **Tempo (e espaço) no futebol**. São Paulo: Cia das Letras, 2014.

PROENÇA, Ivan Cavalcanti. **Nelson Rodrigues e João Saldanha**: A crônica e o

futebol. Rio de Janeiro: Educom, 1976.

REGO, José Lins do. **Flamengo é puro amor**: 111 crônicas escolhidas/ José Lins do Rego; Seleção, Introdução, Atualização ortográfica e notas de Marcos de Castro. Rio de Janeiro: José Olympio. 2002.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro**. A formação e o sentido do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

RIBEIRO, Sidarta. À espera das uvas suecas. **Revista Mente & Cérebro**, 3 de janeiro de 2008, p. 25.

RODRIGUES, Nelson. **À Sombra das chuteiras imortais**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

_____. **O reacionário**. Memórias e confissões. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____. **Flor de obsessão**: as 1000 melhores frases de Nelson Rodrigues. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

_____. **Somos o Brasil**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014a.

_____. **A pátria em chuteiras**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014b.

RODRIGUES, Sérgio. **O drible**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

ROSENFELD, Anatol. O futebol no Brasil. In: _____. **Negro, macumba e futebol**. São Paulo/Campinas: Perspectiva/Edusp/UNICAMP, 1993.

ROSENFELD, Anatol H. **Das Fußballspiel in Brasilien**, n. 4, 1956.

RUTHVEN, K. K. **O mito**. Trad. Esther de BeerMann, São Paulo: Perspectiva, 1997.

SÁ, Jorge de. **A crônica**. 2. ed., São Paulo: Ática, 1985 (Série Princípios).

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão**: tensões especiais e criação cultural na Primeira República. 2. Ed. rev e ampl. São Paulo: Cia. Das Letras, 2003.

SERELLE, Marcio. Sujeito e vida midiaticizada: considerações sobre a ficção de Nick Hornby. **Revista FAMECOS**: mídia, cultura e tecnologia, vol. 1, n. 38, 2009.

SILVEIRA, João Pedro. **O calcio Fiorentino** (em pdf).

SOARES, A. J. Futebol Brasileiro e Sociedade: a Interpretação Culturalista de Gilberto Freyre. **Futbologías. Fútbol, identidad y violencia en América Latina**. Buenos Aires: Clacso, 2003.

SOUZA, Jessé. A sociologia dual de roberto da matta: descobrindo nossos mistérios ou sistematizando nossos auto-enganos? **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, vol. 16, n. 45.

TRAJANO, José. **Tijucamérica, uma chanchada fantasmagórica**. São Paulo: Editora Scharwcz, 2015.

WISNIK, J. M. **Veneno remédio**: O futebol e o Brasil. São Paulo: Cia. das Letras, 2008.

YALLOP, David. **Como Eles Roubaram o Jogo**. Trad. Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Record, 1998.

Acessos Web:

ALVES, Edônio. A letra e a bola: futebol e literatura no Brasil (PDF). Disponível em: <https://historiadesporte.wordpress.com/2009/07/27/a-letra-e-a-bola-futebol-e-literatura-no-brasil/> Acesso em 23/01/2017

BABEL CULTURAL: Mal Entendido – Orígenes Lessa, 2015. Disponível em: <http://www.babelcultural.com/mal-entendido-origenes-lessa/>. Acesso 23 de abril 2017

DIAS, Maurício Santana. O Gol Fatal, tradução para a Folha (PDF). Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs0603200506.htm> Acesso em 23/01/2017

FERNANDO MORGADO: Oduvaldo Cozzi: mestre do esporte no radio e na TV, 2008. Disponível em: <http://fernandomorgado.com.br/artigo/oduvaldo-cozzi-mestredo-esporte-no-radio-e-na-tv>. Acesso 5 de maio de 2017

FOLHA DE SÃO PAULO: Prefeito do Rio vira o pé-frio da torcida, 2010. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/especial/fj1804201008.htm>. Acesso em: 2 de dezembro de 2016.

FLUSSER, Vilém, Fenomenologia do brasileiro. Trad. Gustavo Bernardo. Rio de Janeiro: Ufrj, 2008. Disponível em: http://www.iphi.org.br/sites/filosofia_brasil/Vilem_Flusser_-_Fenomenologia_do_brasileiro.pdf. Acesso em: 1 junho de 2017.

HELENA, Raimundo Santa. Brasil campeão do mundo. Rio de Janeiro: s. n, 1983. Disponível em: <http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=cordelfcrb2&pagfis=40042>. Acesso em: 25 de abril de 2017

HELENA, Raimundo Santa. Brasil tetra campeão em 86. Rio de Janeiro: s.n, 1982. Disponível em: <http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=cordelfcrb2&pagfis=40042>. Acesso em: 25 de abril de 2017

HISTÓRIA DO RADIO: Vozes que Irradiavam Futebol no Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: <http://aeradoradioteatro.blogspot.com.br/2014/05/vozes-que-irradiavam-futebol-no-rio-de.html>. Acesso 03 maio de 2017

JARVIE, G. How can I pay my bills? the real sadness behind the administration of

Glasgow Rangers Football Club. Glasgow: Jimmy Reid Foundation, 15 de Fevereiro, 2012. Disponível em: <<http://reidfoundation.org/2012/02/how-can-i-pay-my-bills-the-real-sadness-behind-the-administration-of-glasgow-rangers-football-club/#respond>>. Acesso: 5 de janeiro de 2016.

LITERATURA NA ARQUIBANCADA: Jogadas do craque Fernando Sabino, 2012. Disponível em: <<http://www.literaturanaarquibancada.com/2012/01/jogadas-do-craque-fernando-sabino.html>>. Acesso em 23 de abril 2017

MOLTENI, Angela. Pasolini i il gioco del calcio. Disponível em: <http://www.pasolini.net/saggistica_ppp-e-il-calcioAM.htm>. Acesso em: 15 fev. 2006.

SELEÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL: Brasil jamais perdeu com Garrincha e Pelé, 2016. Disponível em: <http://selecao.cbf.com.br/noticias/todas/xxx-10#.WWu6-P_yvog>. Acesso em: 24 de novembro de 2016

SOARES, A. J. Copa de 50: uma pedagogia contra o racismo. In: XXVI Encontro anual da ANPOCS, São Paulo, v. 26, p. 1-15, 2002. Disponível em: <<http://docplayer.com.br/25026707-Copa-de-50-uma-pedagogia-anti-racismo-antonio-jorge-soares-pggef-universidade-gama-filho-ugf-grupo-de-cultura-e-esporte-cnpq.html>>. Acesso em: 24 de janeiro de 2017.

<<http://www.foxsports.com.br/news/242357-revelacao-do-manchester-united-recebera-super-aumento-salarial-apos-gols-decisivos>>. Acesso em: 22 de março de 2016.

<<http://www.gazetaesportiva.com/campeonato-eurocopa/heroi-do-united-rashford-ja-e-acompanhado-pelo-tecnico-da-inglaterra/>> Acesso em: 22 de Março de 2016

<<http://oglobo.globo.com/esportes/copa-de-1950-inesperado-fim-de-festa-12544912>>. Acesso em 23 de janeiro de 2017.

<<http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas2/artigos/SegundoGoverno/QuestaoRacial>>. Acesso em 23 de Janeiro de 2017.

<<https://cronicasdepicnic.wordpress.com/2012/06/26/un-gol-en-un-supermercado/>>. Acesso 24 de Janeiro de 2017

<<https://www.youtube.com/watch?v=1UVZk1RJJJw>>. Acesso em: 7 de julho de 2017.

<<https://www.youtube.com/watch?v=Zddcu5ffR58>>. Acesso em: 7 de julho de 2017.

Crédito das gravuras:

ACERJ: Maracanazo, o Inimigo Morava ao Lado, ano 2015: Disponível em: <<http://www.acerj.com.br/maracanazo-o-inimigo-morava-ao-lado/>>. Acesso em: 3 de dezembro de 2016.

ACERVO DA BOLA: Maracanazo. Disponível em:
<<http://www.acervodabola.com.br/brasil-1x2-uruguai-maracanazo/>>. Acesso em 5 de maio de 2017

ACERVO ESTADÃO: O Estado de S. Paulo: Páginas da Edição de 06 de julho de 1954 – PAG.12. Disponível em: <<http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19540706-24282-nac-0012-999-12-not>>. Acesso em 10 de janeiro de 2016

ACERVO O GLOBO: Multidão recebe nas ruas do Rio, em julho de 1958, os heróis da Copa do Mundo, ano 2014. Disponível em:
<<http://acervo.oglobo.globo.com/em-destaque/multidao-recebe-nas-ruas-do-rio-em-julho-de-1958-os-herois-da-copa-do-mundo-11947325>>. Acesso em: 2 de dezembro de 2016

ACERVO O GLOBO: No tempo do futebol, Brasil perde a Copa do Mundo de 1950 para o Uruguai, ano 2017. Disponível em: <<http://acervo.oglobo.globo.com/rio-de-historias/no-tempo-do-futebol-brasil-perde-copa-do-mundo-de-1950-para-uruguai-8891317>>. Acesso em: 2 de dezembro de 2016.

ACERVO O GLOBO: Seleção é festejada por multidão nas ruas e presidentes nos 5 Mundiais do Brasil, ano 2015. Disponível em: <<http://acervo.oglobo.globo.com/fatos-historicos/selecao-festejada-por-multidao-nas-ruas-presidentes-nos-5-mundiais-do-brasil-13264670>>. Acesso em 2 de dezembro de 2016.

BIBLIOTECA NACIONAL DIGITAL BRASIL: Diário de Pernambuco, edição de 17 de junho de 1938. Disponível em:
<http://memoria.bn.br/pdf/029033/per029033_1938_00143.pdf>. Acesso em: 25 maio de 2017.

HEALTH AND FITNESS HISTORY: Calcio Fiorentino (Renaissance Soccer). Disponível em: <<http://healthandfitnesshistory.com/ancient-sports/calcio-fiorentino/>>. Acesso em: 2 de maio de 2017.

FALANDO DE TEOLOGIA E HISTÓRIA: Propaganda política do governo Médici, ano 2012. Disponível em:
<<http://falandodeteologiaehistoria.blogspot.com.br/2012/01/propaganda-politica-do-governo-medici.html>>. Acesso em 25 de maio de 2017.

JORNALHEIROS: História – Brasil X União Soviética, ano 2012. Disponível em:
<<http://jornalheiros.blogspot.com.br/2012/01/historia-brasil-x-uniao-sovietica.html>>. Acesso em: 15 de maio de 2017.

LUIZ BERTO: Correspondência recebida (Cícero Cavalcanti), ano 2015. Disponível em: <<http://www.luizberto.com/correspondencia-recebida/cicero-cavalcanti-goiania-go-6>>. Acesso em: 25 de maio de 2017

O GLOBO: Relembre o 'Grande resenha Facit', primeira mesa-redonda da TV, de 1963, ano 2014. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/cultura/revista-da-tv/relembre-grande-resenha-facit-primeira-mesa-redonda-da-tv-de-1963-12752794>>. Acesso em 3 de dezembro de 2016.

PROFESSOR SERGIO: Seleção Brasileira: Copa de 1958 - Campeã! Disponível em:

<<http://teachersergio.no.comunidades.net/selecao-brasileira-copa-de-1958-campea>>. Acesso em: 3 de dezembro de 2016

PROJETO CORDEL: O Futebol no Sertão, ano 2009. Disponível em: <http://www.projetocordel.com.br/valentim_quaresma/futebol_no_sertao.htm>. Acesso em 02 maio de 2017.

RESISTÊNCIA EM ARQUIVO: Ufanismo e milagre econômico em tempos de chumbo, ano 2014. Disponível em: <<https://resistenciaemarquivo.wordpress.com/tag/brasil-ame-o-ou-deixe-o/>>. Acesso em: 25 de maio de 2017.

REVISTA ESCUTA: Domadores de Emoções? Qual o lugar dos técnicos no futebol brasileiro?, ano 2016. Disponível em: <<https://revistaescuta.wordpress.com/2016/06/23/domadores-de-emocoes-qual-o-lugar-dos-tecnicos-no-futebol-brasileiro/>>. Acesso em: 15 de maio de 2017.

SELEÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL: Brasil jamais perdeu com Garrincha e Pelé, ano 2016. Disponível em: <http://selecao.cbf.com.br/noticias/todas/xxx-10#.WWu6-P_yvog>. Acesso em: 24 de novembro de 2016.

TRIVELA UOL: Garrincha, 80 anos: 7 histórias incríveis da Alegria do Povo, ano 2013. Disponível em: <<http://trivela.uol.com.br/sete-historias-de-garrincha/>>. Acesso em 4 junho de 2017.

SÚMULA DA PARTIDA – ANEXOS

ANEXO I

5. A REALEZA DE PELÉ

Depois do jogo América x Santos*, seria um crime não fazer de Pelé o meu personagem da semana. Grande figura, que o meu confrade Albert Laurence chama de “o Domingos da Guia do ataque”. Examinei a ficha de Pelé e tomei um susto: — dezessete anos! Há certas idades que são aberrantes, inverossímeis. Uma delas é a de Pelé. Eu, com mais de quarenta, custo a crer que alguém possa ter dezessete anos, jamais. Pois bem: — verdadeiro garoto, o meu personagem anda em campo com uma dessas autoridades irresistíveis e fatais. Dir-se-ia um rei, não sei se Lear, se imperador Jones, se etíope. Racialmente perfeito, do seu peito parecem pender mantos invisíveis. Em suma: — ponham-no em qualquer rancho e a sua majestade dinástica há de ofuscar toda a corte em derredor.

O que nós chamamos de realeza é, acima de tudo, um estado de alma. E Pelé leva sobre os demais jogadores uma vantagem considerável: — a de se sentir rei, da cabeça aos pés. Quando ele apanha a bola, e dribla um adversário, é como quem enxota, quem escorraça um plebeu ignaro e piolhento. E o meu personagem tem uma tal sensação de superioridade que não faz cerimônias. Já lhe perguntaram: — “Quem é o maior meia do mundo?”. Ele respondeu, com a ênfase das certezas eternas: — “Eu”. Insistiram: — “Qual é o maior ponta do mundo?”. E Pelé: — “Eu”. Em outro qualquer, esse desplante faria rir ou sorrir. Mas o fabuloso craque põe no que diz uma tal carga de convicção, que ninguém reage e todos passam a admitir que ele seja, realmente, o maior de todas as posições. Nas pontas, nas meias e no centro, há de ser o mesmo, isto é, o incomparável Pelé.

Vejam o que ele fez, outro dia, no já referido América x Santos. Enfiou, e quase sempre pelo esforço pessoal, quatro gols em Pompéia. Sozinho, liquidou a partida, liquidou o América, monopolizou o placar. Ao meu lado, um americano doente estrebuchava: — “Vá jogar bem assim no diabo que o carregue!”. De certa feita, foi até desmoralizante. Ainda no primeiro tempo, ele recebe o couro no meio do campo. Outro qualquer teria despachado. Pelé, não. Olha para a frente e o caminho até o gol está entupido de adversários. Mas o homem resolve fazer tudo sozinho. Dribla o primeiro e o segundo. Vem-lhe ao encalço, ferozmente, o terceiro, que Pelé corta sensacionalmente. Numa palavra: — sem passar a ninguém e sem ajuda de ninguém, ele promoveu a destruição minuciosa e sádica da defesa rubra. Até que chegou um momento em que não havia mais ninguém para driblar. Não existia uma defesa. Ou por outra: — a defesa estava indefesa. E, então, livre na área inimiga, Pelé achou que era demais driblar Pompéia e encaçapou de maneira genial e inapelável.

Ora, para fazer um gol assim não basta apenas o simples e puro futebol. É preciso algo mais, ou seja, essa plenitude de confiança, de certeza, de otimismo, que faz de Pelé o craque imbatível. Quero crer que a sua maior virtude é, justamente, a imodéstia absoluta. Põe-se por cima de tudo e de todos. E acaba intimidando a própria bola, que vem aos seus pés com uma lambida docilidade de cadelinha. Hoje, até uma cambaxirra sabe que Pelé é imprescindível na formação de qualquer escrete. Na Suécia, ele não tremerá de ninguém. Há de olhar os húngaros, os ingleses, os russos de alto a baixo. Não se inferiorizará diante de ninguém. E é dessa atitude viril e mesmo insolente que precisamos. Sim, amigos: — aposto minha cabeça como Pelé vai achar todos os nossos adversários uns pernas-de-pau.

Por que perdemos, na Suíça, para a Hungria? Examinem a fotografia de um e outro time entrando em campo. Enquanto os húngaros erguem o rosto, olham duro, empinam o peito, nós baixamos a cabeça e quase babamos de humildade. Esse flagrante, por si só, antecipa e elucida a derrota. Com Pelé no time, e outros como ele, ninguém irá para a Suécia com a alma dos vira-latas. Os outros é que tremerão diante de nós.

Manchete Esportiva, 8/3/1958

7. COMPLEXO DE VIRA-LATAS

Hoje vou fazer do escrete o meu numeroso personagem da semana. Os jogadores já partiram* e o Brasil vacila entre o pessimismo mais obtuso e a esperança mais frenética. Nas esquinas, nos botecos, por toda parte, há quem esbraveje: — “O Brasil não vai nem se classificar!”. E, aqui, eu pergunto: — não será esta atitude negativa o disfarce de um otimismo inconfesso e envergonhado?

Eis a verdade, amigos: — desde 50 que o nosso futebol tem pudor de acreditar em si mesmo. A derrota frente aos uruguaiois, na última batalha, ainda faz sofrer, na cara e na alma, qualquer brasileiro. Foi uma humilhação nacional que nada, absolutamente nada, pode curar. Dizem que tudo passa, mas eu vos digo: menos a dor-de-cotovelo que nos ficou dos 2 x 1. E custa crer que um escore tão pequeno possa causar uma dor tão grande. O tempo passou em vão sobre a derrota. Dir-se-ia que foi ontem, e não há oito anos, que, aos berros, Obdulio arrancou, de nós, o título. Eu disse “arrancou” como poderia dizer: — “extraiu” de nós o título como se fosse um dente.

E, hoje, se negamos o escrete de 58, não tenhamos dúvida: — é ainda a frustração de 50 que funciona. Gostaríamos talvez de acreditar na seleção. Mas o que nos trava é o seguinte: — o pânico de uma nova e irremediável desilusão. E guardamos, para nós mesmos, qualquer esperança. Só imagino uma coisa: — se o Brasil vence na Suécia, se volta campeão do mundo! Ah, a fé que escondemos, a fé que negamos, rebentaria todas as comportas e 60 milhões de brasileiros iam acabar no hospício.

Mas vejamos: — o escrete brasileiro tem, realmente, possibilidades concretas? Eu poderia responder, simplesmente, “não”. Mas eis a verdade: — eu acredito no brasileiro, e pior do que isso: — sou de um patriotismo inatural e agressivo, digno de um granadeiro bigodudo. Tenho visto jogadores de outros países, inclusive os ex-fabulosos húngaros, que apanharam, aqui, do aspirante-enxertado do Flamengo. Pois bem: — não vi ninguém que se comparasse aos nossos. Fala-se num Puskas. Eu contra-argumento com um Ademir, um Didi, um Leônidas, um Jair, um Zizinho.

A pura, a santa verdade é a seguinte: — qualquer jogador brasileiro, quando se desamarra de suas inibições e se põe em estado de graça, é algo de único em matéria de fantasia, de improvisação, de invenção. Em suma: — temos dons em excesso. E só uma coisa nos atrapalha e, por vezes, invalida as nossas qualidades. Quero aludir ao que eu poderia chamar de “complexo de vira-latas”. Estou a imaginar o espanto do leitor: — “O que vem a ser isso?”. Eu explico.

Por “complexo de vira-latas” entendo eu a inferioridade em que o brasileiro se coloca, voluntariamente, em face do resto do mundo. Isto em todos os setores e, sobretudo, no futebol. Dizer que nós nos julgamos “os maiores” é uma cínica inverdade. Em Wembley, por que perdemos? Porque, diante do quadro inglês, louro

e sardento, a equipe brasileira ganiu de humildade. Jamais foi tão evidente e, eu diria mesmo, espetacular o nosso vira-latismo. Na já citada vergonha de 50, éramos superiores aos adversários. Além disso, levávamos a vantagem do empate. Pois bem: — e perdemos da maneira mais abjeta. Por um motivo muito simples: — porque Obdulio nos tratou a pontapés, como se vira-latas fôssemos.

Eu vos digo: — o problema do escrete não é mais de futebol, ^[OBI]nem de técnica, nem de tática. Absolutamente. É um problema de fé em si mesmo. O brasileiro precisa se convencer de que não é um vira-latas e que tem futebol para dar e vender, lá na Suécia. Uma vez que ele se convença disso, ponham-no para correr em campo e ele precisará de dez para segurar, como o chinês da anedota. Insisto: — para o escrete, ser ou não ser vira-latas, eis a questão.

Manchete Esportiva, 31/5/1958

11. É CHATO SER BRASILEIRO!

Dizem que o Brasil tem analfabetos demais. E, no entanto, vejam vocês: — a vitória final, na Copa da Suécia, operou o milagre. Se analfabetos existiam, sumiram-se na vertigem do triunfo. A partir do momento em que o rei Gustavo da Suécia veio apertar as mãos dos Pelés, dos Didis, todo mundo aqui sofreu uma alfabetização súbita. Sujeitos que não sabiam se gato se escreve com “x” iam ler a vitória no jornal. Sucedeu essa coisa sublime: — analfabetos natos e hereditários devoravam vespertinos, matutinos, revistas e liam tudo com uma ativa, uma devoradora curiosidade, que ia do “lance a lance” da partida até os anúncios de missa. Amigos, nunca se leu e, digo mais, nunca se releu tanto no Brasil.

E a quem devemos tanto? Ao escrete, amigos, ao escrete que, hoje, é o meu personagem da semana, meu múltiplo personagem. Personagem meu, do Brasil e do mundo. Graças aos 22 jogadores, que formaram a maior equipe de futebol da Terra em todos os tempos, graças a esses jogadores, dizia eu, o Brasil descobriu-se a si mesmo. Os simples, os bobos, os tapados hão de querer sufocar a vitória nos seus limites estritamente esportivos. Ilusão! Os 5 x 2, lá fora, contra tudo e contra todos, são um maravilhoso triunfo vital de todos nós e de cada um de nós. Do presidente da República ao apanhador de papel, do ministro do Supremo ao pérapado, todos aqui percebemos o seguinte: — é chato ser brasileiro!

Já ninguém tem mais vergonha de sua condição nacional. E as moças na rua, as datilógrafas, as comerciárias, as colegiais, andam pelas calçadas com um charme de Joana d’Arc. O povo já não se julga mais um vira-latas. Sim, amigos: — o brasileiro tem de si mesmo uma nova imagem. Ele já se vê na generosa totalidade de suas imensas virtudes pessoais e humanas.

Vejam como tudo mudou. A vitória passará a influir em todas as nossas relações com o mundo. Eu pergunto: — que éramos nós? Uns humildes. O brasileiro fazia-me lembrar aquele personagem de Dickens que vivia batendo no peito: — “Eu sou humilde! Eu sou o sujeito mais humilde do mundo!”. Vivia desfraldando essa humildade e a esfregando na cara de todo mundo. E, se alguém punha em dúvida a sua humildade, eis o Fulano esbravejante e querendo partir caras. Assim era o brasileiro. Servil com a namorada, com a mulher, com os credores. Mal comparando, um são Francisco de Assis, de camisola e alpercatas.

Mas vem a deslumbrante vitória do escrete e o brasileiro já trata a namorada, a mulher, os credores de outra maneira; reage diante do mundo com um potente, um irresistível élan vital. E vou mais além: — diziam de nós que éramos a flor de três

raças tristes. A partir do título mundial, começamos a achar que a nossa tristeza é uma piada fracassada. Afirmava-se também que éramos feios. Mentira! Ou, pelo menos, o triunfo embelezou-nos. Na pior das hipóteses, somos uns ex-buchos.

E a quem devemos tanto? Ao meu personagem da semana. Ninguém aqui admitia que fôssemos os “maiores” em futebol. Rilhando os dentes de humildade, o brasileiro já não se considerava o melhor nem de cuspe à distância. E o escrete vem e dá um banho de bola, um show de futebol, um baile imortal na Suécia. Como se isso não bastasse, ainda se permite o luxo de vencer de goleada a última peleja. Foi uma lavagem total.

Outra característica da jornada: — o brasileiro sempre se achou um cafajeste irremediável e invejava o inglês. Hoje, com a nossa impecabilíssima linha disciplinar no Mundial, verificamos o seguinte: — o verdadeiro inglês, o único inglês, é o brasileiro.

Manchete Esportiva, 12/7/1958

20. OS QUE NEGAM GARRINCHA

Amigos, qualquer multidão é triste. Juntem 150 mil pessoas no Maracanã e vejam como imediatamente o estádio começa a exalar tristeza e depressão. Assim foi ontem, 1o de maio, Dia do Trabalho, e portões abertos para todo mundo*. Aquilo foi tomado de assalto. E, quando soou o apito inicial, tinha gente até no lustre.

Mas o que eu queria dizer é que, como qualquer multidão, aquela massa estava triste, fúnebre, inconsolável. E só mesmo o meu personagem da semana, Mané Garrincha, conseguiu arrancar do Maracanã entupido uma gargalhada generosa total. Vocês se lembram de Charlie Chaplin, em Luzes da ribalta, fazendo o número das pulgas amestradas? Pois bem, Mané deu-nos um alto momento chapliniano. E o efeito foi uma bomba.

Na primeira bola que recebeu, já o povo começou a rir. Aí é que está o milagre: — o povo ria antes da jogada, da graça, da pirueta. Ria adivinhando que Garrincha ia fazer a sua grande ária, como na ópera. Como se sabe, só o jogador medíocre faz futebol de primeira. O craque, o virtuose, o estilista, prende a bola. Sim, ele cultiva a bola como uma orquídea de luxo.

Foi uma das jogadas mais histriônicas de toda a vida de Mané. Primeiro, pulou por cima da bola. Fez que ia mas não foi. Pula pra lá, pra cá, com a delirante agilidade de 58. Lá estava a bola, imóvel, impassível, submissa ao gênio. E Garrincha só faltou plantar bananeiras. Três ou quatro gaúchos batiam uns nos outros, tropeçavam nas próprias pernas.

O importante, porém, é que a multidão, neurótica como toda multidão, ria, finalmente ria. E o som de 150 mil gargalhadas saiu do Maracanã e rolou por toda a cidade. Era mais uma ressurreição do Mané. Digo “ressurreição” porque o meu personagem da semana já teve vários atestados de óbito. Sabemos que ele está jogando no Corinthians e fazendo gols fantásticos. Não contente de fazer os próprios, tem sido, com seus passes magistralíssimos, o co-autor de não sei quantos gols alheios.

Pois bem. Mas há, na crônica, quem o trate como um defunto do futebol. Chega a ser patusca a insistência com que vários colegas anunciam a morte do Garrincha de 58 e de 62. E Mané tem que ser exumado. Só o povo é que, na sua imaculada boa-fé, não acredita no fim do ídolo. Sempre que ele recebia a bola, a multidão caía em estado de graça plena.

E vamos e venhamos: — para um defunto, Mané parecia ontem salubérrimo. Cabe então a pergunta: por que certos confrades teimam em não enxergar o óbvio ululante? Há várias explicações. Em primeiro lugar, os colegas alvinegros ressentidos contra o abominável ex-botafoguense. E há também a falta de bondade. Amigos, eu sempre digo que sem um mínimo de ternura não se chupa nem um Chica-bon. Os que negam Garrincha têm uma aridez de três desertos.

Mas o que importa, para nós, para o escrete, para o Brasil, é que Mané voltou a ser ele mesmo. Ainda ontem nós verificamos, mais uma vez, como é importante, como é decisiva a sua presença. Antes de mais nada, o adversário dá-lhe uma cobertura histórica de três e até quatro marcadores. Imaginem lá fora, imaginem na Inglaterra. Sempre que ele receber a bola, lord Nelson há de tremer na tumba e a “Divina Dama” há de chorar lágrimas de esguicho.

O Globo, 2/5/1966

28. O ENTENDIDO, SALVO PELO RIDÍCULO

Por que o Brasil não gosta do Brasil e por que nos falta um mínimo de auto-estima? É a pergunta que me faço, sem lhe achar a resposta. Dirão vocês que exagero e que não é tanto assim, que diabo. Responderei que é tanto assim ou pior. Vocês se lembram da Passeata dos 100 Mil, a famosíssima Passeata dos 100 Mil?

Os meus leitores, se é que os tenho, já repararam que eu a cito muito. Posso dizer que é uma das minhas referências mais obsessivas. E por quê? Quem quiser entender as nossas elites e o seu fracasso encontrará nos 100 Mil um dado essencial. Não havia, ali, um único e escasso preto. E nem operário, nem favelado, e nem torcedor do Flamengo, e nem barnabé, e nem pé-rapado, nem cabeça-de-bagre. Eram os filhos da grande burguesia, os pais da grande burguesia, as mães da grande burguesia. Portanto, as elites.

E sabem por que e para que se reunia tanta gente? Para não falar no Brasil, em hipótese nenhuma. O Brasil foi o nome e foi o assunto riscado. Falou-se em China, falou-se em Rússia, ou em Cuba, ou no Vietnã. Mas não houve uma palavra, nem por acaso, nem por distração, sobre o Brasil. Picharam o nosso Municipal com um nome único: — Cuba. Do Brasil, nada? Nada.

As elites passavam gritando: — “Vietnã, Vietnã, Vietnã!”. E, quanto ao Brasil, os 100 Mil faziam um silêncio ensurdecedor. Tanto vociferaram o nome de Vietnã, de Cuba e China, que minha vontade foi replicar-lhes: — “Rua do Ouvidor, rua do Ouvidor, rua do Ouvidor!”. Simplesmente, o Brasil não existe para as nossas elites. Foi essa a única verdade que trouxe, em seu ventre, a Passeata dos 100 Mil.

Estou apresentando um exemplo e poderia citar muitos outros. Vamos ficar por aqui. Há um momento, todavia, em que todos se lembram do Brasil, em que 90 milhões de brasileiros descobrem o Brasil. Aí está o milagre do escrete. Fora as esquerdas, que acham o futebol o ópio do povo, fora as esquerdas, dizia eu, todos os outros brasileiros se juntam em torno da seleção. É, então, um pretexto, uma razão de auto-estima. E cada vitória compensa o povo de velhas frustrações, jamais cicatrizadas.

Não sei se contei o caso de certo amigo meu. É o que se chama um boa-vida. Sua mesa tem vinhos raros e translúcidos. Um dia, ocorreu-lhe um capricho voluptuoso e tomou um banho de leite de cabra. Perguntei-lhe: — “Que tal?”. Respondeu: — “Assim, assim”. Duas vezes por ano, dá uma volta pela Europa. Pois bem. É esse amigo que me confessa: — “Só me sinto brasileiro quando o escrete

ganha”. Fora disso, passa anos sem se lembrar do Pão de Açúcar ou sem pensar na Vista Chinesa, recanto ideal para matar turista argentino.

Domingo ele bateu o telefone para mim. No seu desvario, berrava: — “Ganhamos da Inglaterra!”*. Chorava: — “Como é bom ser brasileiro!”. E, durante toda a Copa, será um brasileiro de esporas e penacho. Também a grã-fina das narinas de cadáver me ligou. Soluçava: — “Brasil! Brasil! Brasil!”. Mais tarde, eu a vi, patética, enrolada na bandeira brasileira. Parecia uma Joana d’Arc da seleção.

O meu assunto de hoje é, justamente, o escrete que está maravilhando o mundo. Tem sua história, tem a sua lenda. Antes de mais nada, não pensem que se improvisa um escrete da noite para o dia. Não. É todo um secreto, um misterioso, um profundo trabalho de gerações. Até que, um dia, há o milagre: — juntam-se, então, no mesmo time, um Pelé e um Gérson, um Rivelino, um Jairzinho.

Vocês viram o nosso gol contra a Inglaterra. Foi uma obra-prima. Começou em Tostão, que passou a Paulo César. Paulo César novamente a Tostão. Este trabalha a bola. A área inglesa era uma ferocíssima selva de botinadas. Cada milímetro estava ocupado. Tostão dribla um inglês, e mais outro inglês, um terceiro inglês. E vinham outros, e mais outros e outros mais. Tostão vira-se e entrega a Pelé. Três adversários envolvem o sublime crioulo. Este, rápido, empurra para Jairzinho, enganando todo mundo.

Era um gol que não podia ser feito porque a muralha de cabeças estava lá, inultrapassável. Mas tudo teve a solução fulminante do talento. A bola deslizou para Jairzinho. No seu banco, Alf Ramsey, o técnico inglês, parecia certo de que seus jogadores iam frustrar o ímpeto e o virtuosismo dos nossos.

Não sei se vocês sabem, mas esse Ramsey é um caso de imodéstia delirante. Declarara à imprensa internacional: — “A Inglaterra vai ganhar, porque o Brasil não tem defesa. Félix, Brito e Piazza são horrorosos”. Vejam a polidez, a cerimônia, a reverência desse cavalheiro. Os rapazes da imprensa perguntaram: — “E Pelé?”. Achou graça: — “Ora, Pelé”. E disse que tinha meios e modos de apagar o Rei. O que Ramsey queria dizer, por outras palavras, é que os brasileiros não são de nada.

Volto ao passe de Pelé. A bola está no pé de Jairzinho. Esquecia-me de contar uma outra do mesmo Ramsey. Ele também declarou que os negros brasileiros rebolam muito. Não disse rebolam, mas ponham aí uma palavra equivalente. Pois bem: — eis o fato: — Jairzinho arranca. A bola sabe quando vai ser gol e se ajeita para o gol. E Jairzinho, que era a maior saúde em campo, ainda ultrapassou um inglês; e encheu o pé. Era o gol de uma das mais belas, mais perfeitas, irretocáveis vitórias brasileiras de todos os tempos.

O próprio Ramsey, apesar de sua máscara de ferro, dizia depois do jogo que, na altura do gol brasileiro, a defesa inglesa estava entregue às baratas. O certo, o lógico é que, depois do gol, as coisas acontecessem numa progressão fulminante de catástrofe. Mas diz o Ramsey: — “Os brasileiros recuaram para defender o 1 x 0. O que seria de nós se eles não recuassem?”.

Mas não tem sido fácil a vida do escrete. Por exemplo: — Paulo César sofreu em São Paulo uma experiência inédita: — uma vaia de noventa minutos. Isso corresponde a um linchamento. Só não entendo, até hoje, como ele conseguiu sobreviver. Nem se pense que foi ele o único. Mas não vamos amaldiçoar as vaias ao escrete. Elas o fizeram, elas o virilizaram. A jornada brasileira no México é uma vingança contra as vaias.

E o que a seleção e, antes da seleção, o que sofreu o futebol brasileiro nas mãos dos “entendidos”. Tenho que abrir, neste momento, um tópico especial. O que é o “entendido”? Veremos se posso caracterizá-lo. É o cronista que esteve, em 66, na Inglaterra, e voltou com a seguinte descoberta: — o futebol europeu em geral e o inglês em particular eram muito melhores do que o nosso. Estávamos atrasados de quarenta anos para mais. Quanto à velocidade, era uma invenção européia. Os brasileiros andavam de velocípede e os europeus a jato. O “entendido” afirmava mais: — os times de lá não deixavam jogar. Essa foi genial. Imaginem vocês um time jogando e o adversário assistindo, como numa frisa de teatro. Por outro lado, o preparo físico dos europeus era esmagador. Como se não bastasse tudo o mais, ainda descobriu o “entendido”: — o futebol moderno não é bonito, não quer ser bonito e escorraçou o belo e artístico de suas cogitações. Bonito e artístico é o futebol sub- desenvolvido de Brasil e outros.

O jogo Brasil x Inglaterra desmontou vários mitos. A tal velocidade não existe. Os ingleses tinham períodos enormes em que ^{OBJ}preferiam o velocípede ao jato. A saúde de vaca premiada é a nossa e não a deles. Não há no time adversário um jogador com a furiosa plenitude de um Jairzinho ou de um Pelé. Uma mentira a história de que os europeus não deixam jogar. E como não deixam, se Tostão comeu três, Pelé enganou mais três e Jairzinho ultrapassou mais um, antes de fazer o gol? O pau-de-arara de ouro, Clodoaldo, corre mais do que todo o escrete inglês junto. E vem o “entendido” e declara, solene, enfático, hierático: — “Nós não somos os melhores”. Pois os lorpas, os pascácios, acreditam. Basta Brasil x Tcheco-Eslováquia, ou Brasil x Inglaterra que tudo não passa de uma impostura inédita. Vou concluir: — o “entendido” só não se torna abominável porque o ridículo o salva.

O Globo, 10/6/1970

29. O MAIS BELO FUTEBOL DA TERRA

Em 58, na véspera de Brasil x Rússia, entrei na redação. Tiro o paletó, arregaço as mangas e pergunto a um companheiro: — “Quem ganha amanhã?”. Vira-se para mim, mascarando um pau de fósforo. Responde: — “Ganha a Rússia, porque o brasileiro não tem caráter”.

Eis a opinião dos brasileiros sobre os outros brasileiros: — não temos caráter. Se ele fosse mais compassivo, diria: — “O brasileiro é um mau-caráter”. Vocês entenderam? O mau-caráter tem caráter, mau embora, mas tem. Ao passo que, segundo meu colega, o brasileiro não tem nenhum. Pois bem. No dia seguinte há o jogo e, no seu primeiro lance, Garrincha sai driblando russos e quase entra com bola e tudo.

Vejam: — diante do Brasil, a Rússia perdeu antes da luta. Bastou um momento de Mané para liquidá-la. Mas o que ainda me espanta é a frase do companheiro: — “O brasileiro não tem caráter”. Essa falta de auto-estima tem sido a vergonha, sim, tem sido a desventura de todo um povo. Ganhamos em 58, ganhamos em 62. Depois da Suécia e do Chile, seria normal que retocássemos um pouco a nossa imagem. Mas há os recalitrantes. Outro dia, um colega puxou-me para um canto. Olha para os lados e cochicha: — “Não somos os melhores”. E repetiu, de olho rútilo e lábio trêmulo: — “Não somos os melhores”. E por todas as esquinas e por todos os botecos há patrícios vendendo impotência e frustração.

Quando o escrete partiu para o México levando vaias jamais cicatrizadas, vários jornais fizeram uma sinistra impostura. A seleção

ia para a guerra. Uma Copa é uma guerra de foice no escuro. Mas parte da nossa imprensa pôs a boca no mundo: — “Humildade, humildade!”. Eu pergunto: — o que é o brasileiro? O que tem sido o brasileiro desde Pero Vaz de Caminha? Vamos confessar a límpida, exata, singela verdade histórica: — o brasileiro é um pau-de-arara. Vamos imaginar esse pau-de-arara na beira da estrada. Que faz ele? Lambe uma rapadura. E além de lambe a rapadura? Raspa, com infinito deleite, a sua sarna bíblica.

E súbito encosta uma Mercedes branca, diáfana, nupcial. O cronista esportivo, que a dirige, incita o pau-de-arara: — “Seja humilde, rapaz, seja humilde!”. Vocês percebem a monstruosidade? Não basta ao miserável a sarna, nem a rapadura. Ainda lhe acrescentam a humildade. Certos rapazes da imprensa não perceberam que a humildade é defeito de reis, príncipes, duques, rainhas. Há pouco tempo, o papa assim se despediu de uma senhora brasileira: — “Reze por mim”, implorou sua santidade. Podia fazê-lo porque era a maior figura da Igreja.

Outro exemplo: — a mulher bonita. Conheci uma que era linda, linda. Quase uma Ava Gardner ou mais do que a Ava Gardner. Quando o marido entrava, ela se lançava não nos seus braços, mas aos seus pés. E fazia apenas isto: — beijava um sapato do marido e, depois, o outro sapato. Também podia fazer isso porque era maravilhosa. Por onde passava ia ateando paixões e suicídios. A humildade era a sua vaidade de mulher bonita.

Passo da mulher fatal ao escrete. Um escrete é feito pelo povo. E como o povo o fez? Com vaias. Nunca houve na Terra uma seleção tão humilhada e tão ofendida. E, além disso, os autores das vaias ainda pediam humildade. O justo, o correto, o eficaz é que assim incentivássemos a seleção de paus-de-arara: — “Tudo, menos humildade! Seja arrogante! Erga a cabeça! Suba pelas paredes! Ponha lantejoulas na camisa!”.

Chamo os nossos jogadores de paus-de-arara sem nenhuma intenção restritiva. O pau-de-arara é um tipo social, humano, econômico, psicológico tão válido como outro qualquer. Tem potencialidades inéditas, valores ainda não realizados.

Estou dizendo tudo isso na véspera, exatamente na véspera, de Brasil x Itália. É a finalíssima. Vejam vocês: — o escrete negado não três vezes, mas mil vezes — foi vencendo os seus adversários, um por um, não deixando pedra sobre pedra. Diziam que os europeus não deixam jogar. Pois bem: — quando se trata do Brasil, todo mundo o deixa jogar.

Foi assim com a Tcheco-Eslováquia, com a Inglaterra, a Romênia, o Peru e o Uruguai. O espectro de 50 está mais enterrado do que sapo de macumba. Bem que a pobre Inglaterra tentou o diabo para que o Brasil não jogasse. Mas vocês se lembram do nosso gol? Vejam quantos jogaram. Primeiro, Paulo César passou a Tostão. E Tostão resolveu jogar em cima dos ingleses. Em vez de passar de primeira, deu-se ao luxo voluptuoso de driblar um inimigo; mas era pouco para a sua fome, e driblou outro inimigo. Podia passar. Mas Tostão preferiu enfiar a bola por entre as pernas do terceiro inimigo. Adiante estava Pelé. E o estilista estende a Pelé. Cercado de ingleses por todos os lados, o semidivino crioulo toca para Jairzinho. Este podia ter atirado de primeira. Não: — achou que devia driblar mais outro inglês. E só então sua bomba foi explodir no fundo das redes.

Por que os ingleses não nos impediram do jogar? E, realmente, foi um gol feito com tão amorosa paciência, com tão fino labor e inexcedível virtuosismo. O leitor há de perguntar: — “Mas como, se os ‘entendidos’ diziam que o futebol brasileiro estava mais obsoleto do que o guarda-chuva do senador Paulo de

Frontin?”. Realmente, os “entendidos” tudo fizeram para acabar com o nosso craque. Queriam que nós imitássemos os defeitos europeus. Queriam tirar do nosso futebol toda a magia, toda a beleza, toda a plasticidade, toda a imaginação. Faziam a apologia do futebol feio. Era como se estivessem apresentando o corcunda de Notre Dame como um padrão de graça e eugenia.

Mas a famosa velocidade está a merecer um capítulo especial. Com a maior solenidade, os “entendidos” acusavam o nosso futebol de lento. E o que se vê na Copa é esta coisa infinitamente patusca: a morosidade inteligentíssima dos brasileiros derrubou a velocidade burríssima dos europeus. Finalmente, diante dos resultados concretos, o povo não lê mais os “entendidos”. Desde a Tcheco-Eslováquia, aconteceu o cínico e deslavado milagre: nunca houve um escrete tão amado. Por outro lado, cada vitória faz a cidade explodir. E um dos nossos jornais tem a coragem de chamar a festa gigantesca de relativo carnaval.

Observem agora o que o escrete fez por nós. Há pouco tempo o brasileiro tinha uma certa vergonha de ser brasileiro. Conheço um patrício que andou ensaiando um sotaque para não trair a sua nacionalidade. Agora não. Agora acontece esta coisa espantosa: — todo mundo quer ser brasileiro. O país foi invadido por brasileiros, ocupado por brasileiros. Dizia-me o Francisco Pedro do Coutto: — “Nunca vi tantos brasileiros”. E outra coisa: — as mulheres estão mais lindas, e os homens mais fortes, e há uma bondade difusa, volatilizada, atmosférica. Jamais se cumprimentou tanto. E como sorrimos uns para os outros.

Apenas 24 horas nos separam da finalíssima. Quem jogará por nós é o melhor escrete da Copa. Enquanto os outros dão botinadas, o brasileiro faz a arte que os “entendidos” negam e renegam. Vocês devem ter visto, ontem, o tape de Inglaterra x Alemanha. O campo era varrido de correrias irracionais. Vale tudo, do gogó para cima. Vinte e dois homens, e mais o juiz e mais os bandeirinhas, e aquela fauna triste de patadas.

Que falso futebol, que antifutebol. Amanhã, sim, amanhã o mais belo futebol do mundo jogará contra a Itália. E quando acabar o jogo vocês verão subir o nome do Brasil como um formidável berro em flor.

ANEXO III

AS TEIXEIRAS E O FUTEBOL

Com os Andradas tínhamos feito uma espécie de pacto; a gente não jogava bola na rua defronte a casa deles, mas um pouco para cima, onde havia um muro que dava para o quintal da casa; em compensação, eles deixavam a gente pular o muro e apanhar a bola quando caía lá. Mas o muro não era bastante comprido, e assim o nosso campo abrangia, como eu ia dizendo, algumas janelas das Teixeira. As quais, eu também já disse, não apreciavam o futebol.

Quando a gritaria na rua era maior, uma das Teixeira costumava nos passar um pito da janela, mandando a gente embora. O jogo parava um instante, ficávamos quietos, de cara no chão – e logo que ele saía da janela a peleja continuava. Às vezes aquela ou outra Teixeira voltava a gritar conosco – começavam por nos chamar de “meninos desobedientes” e acabavam nos chamando de “moleques”, o que nos ofendia muito (“Moleque é a senhora!” – gritou Chico uma vez), mas de modo algum nos impedia de finalizar a pugna.

Uma das Teixeira era mais cordial, chamava um de nós pelo nome, dizia que éramos meninos inteligentes, filhos de gente boa, portanto poderíamos compreender que a bola poderia quebrar uma vidraça. “Não quebra não senhora! Não quebra não senhora!” – gritávamos com absoluta convicção, e tratávamos de tocar o jogo para frente para não ouvir novas observações.

Um dia ela nos propôs jogar mais para baixo, então o Juquinha foi genial: “Não, senhora, lá não podemos porque tem a Dona Constança doente”, desculpa notável e prova de bom coração do nosso time.

“Então por que vocês não jogam mais para cima? – propôs ela com certa astúcia, e falando um pouco baixo, como se temesse que os vizinhos de cima ouvissem: “Ah, não, lá o campo não presta!”, argumento, aliás sincero, de ordem técnica, e portanto irrespondível.

“Eu vou falar com papai! Quando ele chegar vocês vão ver” – gritou certa vez uma das Teixeira mais antipáticas. Pois naquele momento o coronel de bigodes brancos ia chegando, o jogo parou, ele perguntou à filha o que era, ela disse “esses meninos fazendo algazarra aí, é um inferno, qualquer hora quebram uma vidraça” – mas o velho ouviu calado e entrou calado, sem sequer nos olhar, nem dar qualquer importância ao fato. Sentimos que o velho, sim, era uma pessoa realmente importante e um homem direito, e superior, e continuamos a nossa partida.

As queixas que algumas Teixeira faziam em nossa casa eram bem recebidas por mamãe, que lhes dava toda razão – “esses meninos estão mesmo impossíveis” -, e uma ou duas vezes nos transmitiu essas queixas sem convicção. De outra feita, como a conversa lá em casa versasse sobre as Teixeira, ouvimo-la dizer que fulana ou sicrana (duas das irmãs) eram muito boazinhas, muito simpáticas, mas beltrana, coitada, era tão enjoada, tão antipática, “ainda ontem estive aqui fazendo queixas de meus filhos”.

Mamãe era a favor de nosso time; mamãe, no fundo, e papai também (hoje, que o time e eles dois morreram, esta súbita certeza, ao meditar no distante passado, tem um poder absurdo, inesperado de me comover, até sentir um ardor de lágrimas nos olhos) – eles sempre foram a favor do nosso time!

E nosso caso com as Teixeira foi se agravando, como se verá.

ANEXO IV



Capa do cordel *O Futebol no Sertão*. Fonte: Projeto Cordel, 2009

O FUTEBOL NO SERTÃO

Futebol é alegria
 E o gol a grande emoção,
 O psicólogo defende,
 Faz liberar a tensão.
 Nesse campo eu vou entrar,
 Leitor eu quero falar
 Do futebol no sertão.

Não pense que falarei
 Do futebol dos milhões,
 Jogadores que ganharam
 Os títulos nas seleções,
 Quero falar das peladas,
 Partidas bem disputadas
 Nas quebradas dos sertões.

Eu sou esse homem torto,
 Do andar desaprumado,
 Correndo pelo sertão,
 Lugar muito iluminado...
 Trabalho de sol a sol,
 Depois vou pro futebol
 E nunca fico cansado.

1

No sítio onde eu nasci,
 Marcado pela pobreza,
 A começar pelo solo,
 São coisas da natureza,
 Por isso sofremos tanto
 A procura de um campo,
 Foi grande a nossa peleja.

Arranjamos um local,
 É um campinho pequeno,
 Espaço bem desigual,
 Sempre subindo e descendo,
 Uma pedrinha miúda,
 Vermelhinha, pontiaguda,
 Bem afiada, um veneno...

Descalço, nesse terreno
 E driblando a precisão,
 Sempre com falta de bola,
 De chuteira e de meiaõ.
 E para ser mais exato
 Pedindo aos candidatos
 No tempo da eleição...

2

Chegou ao sítio um barão,
Candidato a prefeito,
Fez uma reunião
Bem cordial e com jeito
E disse pra animar:
- Vou o esporte ajudar,
Só preciso ser eleito.

Meninos se eu ganhar
Não haverá mais pobreza...
Eu quero ofertar ao time
Um terno da Portuguesa,
Da qual eu sou torcedor,
Mas ninguém desconfiou
Que tudo era esperteza...

Eu tinha tanta certeza
Que o homem ia deixar
Terno, meião e chuteira,
Cheguei até a sonhar,
Na rede bateu meu pai:
- Meu filho assim você cai
Eu dando soco no ar...

3

Mas ao se aproximar
O dia da eleição,
Não gosto nem de lembrar,
Tamanha decepção...
O homem chamou o time
E anunciou o crime
Da chuteira e do meião...

Com um calçado na mão,
Começou a explicar:
- O terno eu não consegui,
Calção eu não posso dar,
Só tem meião e chuteira
E eu não vou fazer besteira,
Não posso mais confiar...

Agora eu vou entregar
Somente a do pé esquerdo,
Então depois que eu ganhar,
Acabará o segredo,
Quando eu já for o prefeito
Entrego a do pé direito,
Confiem, não tenham medo.

4

A equipe ficou triste,
 Nesse dia não treinou,
 O material entregue
 A cada um jogador
 Depressa foi devolvido
 Porque aquele bandido
 Graças a Deus não ganhou...

O time todo votou,
 Pois ninguém tinha juízo,
 Depois que o pleito passou
 Fez-se o que foi preciso,
 Continuou a treinar,
 Toda hora, sem parar
 Pra tirar o prejuízo...

Sertanejo pé pesado
 Couro grosso, casca grossa
 Tem coragem até demais
 Esse pessoal da roça,
 Começamos a ganhar
 Torneio em qualquer lugar,
 A vitória era nossa...

5

Fomos a um grande torneio
 Lá no Sítio Umarizeiro...
 O prêmio era de ponta
 Nem troféu e nem dinheiro...
 Naquela doce manhã
 Ganhamos uma marrã
 Para botar no chiqueiro...

O time com pulso firme,
 Alegre, feliz da vida...
 Ganhou lá no Sítio Altos
 Uma cabrinha parida,
 Um bode na Rua Nova,
 As conquistas eram a prova
 Que a equipe estava unida...

No Sítio Bezerro Morto,
 Numa tarde ensolarada:
 Uma novilha de porca
 Muito gorda, bem cevada
 Também engordou a lista
 Desse tempo de conquistas
 Da equipe consagrada...

6

Na hora da volta olímpica

Quase que deu confusão,
Deixaram o prêmio nas costas
Do pobre do capitão,
O coitado se esforçou
Quase que não completou
A volta de campeão.

Em fim, choveu no sertão,
Fizemos uma parada,
Fomos cuidar dos roçados
Diminuíram as peladas.
Zé Preto o treinador
Chamou o time e mostrou
Os títulos da temporada...

Uma galeria viva
E também muito esquisita,
Foi chamando cocho, cocho...
E mudou pra bita, bita...
Galinha, peru, marrã,
Foi essa a melhor manhã
Que eu passei na Bonita...
7

O treino, a dedicação,
O prazer de existir,
O respeito, a alegria
Sempre vão fazer surgir
Equipes de vencedores
Como a dos jogadores
Que listarei a seguir:

No gol ficava Carão,
Burrai e Zé Vaca Magra,
Corró, Antônio Morcego,
Buzica, Chico Chapada,
Valentim, Jiló, Melado
E Luís Arrupiado...
És a equipe formada.

Dê bola para as crianças,
Ensine-as a amar...
Onde você estiver
Não deixe de apoiar
Essa minha seleção,
Pois igual ao meu Sertão
Outro futebol não há.
Fim

ANEXO V



Joao Saldanha e Nelson Rodrigues no “Grande resenha Facit”, na década de 1960.
Fonte: O Globo, 2014.

ANEXO VI



O Diário Carioca afirmava que o Brasil seria Campeão. Fonte: ACERJ, 2015

ANEXO VII



Gol que resultou no título uruguaio, na copa de 1950. Fonte: Acervo da Bola

ANEXO VIII

Sexta-feira, 21 de Julho de 1950 MUNDO ESPORTIVO - 7 -

DRAMA, TRAGEDIA E RIDICULO!

Com a vitória do Uruguai, encerrou-se a disputa do IV Campeonato Mundial de Futebol. Virou-se a última página do vigoroso drama que se estudou a alma dos brasileiros e agora, passados os primeiros instantes de mágoa e decepção, podemos amalhar, friamente, as causas que determinaram a dolorosa tragédia do futebol brasileiro. Não temos o propósito de desmerecer o triunfo uruguayo, que foi legítimo e indiscutível. Tão pouco movemos o desejo de ferir este ou aquele. Visamos, antes de tudo, apontar os erros que presidiram os preparativos e a orientação do nosso quadro, e nisso não faremos mais do que repetir os gritos de alerta que, patriótica-

REDUZIDAS A PO' AS MAIS LIDIMAS ESPERANÇAS — FLAVIO COSTA, SINAL DOS TEMPOS — MAU CRITERIO NA CONVOCAÇÃO — MANIA DOS "MEDALHÕES" — INTERFERENCIA PERHICIOSA — VOLUPIA DE SUPERIORIDADE — INCOMPETENCIA — ASA NEGRA, MANDINGA E PE' DE COELHO — MAL NECESSARIO

maior dose de energia ao selecionado. Aliás, nesse ponto residiu a grande diferença entre o Brasil e o Uruguai, porquanto os campeões harmonizaram bem o espírito novo e cheio de fibra de Gigghia, Julio Peres e Matias Gozales com a experiência de veteranos como Varela, Teixeira e Maspoli. Nós preferimos uma seleção que alguém no Rio, com muita propriedade, batizou de "Scratch dos tavões"

✱
ESCREVEU
ODILON C. BRAZ
✱

porle o grande é aquele que perde com dignidade, sem achincalhar o merito dos vencedores. Reconhecemos a magnitude da vitória dos uruguayos. Lamentamos apenas, que a

palavra aos seus comandados no intervalo nem sequer instruiu os elementos da defesa para que empregassem a tática de homem a homem.

19 — **EL-PERSTIÇÃO E FELTIÇO:** É doloroso confessar, mas parecemos um povo tristemente atrasado. Parece invermel que ainda se acredite em superstição e felitiço, em plena século XX. Tanto mais doloroso, porque gestos dessa natureza parecem de dirigentes, os quais, em suas exortações, pedem aos craques e assistentes que adotem a mesma posição

Impedindo a ação construtora de Bauer e Jair. Sim, todos viram, menor Flavio Costa, que nada fez para modificar a situação. Nem mesmo para ordenar maior cuidado na defesa, depois do gol de Friaça. Qualquer quadro, naquelas condições, não deixaria fugir o título. Nós deixamos. Porque somente Augusto e Juvenal tiveram noção do perigo. Todos os

5 — **YEMOSIA:** Este é um

Manchete Mundo Esportivo sobre tragédia do Maracanã. Fonte: ACERJ, 2015

ANEXO IX

CAMPEÃO O URUGUAI

NUMA ESPLÉNDIDA DEMONSTRAÇÃO DE COMBATIVIDADE, A SELEÇÃO ORIENTAL CONQUISTOU A TAÇA JULES RIMET – BAQUEOU O ESQUADRÃO BRASILEIRO, AO TERMO DE EMPOLGANTE ARRANCADA – DA EXPECTATIVA FREMENTE À DECEPÇÃO AMARGA – EXEMPLAR A ATITUDE DA MULTIDÃO ONTEM PRESENTE AO ESTADIO, INCENTIVANDO AS NOSSAS CORES E APLAUDINDO OS VENCEDORES – DUAS FALHAS LAMENTÁVEIS TORNARAM MAIS PATENTE UMA TARDE INFELIZ DOS JOGADORES PATRICIOS



Mazoni Milton Gonzales Tejera Gambetta Odete Varela Rodrigo Andrade Giglio João Pessoa

NOVAMENTE COM OS OLÍMPICOS

ANO XXV — N. 3011 — Rio — Segunda-Feira, 17 de Junho de 1952

O GLOBO

FUNDAÇÃO DE IRINEU MARRAS
 Diretor-Editor-Chefe: ROBERTO MARINHO
 Diretor-Administrativo: HERBERT MOSES
 Diretor-Geral: RICARDO MARINHO J. RASTOS PADILHA

CENTO E SESSENTA E NOVE FERIDOS

As pessoas acorreram, ontem, ao Estádio Municipal

ESTAVA pronta a multidão para o quadro que deveria dar ao Brasil a primeira conquista do mundo. Uma greme de Amazonas, goleiro de Rio Grande do Sul e de todos os jogadores do Brasil para assistir ao que seria o maior feito do esporte brasileiro em todos os tempos. Mas os jogadores não chegaram a entrar na pista de esporte. Provavelmente não haverá mais título nesta "Copa do Mundo" no Brasil, a menos que se reúna novamente. E se o Brasil perder? Se a Seleção de futebol não for acompanhada rapidamente de uma nova dinastia no esporte. Quem poderia substituir a qualidade de um certo Brasil, dia 17?




Manchete de O Globo sobre tragédia do Maracanã. Fonte: Acervo O Globo

ANEXO X



Conquista da Copa de 58, na Suécia. Fonte: Acervo O Globo

ANEXO XI



Conquista da Copa de 58, na Suécia. Fonte: Professor Sergio

ANEXO XII

Vida Esportiva

O Brasil na Taça do Mundo

(Por Isaac Cook — Nosso enviado especial) — Entre outros ensinamentos, o V Campeonato Mundial de Futebol apontou-nos a necessidade de se incluir um minucioso e rigoroso teste psicológico por ocasião da escolha de jogadores para o selecionado brasileiro, já que reações inesperadas foram reveladas nos gramados da Suíça. Quando deploramos a derrota do quadro brasileiro nos quartos de finais, não quisemos, como não queremos, atribuir culpas ou acusar jogadores por falta de empenho na partida contra a Hungria. Não seria licito, não passaria de grande injustiça deixar de reconhecer que todos, de Castilho a Maurinho, depois de vencida a inércia dos primeiros minutos em que se registraram os dois pontos do adversário — todos se multiplicaram em esforços, entregando-se a uma reação entusiástica e que logo transformou o panorama da peleja, que com a fulminante saída dos húngaros parecia a eles pertencer inteiramente. De fato, não foram raras as ocasiões em que a assistência (os brasileiros contaram com uma boa parcela de simpatizantes, além da sua própria torcida); vibrou com as investidas dos nossos jogadores e naturalmente mais ainda quando Julinho, Didi, Indio, Humberto e Maurinho se acercavam da área húngara com a bola nos pés. Bastasse um esforço, espírito de luta e desejo de vitória para garantir triunfo em futebol — o Brasil teria, não tenhamos dúvida, vencido a Hungria e certamente teria sido o campeão de 1954.

Mas a mesma franqueza que nos leva a reconhecer o empenho de cada um dos nossos jogadores naquele embate, convence-nos de que alguma coisa faltou, alguma coisa que, em forma de desequilíbrio dos nervos, não lhes permitia ailar ao seu desejo de vitória uma situação firme, eficiente e produtiva.

Confessamos não poder fixar aqui, para não avançarmos em terreno estranho e perigoso, as causas talvez raciais, talvez morais, talvez sentimentais que possam ter influído para tal estado de coisas. Mas a impressão que tivemos e que continuamos a ter é a de que, com exceção de Djalma Santos, Julinho, Indio e

Maurinho, todos os demais componentes da nossa turma não conseguiram desvencilhar-se do pavor gerado através da intensa, vigorosa e constante propaganda dos jornais em favor do quadro húngaro, nem mesmo diante das manifestações estimulantes da torcida que do Brasil enviou-lhes centenas de telegramas de apelo. Há quem diga que tais manifestações, as quais se juntou inteligente e fervorosa oração do chefe da delegação, sr. João Lira Filho, teriam provocado certa tensão emocional aos jogadores. Não cremos. Tantas e tão bonitas palavras de carinho, de fé e de esperança, depois de um tão frio desempenho no jogo anterior com a Iugoslávia, deveriam produzir, como ao passo ver produziram, uma força propulsora no espírito dos nossos jogadores; apenas não exerceriam, de um momento para outro, ação reformadora da personalidade individual, a ponto de convencê-los de que a turma húngara ou qualquer outra não era invencível.

Um complexo que o desejo de vitória não eliminou e que o "sistema" agravou com a constância dos ataques iniciais dos húngaros, que teriam parecido, aos olhos e ao pensamento daqueles nossos jogadores, os leões que a propaganda pró-Europa procurou fazer crer.

A exibição do "Miami Jack"

ANEXO XIII



Pelé e Garrincha. Fonte: Seleção Brasileira de Futebol, 2016

ANEXO XIV



Garrincha acerta um petardo na trave do goleiro russo. Fonte: Jornalheiros, 2012

ANEXO XV

GABRIEL HANOT

BRÉSIL - U.R.S.S.

LA BOMBE HIROSHIMA DU FOOTBALL

ON se disait, ce 15 juin, à Göteborg : « Le Championnat du monde 1958 pourrait bien se jouer ici, aujourd'hui, entre le Brésil et l'U.R.S.S. ! » Et 51.000 spectateurs établirent le record des entrées. Ils avaient vu juste.

Non seulement le gagnant de la rencontre — le Brésil — prit une option sur le titre de champion du monde, mais encore la foule admira l'envolée la plus verticale jamais réussie sur un terrain de football.

Cette envolée, elle est due certes à une équipe consciente de jouer une rencontre capitale, et aussi, et surtout, à trois hommes, trois avants : Vava, le réalisateur, qui marqua les deux buts ; Garrincha et Pelé.

Vava jouait son deuxième match, et il voulait écartier définitivement son jeune rival, Maxzolla ; Garrincha et Pelé jouaient leur premier match et ils tenaient à s'imposer irrésistiblement, afin de prouver que leur mise en réserve pour les deux premières confrontations, avec l'Autriche et l'Angleterre, avait été une erreur, sinon une injustice.

Passa encore pour Pelé, qui était arrivé en Suède convalescent d'une blessure au genou, et qui ne compte que 17 ans et demi d'âge. Mais Garrincha, qui a 24 ans et qui se trouvait en pleine possession de ses moyens ! L'ailier droit s'était morfondu jusque-là : il avait expliqué, après le match nul avec l'Angleterre, combien il aurait été facile de battre l'arrière gauche Banks et toute l'équipe opposée ; mais qu'il était prêt à retourner au Brésil, puisqu'il n'était pas fait appel à ses services. Bref, sous la pression de l'opinion publique sportive, Feola se résigna à l'incorporer dans sa formation, et le succès fut foudroyant.

Garrincha, dès la première balle, à la minute initiale de la partie, démarra comme lui seul sait démarrer au monde, laissa sur place Kousnetzov, fonça sur Yachine et déclencha dans sa foulée un tir qu'on ne vit pas partir, mais que l'on vit arriver : sur le montant gauche du but soviétique. Un grondement de stupeur et d'admiration passa comme une tornade sur le stade Ullevi.

A la 2^e minute, Pelé confirma l'exploit de Garrincha en tirant sur le montant droit du but de Yachine. A la 3^e minute, Vava, lancé par Didi, marqua le 1^{er} but. A la 5^e minute, Pelé manqua un lob : seul devant Yachine avancé, il enleva la balle au-dessus du gardien, mais la trajectoire fut un peu trop haute et passa au-dessus de la barre transversale.

En 5 minutes donc, le Brésil aurait pu compter 4 buts. L'équipe de l'U.R.S.S. était démembrée, terrassée, clouée au sol.

Ce fut la bombe Hiroshima du Football.



Jean

ILS avaient dû bler : toutes rapide Collin rasoir.

Enfin, ils l'avaient été heureux.

Ils ne savaient finale; ils ne savaient finalistes; ils ne savaient en définitive, et

Reportagem original, de Gabriel Hanot, em francês. Fonte: Revista Escuta

ANEXO XVI



Foto tirada na Biblioteca Nacional. Fonte: próprio autor, 2016.

ANEXO XVII



Foto tirada na Biblioteca Nacional. Fonte: próprio autor, 2016

ANEXO XVIII

Foot-ball mulato

Gilberto FREYRE

(Para os "Diários Associados")

Um reporter me perguntou ante-hontem o que eu achava das "admiráveis performances brasileiras nos campos de Strasburgo e Bordeaux."

Respondi ao reporter — que depois inventou ter conversado comigo em plena praça publica, entre solavancos da multidão patriótica na propria tarde da victoria dos brasileiros contra os tchecoslovacos — que uma das condições dos nossos triumphos, este anno, me parecia a coragem, que afinal tivemos completa, de mandar á Europa um team fortemente afro-brasileiro. Brancos, alguns, é certo; mas grande numero, pretalhões bem brasileiros e mulatos ainda mais brasileiros.

Porque a escolha de jogadores brasileiros para os encontros internacionais andou por algum tempo obedecendo ao mesmo criterio do Barão de Rio Branco quando senhor-todo-poderoso do Itamaraty: nada de pretos nem de mulatos chapados; só brancos ou então mulatos tão claros que parecessem brancos ou, quando muito cabóculos, deviam ser enviados ao estrangeiro. Mulatos do typo do illustre Domício da Gama a quem o Eça de Queiroz costumava chamar, na intimidade, de "mulato cor-de-rosa".

Morto Rio Branco, desaparecia o criterio anti-brasileiro do Brasil se fingir de Republica de arianos perante os estrangeiros distantes que só nos conhecessem stravez de ministros ruiuos ou de secretarios de legação de olhos azues. E de tal modo desapareceria o falso e injusto criterio da selecção de loutros que o proprio Barão seria substituído no Itamaraty por mulatos illustres — um delles o grande brasileiro que foi Nilo Peçanha.

Nilo Peçanha... Assistindo, tambem ante-hontem, á fita que reproduz o jogo dos brasileiros contra os polonezes, foi de quem me lembrei — de Nilo Peçanha. Porque o nosso estylo de foot-ball lembra o seu estylo politico.

O nosso estylo de jogar foot-ball me parece contrastar com o dos europeus por um conjunto de qualidades de surpresa, de manha, de astucia, de ligeireza e ao mesmo tempo

de espontaneidade individual em que se exprime o mesmo mulatismo de que Nilo Peçanha foi até hoje a melhor affirmação na arte politica.

Os nossos passes, os nossos pitus, os nossos despistamentos, os nossos floreios com a bola, o alguma coisa de dança e de capoeiragem que marca o estylo brasileiro de jogar foot-ball, que arredonda e adoça o jogo inventado pelos inglezes e por elles e por outros europeus jogado tão angulosamente, tudo isso parece exprimir de modo interessantissimo para os psychologos e os sociologos o mulatismo flamboyant e ao mesmo tempo malandro que está hoje em tudo que é affirmação verdadeira do Brasil.

Acaba de se definir de maneira inconfundivel um estylo brasileiro de foot-ball; e esse estylo é mais uma expressão do nosso mulatismo agil em assimilar, dominar, amolecer em dança, em curvas ou em musicas technicas europeas ou norte-americanas mais angulosas para o nosso gosto; sejam ellas de jogo ou de architectura. Porque é um mulatismo, o nosso — psychologicamente, ser brasileiro é ser mulato — inimigo do formalismo apolineo — para usarmos com alguma pedanteria a classificação de Spengler — e dyonisiaco, á seu geito — o grande geitão mulato. Inimigo do formalismo apolineo e amigo das variações; deliciando-se em manhas molleronas, mineiras á que se succedem surpresas de agilidade. A arte do songa-monga. Uma arte que não se abandona nunca á disciplina do methodo scientifico mas procura reunir ao sufficiente de combinação de esforços e de effeitos em massa a liberdade para a variação, para o floreio, para o improviso. Até mesmo a liberdade para a ostentação ou para a exhibição de talento individual num jogo de que os europeus tem procurado eliminar quasi todo o floreio artistico, quasi toda a variação individual, quasi toda a espontaneidade pessoal para accentuar a belleza dos effeitos geometricos e a pureza de technica scientifica. Sente-se nesse contraste o choque do mulatismo brasileiro com o arianismo europeu. É

claro que mulatismo e arianismo considerados não como expressões ethnicas mas como expressões psychico-sociales condicioradas por influencias de tempo e de espaço sociales.

O contraste pode ser alongado; o nosso foot-ball mulato, com seus floreios artisticos, cuja efficiencia — me nos na defesa que no ataque — ficou demonstrada brillantemente nos encontros deste anno com os polonezes e os tchecoslovacos é uma expressão de nossa formação social democratica como nenhuma.

Rebelde a excessos de ordenação interna e externa; a excessos de uniformização de geometrisação, de standardização; a totalitarismos que façam desaparecer a variação individual ou espontaneidade pessoal.

No foot-ball como na politica, o mulatismo brasileiro se faz marcar por um gosto de flexão, de surpresa, de floreio que lembra passos de dança e de capoeiragem. Mas sobretudo de dança. Dança dyonisiaca. Dança que permita o improviso, a diversidade, a espontaneidade individual. Dança lyrica.

Emquanto o foot-ball europeu é uma expressão apollinea — no sentido spengleriano — de methodo scientifico e de sport socialista em que a pessoa humana resulta mechanizada e subordinada ao todo — o brasileiro é uma forma de dança, em que a pessoa humana se destaca e brilha.

O mulato brasileiro descuepelou o foot-ball dando-lhe curvas, arredondados á graças de dança. Foi precisamente o que sentiu o chronista europeu que chamou aos jogadores brasileiros de "ballarinos da bola." Nós dançamos com a bola.

Havelock Ellis — que o meu amigo Agrippino Grieco não sei porque supõe um simples Mantegazza inglez, quando Ellis é, na verdade, um dos pensadores mais lucidos e um dos humanistas mais completos do nosso tempo — si visse o team brasileiro jogar foot-ball acrescentaria talvez um capitulo ao seu ensaio magnifico sobre a dança e a vida.

O estylo mulato, afro-brasileiro, de foot-ball é uma forma de dança dyonisiaca.

ANEXO XIX



Drible de Mané Garrincha. Fonte: Trivela Uol, 2013

ANEXO XX



Campanhas feitas no governo de Médici. Fonte: Resistência em arquivo

ANEXO XXI



Medici segurando a taça da copa de 1958. Fonte: Luiz Berto, 2015

ANEXO XXII



Jornal *O Globo* com a apropriação política da conquista. Fonte: Acervo *O Globo*, 2015

ANEXO XXIII



Desfile dos jogadores campeões de 1958, promovido pelo Governo. Fonte: Falando de Teologia e História, 2012

ANEXO XXIV



Desfile dos jogadores campeões de 1958, promovido pelo Governo. Fonte: Acervo O Globo, 2015